

EX-LIBRIS



RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES

Je ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

GONZAGA

OU

A REVOLUÇÃO DE MINAS

- José de Alencar**, A Expição, c., 2\$; Mãe, drama, 1\$500; As azas de um anjo, com., 1\$500.
- Dias Guimarães**, O poder do ouro, dr. 2\$; André-o fabricante, dr. 1\$500; Um homem de honra, dr.; Cerração no mar, scena dr, 500; Um Leão de casaca, s. comica, 500; A Engeitada, drama (no prelo).
- França Junior**, Direito por linhas tortas, c. em 4 a, 2\$; O defeito de familia, c. em 1 a. 1\$; Amor com amor se paga, c. 1 a. 1\$; Inglezes na costa, c. 1 a. 1\$; Typos da actualidade, c. 3 a. 2\$; Meia hora de cynismo, c. 1 a. 1\$; O typo brasileiro, c. 1 a. 1\$000.
- Dr. Macedo**, Remissão de peccados, c. 2\$; Romance de uma velha, c. 1\$600; O primo da California, c. 1\$; Luxo e vaidade, c. 2\$.
- Santos Leal**, Mysterios do alcazar, dr. 2\$; O Rocambole Junior, c. 1 a. 1\$. O estatuario, sc. dram. 400; O bandido, sc. dram. 400; O uzurario, sc. dram. 400; O sarrabulho, sc. com. 400; Supplico e copos, sc. com. 400; Novissima Castro, sc. com. 400.
- Mendes Leal**, Pedro, dr. 5 a. 1\$500; Abel e Caim, c. dr. 3 a. 1\$500; A afilhada do barão c. 2 a. 1\$500; Quem por fia mata caça, c. 2 a. 1\$. Egas Muniz, dr. 2\$000, e outros.
- Camillo C. Branco**, Justiça, dr. 2 a. 1\$; Como os anjos se vingão, dr. 1 a. 1\$; O condemnado, dr. 1\$500, e outros.
- Fontoura e Castro**, O Orphão e o Mendigo, dr. 2\$; Um duello a espeto, c. burlesca em 1 a. 1\$; Eu não me importo com a vida alheia, sc. comica, 500.
- Um Portuense**, José do Tealhado, dr. 2\$000.
- Fernandes**, Maria, com. drama 3 actos, 1\$000.
- Augusto Garraio**, O Sargento-mor de Villar, dr. 3 a. 1\$500; O porta-bandeira do 99 de linha, scenas da guerra franco-prussiana, dr. 1\$500; Os Trapeiros, dr.
- Quintino Bocayuva**, Os minairos da desgraça, dr. 2\$000.
- Pinheiro Guimarães**, História de uma moça rica, dr. 2\$ Punição, dr. 2\$000.
- Penna**, O irmão das almas, 1 a. 2\$; O caixeiro da taberna c. 1 a. 1\$; Quem casa quer casa c. 1 a. 1\$; O juiz de Paz da Roça c. 1 a. 1\$; Judas em sabbado c. Alleluia, c. 1 a. 1\$; Os dous o o inglez machinista, c. 1 a. 1\$; O Noviço, c. 3 a. 2\$; A familia e a festa da roça, c. 1 a. 1\$000.
- Almeida Garrett**, Fallar verdade a mentir, c. 1 a. 1\$; Luiz de Souza, dr. 1\$500. O Algemema de Santarena dr. 5 actos.
- Cezar de Lacerda**, Cynismo Scepticismo e creença, c. dr. 2\$; Os homens do mar, dr. 2\$; A Probidade, dr. 1\$500; Os homens que riem, c. 2\$; Homens feras, dr. 2\$; O Monarcha da Cochilhas, dr. 2\$; As mulheres de marmore, dr. trad. 2\$, e outros.
- Dias da S. Junior**, A noite de Natal, dr. 4 a. 2\$; O empuzario ambulante, sc. com. 500; Amante das harmonias, s. c. 500.
- Pascual**, A pupilla dos negros, Naçõs ou a força do sangue, dr. 2\$.
- João F. da Cruz**, Diabo, Dofunto e Militar, c. 2 a. 2\$; Uma sessão de Magnetismo, ou a mesa que responde, c. 1 a. 1\$; Alvaro da Cunha ou o cavalleiro do Alcacerquibir, dr. 2; O louco d'Evora ou Portugal restaurado drama, 2\$. Um phosphoro, c. 1 a.
- Fonseca Moreira**, Lagrimas perdidas, dr. 1 a. 1\$; Loucura da Mocidade, c. 1 a. 1\$; Trabalho e caridade, dr. em 1 prologo 3 actos, 1\$500.
- Augusto de Castro**, Tehang Tehing-Bung, c. 1 a. 1\$; Por um oculo c. 1 a. 1\$; A Ilha das Cobras naveespera da descoberta do Brazil, despropósito 1 a. 1\$000; A Ninhada de Meu Sogro, com. em 3 actos, 2\$000.
- Machado de Assis**, Desencantos, c. em 1 a. 1\$; Os deuses de casaca, c. em 1 acto 1\$500; O caminho da porta, c. em 1 a. 1\$; Protocollo, c. 1 a. 1\$000.
- Ernesto Cibrão**, Luiz, dr. 2\$

GONZAGA

OU

A REVOLUÇÃO DE MINAS

Drama historico brasileiro

POR

A. DE CASTRO ALVES

Precedido de uma carta do Exm. Sr. Conselheiro José de Alencar e de outra do Illm. Sr. Machado de Assis



RIO DE JANEIRO

NA LIVRARIA DO EDITOR

A. A. DA CRUZ COUTINHO

75 Rua de S. José 75

1875

Carta do Exm. Sr. Conselheiro José de Alencar ao
Illm. Sr. Machado de Assis.

Illm. Sr. Machado de Assis. Tijuca, 18 de Fevereiro
de 1868.

Recebi hontem a visita de um poeta.

O Rio de Janeiro não o conhece ainda; muito breve
o ha de conhecer o Brasil. Bem entendido, fallo do Brasil
que sente; do coração e não do resto.

O Sr. Castro Alves é hospede desta grande cidade,
de alguns dias apenas. Vai a S. Paulo concluir o curso
que encetou em Olinda.

Nasceu na Bahia, a patria de tão bellos talentos;
a Athenas brasileira que não cansa de produzir estadistas,
oradores, poetas e guerreiros.

Podia accrescentar que é filho de um medico illustre.
Mas para que? A genealogia dos poetas começa com seu
primeiro poema. E que pergaminhos valem estes sellados
por Deus?

O Sr. Castro Alves trouxe-me uma carta do Dr. Fer-
nandes da Cunha, um dos pontifices da tribuna brasileira.
Digo pontifice, porque nos caracteres dessa tempera, o
talento é uma religião, a palavia um sacerdocio.

Que jubilo para mim! Receber Cicero que vinha apre-
sentar Horacio, a eloquencia conduzindo pela mão a poesia,
uma gloria esplendida mostrando no horizonte da patria
a irradiação de uma limpida aurora!

Mas tambem quanto, nesse instante, deplorei minha
pobresa, que não permittia dar a tão caros hospedes regio

agazalho. Carecia de ser Hugo ou Lamartine os poetas-oradores, para preparar esse banquete da intelligencia.

Se ao menos tivesse nesse momento junto de mim a pleiade rica de jovens escriptores, á qual pertencem, o senhor, o Dr. Pinheiro Guimarães, Bocayuva, Muzio, Joaquim Serra, Varella, Rozendo Muniz, e tantos outros!...(*)

Entre estes porque não lembrarei o nome de Leonel de Alencar, a quem o destino fez ave de arribações na terra natal? Em litteratura não ha suspeição; todos nós, que nascemos em seu regaço, não somos da mesma familia?

Mas á todos, o vento da contrariedade os tem desfolhado por ahi como flores de uma breve primavera.

Um fez da penna espada para defender a patria. Alguns têm as azas crestadas pela indifferença; outros, como douradas borboletas, presas da teia da ranha, se debatem contra a realidade de uma profissão que lhes tolhe o vôo.

Felizmente estava eu na Tijuca.

O Sr. conhece esta montanha encantadora. A natureza a collocou á duas leguas da côrte, como um ninho para as almas cansadas de pousar no chão.

Aqui tudo é puro e são. O corpo banha-se em aguas cristalinas, como o espirito na limpidez deste céu azul.

Respira-se á larga, não sómente os ares finos que vigorão o sopro da vida, porém aquelle halito celeste do Creador, que bafejou o mundo recém-nascido. Só nos ermos em que não cahirão ainda as fezes da civilisação, a terra conserva essa divindade do berço

Elevando-se á estas eminencias, o homem approxima-

(*) Devia ter mencionado Salvador de Mendonça, Ferreira de Menezes, e Zaluár.

se de Deus. A Tijuca é um escabello entre o pantano e a nuvem, entre a terra e céo. O coração que sóbe por este genuflexorio para se prostrar aos pés do Omnipotente, conta tres degrãos: em cada um delles, uma contricção.

No alto da *Boavista*, quando se descortina longo, serpejando pela varzea, a grande cidade reptil, onde as paixões rastejão; a alma que se havia atrophiado nesse fóco do materialismo, sente-se homem. Em baixo éra uma ambição; em cima uma contemplação.

Transposto esse primeiro estadio, além para as bandas da Gavia, ha um logar que chamão *Vista Chinezsa*. Este nome lembra-lhe naturalmente um sonho oriental pintado em papel de arroz. É uma tela sublime, uma decoração magnifica deste inimitavel scenario fluminense. Dir-se-hia que Deus entregou á algum de seus archanjos o pincei de Apelles, e mandou-lhe encher aquelle panno de horizonte. Então o homem sente-se religioso.

Finalmente chega-se ao *Pico da Tijuca*, o ponto culminante da serra, que fica do lado opposto. Dahi os olhos deslumbrados vêm a terra, como uma vasta ilha a submergir-se entre os dous oceanos, o oceano do mar e o oceano do ether. Parece que estes dous infinitos, o abysmo e o céo, abrem-se para absorver um ao outro. E no meio dessas immensidades, um átomo, mas um átomo rei de tanta magnitude. Ahi o impio é christão e adora o Deus verdadeiro.

Quando a alma desce destas alturas e volve ao pó da civilisação, leva consigo uns pensamentos sublimes que do mais baixo remontão á sua nascença, pela mesma lei que faz subir ao nivel primitivo a agua derivada do topo da terra.

Nestas paragens não podia meu hospede soffrer jejum de poesia. Recebi-o dignamente. Disse a natureza que

puzesse a mesa, e enchesse as amphoras das cascatas de limpha mais deliciosa que o falerno do velho Horacio.

A Tijuca esmerou-se na hospitalidade. Ella sabia que o joven escriptor vinha do norte, onde a natureza tropical se espeneja em lagos de luz diaphana, e orvalhada de esplendores, abandona-se lasciva como uma odalisca ás caricias do poeta.

Então a natureza fluminense que tambem, quando quer, tem daquellas impudencias celestes, fez-se casta e vendou-se com as alvas roupagens das nuvens. A chuva a borrifou de aljofares; as nevoas delgadas resvalavão pelas encostas como as fimbrias da branca tunica roçagante de uma virgem christã.

Foi assim, a sorrir entre os nitidos véos, com um recato de donzella, que a Tijuca recebeu nosso poeta.

O Sr Castro Alves lembrava-se, como o senhor e alguns poucos amigos, de uma antiguidade de minha vida; que eu outr'ora escrevêra para o theatro. Avaliando sobre medida minha experiencia neste ramo difficil da litteratura, desejou lêr-me um drama, primicia de seu talento.

Essa producção passou pelas provas publicas já em scena competente para julga-la. A Bahia applaudiu com jubilos de mãi a ascenção da nova estrella de seu firmamento. Depois de tão brilhante manifestação, duvidar de si, não é modestia unicamente, é respeito á santidade de sua missão de poeta.

Gonzaga, é o titulo do drama que lemos em breves horas. O assumpto, colhido na tentativa revolucionaria de Minas, grande manancial de poesia historica ainda tão pouco explorado, foi enriquecido pelo autor com episodios de vivo interesse.

O Sr. Castro Alves é um discipulo de Victor Hugo, na architectura do drama, como no colorido da idéa. O poema

pertence á mesma escola do ideal ; o estylo tem os mesmos toques brilhantes.

Imitar Victor Hugo só é dado ás intelligencias de primor. O Ticiano de litteratura possui uma palheta que em mão de colorista mediocre mal produz borrões. Os moldes ousados de sua frase são como os de Benevenuto Cellini ; se o metal não fôr de superior afinação, em vez de estatuas sahem pastichios.

Não obstante, sob essa imitação de um modelo sublime desponta no drama uma inspiração original, que mais tarde ha de formar a individualidade litteraria do autor. Palpita em sua obra o poderoso sentimento da nacionalidade, essa alma da patria, que faz os grandes poetas, como os grandes cidadãos.

Não se admire de assimillar eu o cidadão e o poeta, duas entidades que no espirito de muitos andão inteiramente descontraídas. O cidadão é o poeta do direito e da justiça ; o poeta é o cidadão do bello e da arte.

Ha no drama *Gonzaga* exuberancia de poesia. Mas deste defeito a culpa não foi do escriptor ; foi da idade. Que poeta aos vinte annos não tem essa prodigalidade soberba de sua imaginação, que se derrama sobre a natureza, e a inunda ?

A mocidade é uma sublime impaciencia. Diante della a vida se dilata, e parece-lhe que não tem para vive-la mais que um instante. Põe os labios na taça da vida, cheia á transbordar de amor, de poesia, de gloria, e quizera estancar-a de um sorvo.

A sobriedade vem com os annos ; é virtude do talento viril. Mas entrado na vida, o homem aprende a poupar sua alma. Um dia, quando o Sr. Castro Alves reler o *Gonzaga*, estou convencido que elle ha de achar um drama esboçado, em cada personagem desse drama.

Olhos severos talvez enxerguem na obra pequenos senões.

Maria, achando em si forças para enganar o governador em um transe de suprema angustia, parecerá a alguns menos amante, menos mulher, do que deveria. A acção dirigida uma ou outra vez pelo accidente material, antes do que pela revolução intima do coração não terá na opinião dos realistas, a naturalidade moderna.

Mas são esses defeitos da obra, ou do espirito em que elle se reflecte? Muitas vezes já não surpreendeu seu pensamento á fazer a critica de uma flôr, de uma estrella, de uma aurora. Se o deixasse, creia que se elle lançaria á corrigir o trabalho do supremo artista. Não somos homens de balde: Deus nos deu uma alma, uma individualidade.

Depois da leitura de seu drama, o Sr. Castro Alves recitou-me algumas poesias. *A castata de Paulo Affonso*, *As duas ilhas* e *a Visão dos mortos*, não cedem as excellencias da lingua portugueza neste genero. Ouça-as o senhor que sabe o segredo desse metro natural, dessa rima suave e opulenta.

Nesta capital da civilisação brasileira que o é tambem da nossa indiferença, pouco apreço tem o verdadeiro merito quando se apresenta modestamente. Comtudo, deixar que passasse por aqui ignorado e desaparecido o joven poeta bahiano, fôra mais que uma descortezia. Não lhe parece?

Já um poeta o saudou pela imprensa; porém não basta a saudação; é preciso abrir-lho o theatro, o jornalismo, a sociedade, para que a flôr desse talento cheio de seiva se expanda ás auras da publicidade.

Para Virgilio do joven Dante nesse invio caminho da vida litteraria, lembrei-me do senhor. Sobrão-lhe os titulos Para apresentar ao publico fluminense o poeta bahiano, é necessario não só ter foro de cidade na imprensa da côrte,

cómo haver nascido neste bello valle do Guanabara, que ainda espera seu cantor.

Seu melhor titulo, porém, é outro. O Sr. foi o unico de nossos modernos escriptores que se dedicou á cultura dessa difficil sciencia, que se chama *critica*. Uma porção do talento que recebeu da natureza, em vez de aproveitá-lo em creações proprias, não duvidou applicá-lo a formar o gosto e desenvolver a litteratura patria.

Do senhor, pois, do primeiro critico brasileiro, confio a brilhante vocação litteraria que se revelou com tanto vigor

J. DE ALENCAR.

Carta do Illm. Sr. Machado de Assis, em resposta, ao
Exm. Sr. Conselheiro José de Alencar

Rio de Janeiro, 29 de Fevereiro de 1868.

Exm. Sr.—E' boa e grande fortuna conhecer um poeta; melhor é maior fortuna é recebê-lo das mãos de V. Ex., com uma carta que vale um diploma, com uma recommendação que é uma sagração. A musa do Sr. Castro Alves não podia ter mais feliz introito na vida litteraria. Abre os olhos em pleno Capitolio. Os seus primeiros cantos obtem o applauso de um mestre.

Mas se isto me enthusiasma, outra cousa ha que me commove e confunde, é a extrema confiança de V. Ex. nos meus prestimos litterarios, confiança que é ao mesmo tempo um motivo de orgulho para mim. De orgulho, repito, é tão inutil fôra dissimular esta impressão, quão arrojado seria vêr nas palavras de V. Ex. mais do que uma animação generosa.

A tarefa da critica precisa destes parabens ; é tão ardua

de praticar, já pelos estudos que exige, já pelas lutas que impõe, que a palavra eloquente de um chefe é muitas vezes necessaria para reavivar as forças exhaustas e reerguer o animo abatido.

Confesso francamente que, encetando os meos ensaios de critica, fui movido pela idéa de contribuir com alguma cousa para a refôrma do gosto que se ia perdendo e effectivamente se perdeu. Meus limitadissimos esforços não podião impedir o tremendo desastre. Como impedi-lo se, por influencia irresistivel, o mal vinha de fóra, e se impunha ao espirito litterario do paiz, ainda mal formado e quasi sem consciencia de si? Era difficil plantar as leis do gosto, onde se havia estabelecido uma sombra de litteratura, sem alento nem ideal, falseada e frivola, mal imitada e mal copiada. Nem os esforços dos que, como V. Ex., sabem exprimir sentimentos e idéas na lingua que nos legarão os mestres classicos, nem esses puderão oppôr um dique á torrente invasora. Se a sabedoria popular não mente, a universalidade da doença podia dar-nos alguma consolação; mas é bem triste a consolação quando não se antolha remedio ao mal.

Se a magnitude da tarefa era de assombrar espiritos mais robustos, outro risco havia, e a este já não era a intelligencia que se expunha, era o caracter. Comprehende V. Ex. que, onde a critica não é instituição formada e assentada, a analyse litteraria tem de lutar contra esse entranhado amor paternal que faz dos nossos filhos as mais bellas crianças do mundo. Não raro se originão odios onde era natural travarem-se affectos. Desfigurão-se os intentos da critica, attribue-se á inveja o que vem da imparcialidade; chama-se antiphatia o que é consciencia. Fosse esse, porém, o unico obstaculo, estou convencido que elle não pezaria no animo de quem põe acima do interesse pessoal o interesse perpetuo da sociedade, porque a boa fama das musas o é tambem.

Cansados de ouvir chamar bella á poesia, os novos athenienses resolverão bani-la da republica. O elemento poetico é hoje um tropeço ao successo de uma obra. Aposentárão a imaginação. As musas, que já estavam apêadas dos templos, forão tambem apeadas dos livros. A poesia dos sentidos veio sentar-se no sanctuario, e assim generalisou-se uma crise funesta ás letras. Que enorme Alphêo não seria preciso desviar do seu curso para limpar este presepe de Augias ?

Eu bem sei que no Brasil, como d'elle, severos espiritos protestão com o trabalho e a lição contra esse estado de cousas; tal é porém a feição geral da situação ao começar a tarde do seculo. Mas sempre ha de triumphar a vida intelligente. Basta que se trabalhe sem tregoa. Pela minha parte, estava e está acima das minhas posses semelhante papel; comtudo, entendia e entendo,—adoptando a bella definição do poeta que V. Ex. dá em sua carta,—que ha para o cidadão da arte e do bello deveres imprescriptiveis, e que quando uma tendencia do espirito o impelle para certa ordem de actividade, é sua obrigação prestar esse serviço ás letras.

Em todo o caso não tive imitadores. Tive um antecessor illustre, apto para este arduo mister, erudito e profundo, que teria proseguido no caminho das suas estréas se a imaginação possante e vivaz não lhe estivesse exigindo as creações que depois nos deu. Será preciso accrescentar que alludo a V. Ex. ?

Escolhendo-me para Virgilio do joven Dante que nos vem da patria de Moema, impõe-me V. Ex. um dever, cuja responsabilidade seria grande se a propria carta de V. Ex. não houvesse aberto ao neophyto as portas de mais vasta publicidade. A analyse póde agora esmerilhar nos escriptos do poeta bellezas e descuidos. O principal trabalho está feito.

Procurei o poeta cujo nome havia sido ligado ao meu, e com a natural anxiedade que nos produz a noticia de um talento robusto, pedi-lhe que me lesse o seu drama e os seus versos.

Não tive, como V. Ex., a fortuna de os ouvir diante de um magnífico panorama. Não se rasgavão horisontes diante de mim: não tinha os pés nessa formosa Tijuca, que V. Ex. chama um escabello entre a nuvem e o pantano. Eu estava no pantano. Em torno de nós agitava-se a vida tumultuosa da cidade. Não era o ruido das paixões nem dos interesses; os interesses e as paixões tinham passado a vara á loucura: estávamos no carnaval.

No meio desse tumulto abrimos um oasis de solidão.

Ouvi o *Gonzaga* e algumas poesias.

V. Ex. já sabe o que é o drama e o que são os versos, já os apreciou comsigo, já resumiu a sua opinião. Esta carta, destinada a ser lida pelo publico, conterà as impressões que recebi com a leitura dos escriptos do poeta.

Não podião ser melhores as impressões. Achei uma vocação litteraria, cheia de vida e robustez, deixando antever nas magnificencias do presente as promessas do futuro. Achei um poeta original. O mal da nossa poesia contemporanea é ser copista,—no dizer, nas idéas e nas imagens.—Copia-las é annullar-se. A musa do Sr. Castro Alves tem feição propria. Se se advinha que a sua escola é a de Victor Hugo, não é porque o copie servilmente, mas porque uma indole irmã levou-a a preferir o poeta dos *Orient'es* ao poeta das *Meditações*. Não lhe aprazem certamente as tintas brandas e desmaiadas da elegia; quer antes as côres vivas e os traços vigorosos da ode.

Como o poeta que tomou por mestre, o Sr. Castro Alves canta simultaneamente o que é grandioso e o que é delicado, mas com igual inspiração e methodo identico: a pompa das

figuras, a sonoridade de vocabulo, uma fôrma esculpida com arte, sentindo-se por baixo desses labores o estro, a espontaneidade, o impeto. Não é raro andarem separadas estas duas qualidades da poesia : a fôrma e o estro. Os verdadeiros poetas são os que as tem ambas. Vê-se que o Sr. Castro Alves as possui ; veste as suas idéas com roupas finas e trabalhadas. O receio de cahir em um defeito não o levará a cahir no defeito contrario? Não me parece que lhe haja acontecido isso ; mas indico-lhe o mal para que fuja delle. E' possível que uma segunda leitura dos seus versos me mostrasse alguns senões faceis de remediar ; confesso que os não percebi no meio de tantas bellezas.

O drama, esse li-o attentamente; depois de ouvil-o, li-o e reli-o, e não sei bem se era a necessidade de o apreciar, se o encanto da obra, que me demorava os olhos em cada pagina do volume.

O poeta explica o dramaturgo. Reapparecem no drama as qualidades do verso ; as metaphoras enchem o periodo ; sente-se de quando em quando o arrojo da ode. Sophocles pede as asas a Pyndaro. Parece ao poeta que o tablado é pequeno ; rompe o céu de lona e arroja-se ao espaço livre e azul.

Esta exuberancia, que V. Ex., com justa razão attribue á idade, concordo que o poeta ha de reprimi-la com os annos. Então conseguirá separar completamente a lingua lyrica da lingua dramatica ; e do muito que devemos esperar temos prova e fiança no que nos dá hoje.

Estreando no theatro com um assumpto historico, e assumpto de uma revolução infeliz, o Sr. Castro Alves consultou a indole do seu genio poetico. Precisava de figuras que o tempo houvesse consagrado ; as da Inconfidencia tinham além disso a aureola do martyrio. Que melhor assumpto para excitar a piedade ? A tentativa abortada de

uma revolução que tinha por fim consagrar a nossa independência merece do Brazil de hoje aquella veneração que as raças livres devem aos seus Spartacus. O insuccesso fe-los criminosos; a victoria te-los-hia feito Washingtons. Condemnou-os a justiça legal; rehabilita-os a justiça historica.

Condensar estas idéas em uma obra dramatica, transportar para a scena a tragedia politica dos Inconfidentes, tal foi o objecto do Sr. Castro Alves, e não se pôde esquecer que, se o intuito era nobre, o commettimento era grave. O talento do poeta superou a difficuldade; com uma sagacidade, que eu admiro em tão vérdes annos, tratou a historia e a arte por modo que, nem aquella o pôde accusar de infiel, nem esta de copista. Os que, como V. Ex., conhecem esta alliança hão de avaliar esse primeiro merecimento do drama do Sr. Castro Alves.

A escolha de Gonzaga para protagonista foi certamente inspirada ao poeta pela circumstancia dos seus legendarios amores, de que é historia aquelle famosa *Marilia de Dirceo*. Mas não creio que fosse só essa circumstancia. Do processo resulta que o cantor de Marilia era tido por chefe da conspiração em attenção aos seus talentos e letras. A prudencia com que se houve desviou da sua cabeça a pena capital. Tira-dentes, esse era o agitador; serviu á conjuração com uma actividade rara; era mais um conspirador do dia que da noite. A justiça o escolheu para a forca. Por tudo isso ficou o seu nome ligado ao da tentativa de Minas.

Os amores de Gonzaga trazião naturalmente ao theatro o elemento feminino, e de um lance casavão-se em scena a tradição politica e a tradição poetica, o coração do homem e a alma do cidadão. A circumstancia foi bem aproveitada pelo autor; o protagonista atravessa o drama sem des-

mentir a sua dupla qualidade de amante e de patriota; casa no mesmo ideal os seus dous sentimentos. Quando Maria lhe propõe a fuga, no terceiro acto, o poeta não hesita em repellir esse recurso apesar de ser imminente a sua perda. Já então a revolução expira; para as ambições, se elle as houvesse, a esperança era nenhuma; mas ainda era tempo de cumprir o dever. Gonzaga preferiu seguir a lição do velho Horacio corneilliano; entre o coração e o dever a alternativa é dolorosa. Gonzaga satisfaz o dever e consola o coração. Nem a patria nem a amante podem, lançar-lhe nada em rosto.

O Sr. Castro Alves houve-se com a mesma arte em relação aos outros conjurados. Para avaliar um drama historico não se pôde deixar de recorrer á historia; supprimir esta condição é expor-se a critica a não entender o poeta.

Quem vê o Tiradentes do drama não reconhece logo aquelle conjurador impaciente e activo, nobremente estouvado, que tudo arrisca e emprehende, que confia mais que todos no successo da causa, e paga emfim as demasias do seu character com a morte na forca e a profanação do cadaver? E Claudio, o doce poeta, não o vemos todo ali, galhofeiro e generoso, fazendo da conspiração uma festa e da liberdade uma dama, gamenho no perigo, caminhando para a morte com o riso nos labios, como aquelles emigrados do Terror? Não lhe rola já na cabeça a idéa do suicidio que praticou mais tarde, quando a expectativa do patibulo lhe despertou a fibra de Catão, casando-se com a morte, já que se não podia casar com a liberdade? Não é aquelle o denunciante Silverio, aquelle o Alvarenga, aquelle o padre Carlos? Em tudo isso é de louvar a consciencia litteraria do autor. A historia nas suas mãos não foi um pretexto; não quiz profanar as figuras do passado, dando-lhes fei-

ções caprichosas. Apenas empregou aquella exaggeração artistica, necessaria ao theatro, onde os caracteres precisão de relevo, onde é mister concentrar em pequeno espaço todos os traços de uma individualidade, todos os caracteres essenciaes de uma época ou de um acontecimento.

Concordo que a acção parece ás vezes desenvolver-se pelo accidente material. Mas esses rarissimos casos são compensados pola influencia do principio contrario em toda a peça.

O vigor dos caracteres pedia o vigor da acção; ella é vigorosa e interossante em todo o livro; pathctica no ultimo acto, Os derradeiros aduces de Gonzaga e Maria excitão naturalmente a piedade, e uns bellos versos fechão este drama que póde conter as incertezas do um talento juvenil, mas que é com certeza uma invejavel estréa.

Nesta rapida exposição das minhas impressões, vê V. Ex. que alguma cousa me escapou. Eu não podia, por exemplo, deixar de mencionar aqui a figura do preto Luiz. Em uma conspiração para a liberdade, era justo aventar a idéa da abolição. Luiz representa o elemento escravo. Comtudo o Sr. Castro Alves não lhe deu exclusivamente a paixão da liberdade. Achou mais dramatico pôr naquelle oração os desesperos do amor paterno. Quiz tornar mais odiosa a situação do escravo pela luta entre a natureza e o facto social, entre a lei e o coração. Luiz espéra da revolução, antes da liberdade, a restituição da filha; é a primeira affirmação da personalidade humana; o cidadão virá depois. Por isso, quando no terceiro acto, Luiz encontra a filha já cadaver, o prorompe em exclamações e soluços, o coração chora com elle, e a memoria, se a memoria póde dominar taes commoções, nos traz aos olhos a bella scena do rei Lear carregando nos braços Cordelia.

morta Quem os compara não vê nem o rei nem o escravo ; vê o homem.

Cumpre mencionar outras situações igualmente bellas. Entra nesse numero a scena da prisão dos conjurados no terceiro acto. As scenas entre Maria e o governador tambem são dignas de menção, posto que prevalece no espirito o reparo a que V. Ex., alludiu na sua carta. O coração exigiria menos valor e astucia da parte de Maria; mas, não é verdade que o amor vence as repugnancias para vencer os obstaculos? Em todo o caso uma ligeira sombra não empana o fulgor da figura.

As scenas amorosas são escriptas com paixão: as palavras sahem naturalmente de uma alma para outra, prompsem de um para outro coração. E que contraste melancolico não é aquelle idyllo ás portas do desterro, quando já a justiça está prestes a vir separar os dous amantes?!

Dir-se-ha que eu só recommendo bellezas e não encontro senões? Já apontei os que cuidei vêr. Acho mais —duas ou tres imagens que me não parecem felizes; e uma ou outra locução susceptivel de emenda. Mas que é isto no meio das louçanias da fôrma? Que as demasias do estylo, a exuberancia das metaphoras, o excesso das figuras devem obter a attenção do autor, é cousa tão segura que eu me limito a menciona-la; mas como não aceitar agradecido esta prodigalidade de hoje, que pôde ser a sábia economia de amanhã?

Resta-me dizer que, pintando nos seus personagens a exaltação patriótica, o poeta não foi só fiel á lição do facto, misturou talvez com essa exaltação um pouco do seu proprio sentir. E' a homenagem do poeta ao cidadão. Mas, consorciando os sentimentos pessoaes aos dos seus personagens, é inutil distinguir o caracter diverso dos tempos e das situações. Os successos que em 1822 nos


derão uma patria e uma dynastia apagarão antipathias historicas que a arte deve reproduzir quando evoca o passado.

Taes forão as impressões que me deixou este drama viril, estudado e meditado, escripto com calor e com alma. A mão é inexperiente, mas a sagacidade do autor suppre a inexperiencia. Estudou e estuda; é um penhor que nos dá. Quando voltar aos archivos historicos ou revolver ás paixões contemporaneas, estou certo que o fará com a mão na consciencia. Está moço; tem um bello futuro diante de si. Venha desde já alistar-se nas fileiras dos que devem trabalhar para restaurar o imperio das musas.

O fim é nobre, a necessidade evidente. Mas o successo coroará a obra? E' um ponto de interrogação que ha de ter surgido no espirito de V. Ex. Contra estes intuitos, tão santos quanto indispensaveis, eu sei que ha um obstaculo, e V. Ex., o sabe tambem: é a conspiração da indifferença. Mas a perseverança não pôde vence-la? Devemos esperar que sim.

Quanto á V. Ex., respirando nos degrãos da nossa Tijuca o hausto puro e vivificante da natureza, vai meditando, sem duvida, em outras obras primas com que nos ha de vir surprender cá em baixo. Deve faze-lo sem temor. Contra a conspiração da indifferença, tem V. Ex., um alliado invencivel: é a conspiração da posteridade.

MACHADO DE ASSIS.



PERSONAGENS

O Dr. Thomaz Antonio Gonzaga.

D. Maria Dorothea de Seixas Brandão.

O Governador Visconde de Barbacena.

O Coronel Joaquim Silverio dos Reis.

O Tenente Joaquim José da Silva Xavier (Tira-dentes).

O Dr. Claudio Manoel da Costa.

Ignacio José Alvarenga.

O Vigario Carlos Correa de Toledo,

O Tenente Coronel João Carlos Xavier da Silva Ferrão.

Luiz.

Carlota.

Paulo.

Um Careceiro.

Um Creado.

Damas, Cavalheiros, Conspiradores e soldados.

Do drama paixão-se em Minas os tres primeiros
actos, no Rio de Janeiro—o ultimo

EPOCHA—DE 1789 A 1792.

GONZAGA

OU

A REVOLUÇÃO DE MINAS

ACTO I

Os escravos

(A scena representa um bosque brasileiro dependente da chacara do tenente-coronel João Carlos. Á D. e á E. grandes massiços de arvores. No F. a planicie que se perde n'um horizonte de montanhas. No primeiro plano á E. um tronco partido.—É ao romper do dia).

SCENA I

GONZAGA e LUIZ

GONZAGA (*Entra vestido de caçador*).—Luiz, amarra ahí as redeas d'este cavallo e vem ouvir-me.

LUIZ.—Ora emfim meu senhor moço me dá uma palavra. Ha duas horas que o sigo a trote largo como a sombra de um mudo ou antes ha longos dias que o vejo assim.

GONZAGA.—Vem cá, Luiz, que tenho muito a fallar-te : deixa os teus ciumes, meu velho.

LUIZ.—Ciumes não, yoyô, mas vendo Vm. afflicto, preocupado como agora, sempre a escrever sempre a trabalhar, sempre a angustiar-se e sem dizer uma palavra, o pobre escravo diz consigo ! Luiz, velho Luiz, foi de balde que o pae d'esta criança te estimou, foi de balde que o carregaste nos hombros, que lhe ensinaste *as tyrannas* na viola e lhe contaste tuas historias na senzála.

GONZAGA.—Não tens razão, meu amigo.

LUIZ.—Não a tenho, sim ; eu não a tenho, meu senhor, não posso pedir confiança, mas é que dóe muito dever tudo e não poder pagar-lhe nada nem uma consolação. Vm. me deu a liberdade e eu sou inutil.

GONZAGA.—Ala-te, tu não me deves nada. Não achas que um amigo vale mais que alguns cruzados?

LUIZ.—Eu não sei o que custei, sinto o bem que Vmce. me deu: quem é branco, quem é feliz não póde comprehender esta palavra—liberdade. Não passa de uma bonita cousa, mas para nós, não. Sabeis o que ella é para o pobre captivo? —E' ouvir pela madrugada o canto dos passarinhos de Deus sem o canto do chicote do feitor—é quando o sol tine no pino do meio-dia não sentir o fogo lavar a pelle nos cannaviaes e á noite em vez da embriaguez da aguardente que mata a vergonha, beber o ar puro da familia que mata o vicio.

GONZAGA.—E entretanto, meu amigo, a escravidão é uma parasyta tão horriavelmente robusta que deslocada do tronco vae fanar os ramos da vida. Tu és livre, mas eu ainda não pude restituir-te a tua familia.

LUIZ.—Ah! sucuryuba do inferno engole-nos pela sombra, devora-nos os filhos, porque sabe que morreremos.

GONZAGA.—Acalma-te, ou antes preciso é mesmo que nos lembremos do passado. Fallemos de tua mulher que tanto bem me queria, de Cora que me enfeitava de flôres de cabellos, que tinha sempre ninhos de passaros a dar-me. Lembro-me muito de tua infeliz mulher

LUIZ.—Minha mulher, oh! sim ella éra minha mulher... e tão minha que um dia levaram-n'a.

GONZAGA.—Pobre homem.

LUIZ.—Ah! é que foi loucura do triste escravo, querer ter um leito abençoado por Deus, querer que a mulher que amou, no momento de receber o primeiro beijo, fosse bendita pelos anjos e chamada pelo santo nome de esposa!.. mas ah! que quereis? Aos desgraçados só resta o amor e eu dizia então comigo: amemo-nos infelizes, amemo-nos captivos. Ainda nos resta uma ventura. Soffremos, lucttâmos, temos o chicote nos hombros, a ignominia n'alma, mas ainda ha na terra um balsamo para o corpo, um balsamo para o coração — o amor de uma mulher — o amor de uma esposa.

GONZAGA.—Não te recordes agora da pobre Córa. Embalde minha mãe quiz compral-a ao seu barbaro senhor. Fallemos de tua filha.

LUIZ.—Minha filha que talvez se affogasse na deshonra para fugir á morte, como sua mãe que affogou-se na morte para fugir á deshonra. Oh! santo Deus! Ter uma criancinha pequena, risonha, gordinha, que chora tanto, que faz a gente se zangar, que ri tanto que faz a gente rir,

que nos trepa nos joelhos, que nos pucha a barba, que corre nuasinha para nos tomar a enxada com que não póde, que nos eonta mil tolices, que ri, que salta até fazer brotar a alegria na cara e a felicidade n'alma ... para um dia o senhor arrebatá-la, arraneal-a do meio das veias do coração....

GONZAGA.— Luiz, se houvesse um homem que tẽ promettesse tua filha?

LUIZ.— Minha filha!... Eu eahiria de joelhos, eom a minha eabeça branca varrendo o pó de seus pés, eu lhe diria: oh! dáe-me a minha pequena, dáe-m'a por piedade, pela capella de vossa irmã, pelas lagrimas de vossa mãe.

GONZAGA.— E se este homem fosse bastante mau para esquecer o teu pedido e só lembrar-se dos seus interesses?

LUIZ.— Eu lhe pediria, como suprema ventura, que me deixasse ser seu escravo, ser a sombra do seu eorpo, sempre humilde e rasteira, ser seu cão para lamber-lhe os dedos, mesmo quando me ferissem.

GONZAGA.— E se este homem quizesse ainda mais?

LUIZ.— Que me resta mais, meu Deus? Mas não, ainda posso dar alguma cousa, inda tenho uma faca na cinta, uma mão no pulso, um eoração no peito, uma eabeça nos hombros... E se este homem existisse eu lhe diria: esta faca é vossa, este braço é vosso, este coração é vosso, esta eabeça é vossa, mas em troea do poueo que vos dou, dáe-me minah filha.

GONZAGA.— Mas se para obtel-a fôra mister mais do que morrer... sim! trabalhar nas sombras, affrontar a luz; de noite ser o reptil do eharco, de dia ser o tigre das serras... mentir, luetar, ferir eom a promptidão do raio, desappareeer eom a promptidão do relampago. Se fôra mister luetar contra um homem, contra uma provineia, eontra um paiz, contra dous mundos?

LUIZ.— Basta, senhor... Por maior que fosse este inimigo não seria tão grande eomo o meu amor. Ver minha filha, ouvil-a eahmar-me pelo nome de pae... depois seria nada arranear a eabeça das espaduas e atiral-a ensanguentada aos pés do meu salvador.

GONZAGA.— Pois bem, Luiz, em nome da revolução tua eabeça é minha.

LUIZ.— Sua, senhor!... Então vae já restituir-me a minha pequena? Oh! meu senhor, dé-m'a que já me tarda este momento.

GONZAGA.— E' Cedo.

LUIZ.— Cedo!... cedo para vel-a! Não!... é um engano,

ha longos annos eu a procuro : estou velho de cabeça branca... moribundo e ainda é cedo para vê-la ! oh ! senhor, nunca é cedo para vêr minha filha.

GONZAGA.—Espera, Luiz.

LUIZ.—Espera... espera... mas não ve que estou cansado de esperar ? Vinte annos... vinte annos cahindo minuto por minuto... vinte annos... vinte, sem luz nos olhos, sem orvalho n'alma... vinte annos... e me diz que espere. A mim cego moribundo diz: espera a luz—a mim affogado agonizante diz : espera a salvação—a mim pae solitario diz : espera tua filha. (*De joelhos*) Mas não, meu senhor, Vm. vae entregar-m'a, restituir-m'a pelo amor de Deus.

GONZAGA.—Luiz eu não posso.

LUIZ (*Levanta-se*).—Então por ultimo não m'a dá?... É, pois, verdade que todos os brancos são tyrannos? (*Arrependendo-se*) Perdôe-me, perdôe-me, meu senhor moço, mas é que eu não comprehendo que desgraças possam trazer as lagrimas de um velho e os risos de uma criança... o sol continuará a brilhar para todos, as arvores darão sempre sombra... tudo será o mesmo. Pois é crime um pae e uma filha se abraçarem?

GONZAGA.—Luiz, só posso agora chorar contigo, mas ainda que não esteja nas minhas mãos juro que terás a tua felicidade.

LUIZ.—Mas quando poderei vê-la ?

GONZAGA.—Talvez breve.

LUIZ.—Então porque meios alcançal-a ?

GONZAGA.—Pelo teu heroismo.

LUIZ.—E quem m'a restituirá ?

GONZAGA.—A revolução.

SCENA II

GONZAGA, CLAUDIO, ALVARENGA e o PADRE CARLOS

GONZAGA.—Ainda bem, meus amigos, chegais a tempo, fallava de vós (*a Luiz*). Vae ver que ninguem nos interrompa. (*Luiz sahe.*)

CLAUDIO.—Emfim não é verdade, meu caro Gonzaga ? Por Jupiter, já me faltava a paciencia. Ah ! Senhores da Metropole, ides emfim saber que este chão é nosso, que a America é dos Americanos, como o céu é da ave, como a espingarda é da polvora, (*voltando-se para os outros que conversão baixo*) Ah ! mas agora vejo que conversão em par-

ticular, e nem se quer dão-me attenção. Em summa é o mesmo, creio que nada perderão. Vejamos de que se trata.

ALVARENGA, (*a Gonzaga*).—Tens razão, o momento é excellente. Já dóe-me ver a raça dos tyrannos ferir com o chicote a face de um povo immenso. (*Ao Padre*) Padre, realizaram-se as tuas prophecias... Um dia dizias-nos nos nossos pequenos serões litterarios que a liberdade dos povos seria uma verdade porque o Christo não era uma mentira.

PADRE CARLOS.—Não era uma prophecia... era a letra da Biblia : foi o mestre quem o disse « *eu vim quebrar os ferros a todos os captivos e elles serão quebrados.* »

CLAUDIO.—Padre, Christo era um bello revolucionario. (*interrompendo-se*) Enganei-me... sim... quero dizer, Padre, que se eu não fosse Christão bastariao para catechisar-me estas palavras sublimes.

PADRE CARLOS.—Palavras sublimes, disseste, e que em breve serão factos divinos.

GONZAGA.—E' o que importa, meus senhores, eu pedi-lhes que viessem para receber os seus conselhos. Sabem perfeitamente o estado geral das cousas. A impaciencia alcança todos os espiritos, a tyrannia fere toda a colonia.

CLAUDIO.—Eu creio que só temos a atacar. Já basta de ver cortadas todas as aspirações dos brazileiros. Cada um tem uma offensa a vingar. Onde vedes, meus senhores, eu tenho assistido a mil desgraças em minha familia. Quando o coração de um brazileiro bate ha uma mão de ferro que lhe estanca as pulsações—é a Metropole.

ALVARENGA.—Quando um braço brazileiro vae pegar o fructo de seu trabalho, ha uma voz que lhe diz :—é meu.—E' ainda a Metropole.

PADRE CARLOS.—Quando a plebe brazileira quer empolgar um punhado de instrucção, ha um sopro mau que lhe apaga a luz.—E' a Metropole.

GONZAGA.—Sim ! Quando o escravo quer ser livre, quando o trabalhador quer ser proprietario, quando o colono quer ter direitos, quando a cabeça quer pensar, quando o coração quer sentir, quando o povo quer ter vontade ha um phantasma que lhe diz : Loucura, mil vezes loucura. O escravo tem o azorrague, o trabalhador o imposto, o colono a lei, a intelligencia o silencio, o coração a morte e o povo trevas. E' a metropole ! é sempre a metropole. E agora, senhores, é preciso que isto acabe. E' preciso, mas como ?

CLAUDIO.—Meus amigos, á propaganda. Fallemos ao povo ! Digamos : revolução ! e os echos das nossas serranias repetirão tambem—revolução !

GONZAGA.—Não. O écho do Governador nos repetirá—
prizão.

ALVARENGA.—Façamos clubs occultos, espalhemos o descontentamento nos soldados, o desespero na população. Mostremos-lhes a fonte de todas as miserias, é talvez o unico meio. O imposto é uma calamidade.

GONZAGA.—O povo não se moverá. Dirá : tendes razão. Tire-me d'este póste, soccorrei-me porque eu estou cobarde como o escravo grego. Oh ! meus senhores, é horrivel o dominio de um povo sobre outro. Como a anca do cavallo, a face de uma nação tambem calleja. E demais, espera-se que o governo da metropole perdôe os dizimos : quem o diz é o Governador. Já veem que nada conseguiráõ por ahi.

O PADRE CARLOS. — Meus senhores, nós chegámos á grande época da regeneração e da liberdade. Além do Atlantico ha um povo livre, grande pela força, sublime pelo pensamento, divino pela liberdade que, através dos mares, nos estende a mão. É a França. A revolução Franceza protege a revolução de Minas, esta é filha d'aquella, ou antes ambas são filhas de Deus. Quando um povo levanta-se do captivo, Deus do tôpo dos Alpes ou do cimo dos Andes empresta-lhe uma espada, como dava as leis no cimo do Sinai. Pois bem, peçamos a este povo irmão auxilio e caminhemos.

GONZAGA.— Ainda bem. No exterior temos a França, e a União Americana, ellas nos protegeráõ, ou pelo menos esta idéa dará forças aos nossos companheiros, mas eu vou dizer-lhes os nossos verdadeiros recursos. E' preciso em primeiro lugar que o governo conspire.

CLAUDIO.— Será difficil resolvel-o. Deve ser uma bella extravagancia, um governo que conspire contra si.

GONZAGA.— E eu te digo que é sempre o governo quem conspira. Quem esporéa um cavallo á beira de um precipicio ha de rolar n'elle. A Metropole sangra as ilhargas da colonia, pois bem, ella ha de cahir na revolta.

CLAUDIO. — Mas como decidirmos o diabo do Governador.... a conspirar....

GONZAGA.— Não é o Visconde Governador... é o Dr., intendente geral. Eu me incumbo d'isso. Porém não basta.

ALVARENGA.— Que mais ?

GONZAGA.— Eu vou dizer-lhes já. Luiz ! oh ! Luiz !

SCENA III

OS MESMOS e LUIZ

LUIZ.— Senhor!

GONZAGA.— Vem cá, (*Aos companheiros*) Vêem este homem?

CLAUDIO.— Por Deus! é um negro.

GONZAGA.— Sabem á que classe pertence?

CLAUDIO.— Um escravo ou um liberto.

GONZAGA.— Que é ainda um escravo, se este homem tiver a desgraça de ter mãe, filho, irmã, amante, uma mulher, uma familia, emfim algum d'esses fios que prendem o homem á vida como a estrella ao firmamento. E sabeis porque? E' que a mãe de cujo seio elle sahio é escrava e o fructo murcha quando o tronco soffre, é que a mulher que elle tem no coração é escrava e o verme que morde o coração mata o corpo, é que o filho de seu amor é escravo, e o ninho desaba quando o passarinho estrebuxa na agonia. E sabem o que este homem quer? Qual é o unico sonho de sua noite, a unica idéa de seu cerebro? Perguntem-lhe.

CLAUDIO.— Talvez o amor, a ventura sob a fôrma de um beijo.

LUIZ.— Perdôe, meu senhor. Engana-se. Não!

CLAUDIO.— Riqueza para realisar estes castellos doudos de uma imaginação da Africa?

LUIZ.— Ainda não.

CLAUDIO.— Mulheres como nos harens do Oriente, como os principes da Africa sabem ter?

LUIZ.— Não, mil vezes, não.

CLAUDIO.— Posição, grandeza, talvez uma farda de Governador. Ainda não? com mil diabos, és deffícil de contentar.

GONZAGA.— Enganas-te. Elle quer pouco, quer o que todos nós temos, quer sua familia, quer sua filha.

CLAUDIO.— Então não quer dizer nada. Compreendo: é preciso talvez libertal-a. Ahi tens minha bolça e fallemos do que mais importa.

GONZAGA.— Guarda a tua bolsa, ella não basta. Admiras-te? Eu vou contar-te esta pequena historia. Havia quando eu era criança, meus amigos, em nossa fazenda uma mulata. Chamava-se Córa. Era uma bonita e boa mulher que um dia appareceu-nos dizendo ser livre, e que minha mãe acolheu. Pouco tempo depois...

LUIZ.— Eu lhes contarei esta historia, meus senhores. Eu

a tenho aqui, (*apontando o coração*) e é memoria que nunca falha... Foi muito simples. A mulher amou um homem, enganei-me, amou alguma cousa que está entre o cão e o cavallo, amou um homem de pelle preta. Para que fallar d'estes amores? O pobre diabo adorava-a, e ella, ella queria-o muito—oh! nunca comprehendereis o amor de dous entes que não tem nada no mundo, nem mesmo o palmo de terra em que pisão, nem o céu que os cobre... Não tinham propriedade—um era a fazenda do outro. Não tinham familia um era a familia do outro... Nem mesmo Deus elles tinham, sim! porque um resto de idolatria pelos fetiches do congo misturado com um bocado de historia de feiticeiros e um copo d'agua benta que um padre lhes atirou á cabeça, não era religião... O Deus d'elles?!... tinham-n'o ainda um no outro... n'estes longos suspiros embaixo das bananeiras da fonte, n'estas conversações mudas nas horas do luar nas solidões, nas lagrimas que cahão juntas para o chão, nos olhares que se levantavão juntos para o céo (*enchuga uma lagrima, com voz precipitada e ironica*) Depois não quizerão ser prostituidos... Ah! ah! ah! que doudos! Casarão-se... Deus parecia tambem estar n'um dia de ironia... Deu-lhes uma filha... (*cada vez mais sombrio*) Um dia um homem chegou á fazenda... Era á tarde... ainda me lembro. Cahão as sombras por detraz da serra— a sabiá cantava nos coqueiros da mata, e uma doce tristeza rodeava as senzalas. O negro e a mulher de volta do trabalho, sentados á porta da senzala brincavão com uma criancinha que esperneava rindo no chão. Como era linda! N'este momento tocavão as ave-marias. A mulher levantou-se apanhando a criança e começou risonha e feliz a ensinar-lhe uma oração... O pae olhava este quadro louco de felicidade... De repente uma chicotada interrompeu o nome de Deus na boca da pobre mãe e uma chuva de sangue inundou a criancinha que continuou a rir.

ALVARENGA, CLAUDIO e PADRE CARLOS.—Miseravel!...

LUIZ.—Era o que ia dizer-lhe a ponta de uma fâca, mas no ouvido das entranhas... quando muitos braços agarrão o negro pelas costas. Amarrão-no ali mesmo e então, em quanto o sangue e a loucura subião-lhe aos olhos, elle ouviu isto. O estrangeiro dizia: tu vais ser castigada com teu filho. A desgraçada ousou ajoelhar-se... creio que despirão-na e ali mesmo os açoites estalarão... Sim... lembro-me que de vez em quando um borrifo de sangue acordava-me do meu delirio. E eu... eu só tinha ao alcance o meu braço, por isso estrafegava-o com os dentes...

ALVARENGA, CLAUDIO e PADRÊ CARLOS.—Eras tu? infeliz?

LUIZ.—Parece-me que sim... (*mostrando-lhes uma grande cicatriz no braço*) parece-me que é isto...

ALVARENGA e CLAUDIO.—E tua mulher?

LUIZ.—Poucos dias depois em quanto eu estava prezo soube que se havia afogado n'um rio.

CLAUDIO.—E tua filha, tua pobre filha?

LUIZ.—Seu senhor morrendo, venderam-na, não sei a quem; procuro-a desde então... procuro-a, meus senhores... eis tudo o que eu sei.—Perdi-a eis tudo quanto sinto...

CLAUDIO.—E nunca mais tiveste um só indicio de tua filha?

GONZAGA.—Eu te digo. Ha dias fallava eu com Joaquim Silverio um dos nossos melhores companheiros...

LUIZ (*À parte*).—Um homem com cara de traidor.

GONZAGA.—E por acaso a conversação cahio sobre Luiz. Dizia-lhe eu que este era um homem forte, intelligente e dedicado e que já aqui, já em Coimbra me havia acompanhado e, talvez para consolar-se de suas desgraças, tinha aprendido a ler fazendo-se muito instruido para sua triste condição... Continuei contando-lhe a sua pequena historia e a perda de sua filha. Então disse-me Joaquim Silverio: eu poderia entregar-lhe esta rapariga. Luiz é teu amigo, mas é mister que o seja da revolução... eu guardo a pequena como penhor de sua fidelidade.

CLAUDIO.—E por que não o fizeste entregar ao pobre escravo sua filha? Isto é uma infamia. Aquelle homem, meus senhores, cuidado com aquelle homem. Olhar desconfiado, mão traçoeira.

ALVARENGA.—Não é talvez um pensamento generoso, mas é um meio prudente, se é que Luiz tem de tcmar parte nos nossos segredos e de ser um dos nossos companheiros...

LUIZ.—Não! mil vezes não! Dêem-me minha filha, porque eu serei calado como um tumulo, frio como o ferro de minha faca, terrivel como a fatalidade. Mas se não m'a entregam, eu digo: este senhor Silverio é um mentiroso, um miseravel que quer que o sirva em suas machinações; mas que eu não acompanharei porque n'esta tēja horivel nunca encontrarei minha filha... (*com desespero*). Digão-me, meus senhores, quem me dará minha filha?

GONZAGA.—Ainda a revolução.

Todos.—Como?

GONZAGA.—Eu vol-o digo, meus senhores. Um dia (já lá vão seculos) era ao cahir da tarde. Nas ruas soberbas de Jerusalem a turba desenfreada ulúla, tinem os arnezes dos soldados de Cesar, estridulão as gargalhadas da plebe louca: e uma voz dizia nas praças:—Passae, phariseus, envoltos em vossas ricas tógas; passae, soldados escravos de Roma; passae, grandes da terra— tendes por toro o Calvario, por vinho o sangue de Deus. Mas uma outra voz levantava-se do deserto e clamava:—Chorae, lyrios do valle de Cedron, chorae, pallidas filhas de Sião... chorae, desgraçados, chorae, captivos— o moço de Nazareth, o louro mancebo que nos enchugava os prantos da ignominia, que promettia quebrar os ferros de todos os escravos já não existe. O amigo da desgraça morreu... Mas quando o ultimo halito do Deus vivo rasgou a cortina do templo, quando na luz de seus olhos eclipsou-se o sol do Universo, então o anjo da igualdade agitando as azas, ensopadas em sangue, sacudio o verbo da liberdade aos quatro ventos do céo.

CLAUDIO.—Oh! mil benções a ti, mancebo de Nazareth!

LUIZ.—Maldição sobre vós, Senhores, que esmagaes vossos captivos.

(Ouve-se uma voz que canta ao longe)

Eu sou a pobre captiva,
A captiva d'além-mar.
Eu vago em terra estrangeira
Ninguem me quer escutar

Tu que vaes a longes terras,
O' viageira andorinha,
Vae dizer a minha mãe
Que eu vivo triste e sosinha.

Mas diz á pobre que espere,
Que o vento me hade levar,
Quando eu morrer n'esta terra,
Para as terras de além-mar.

GONZAGA.—Não, pobre captiva, tu não gemerás até á morte. Não, tu não irás como tuas companheiras atirar-te um dia nas lagôas, crendo que vaes reviver em tua patria. Não, infeliz! Em breve sob estas selvas gigantescas da America a familia brasileira inteira se assentará como nos dias

primitivos... Não mais escravos! não mais, senhores. Todas as frentes livres poderão mergulhar o pensamento nos infinitos azulados, todos os braços livres hão de sulcar o seio da terra brasileira. (A Luiz) Luiz, pobre desgraçado! deve ser um dia sublime aquelle em que as creanças souberem o nome de seus paes, porque suas mães serão esposas e não meretrizes... em que as virgens murmurarem sem pejo o nome de seus amantes, porque não serão mais polluidas pelo beijo dos senhores devassos... em que os velhos sentados á beira dos tumulos abençoarem sua geração, porque a túnica da ignominia deixará de acompanhá-los a través dos seculos como o ferrete do Judeu maldito!...

LUIZ.—Oh! venha este santo dia.

GONZAGA.—E elle virá em breve porque o sangue de Christo não cahio em balde sobre a terra. Almas de moços, frentes cheias de fé, nós jurámos pelo martyr do Golgotha a remissão de todos os captivos.

LUIZ,—(A Gonzaga.) Senhor, eu procurava uma filha, agora procuro duas.—Carlota e a Revolução.

GONZAGA. Sim: liberdade a todos os braços. liberdade a todas as cabeças.

SCENA IV

OS MESMOS, menos Luiz

(Ouve-se um rumor, ás primeiras palavras de Gonzaga, Luiz sahe)

GONZAGA.—(caminhando precipitadamente para o fundo) — Um homem que se dirige para aqui... É' talvez alguma cousa extraordinaria... que carreira desabrida... não ha duvida (vindo á boca da scena). O que teremos de novo? Aquelle cavallo e aquelle homem parecem-me conhecidos. Meus amigos creio que temos uma cousa imprevista (dirige-se ao fundo), vai passar-se uma desgraça.

CLAUDIO.—Olá! que formidavel salto!

GONZAGA.—Ah! mas o homem está salvo!

(Todos estão por algum tempo olhando fixamente para a D.)

SCENA V

OS MESMOS, LUIZ e SILVERIO.

Todos.—Silverio !

SILVERIO.—Elle mesmo, meos amigos, quando me julgavão talvez muito longe. Ah ! e por pouco que me não acho agora inda mais do que esperava porque a fallar-lhes a verdade ohego em linhe recta das plagas do outro mundo, da provincia de Satanaz, capital das mulheres bonitas e dos homens de bom gosto ; (*a Gonzaga*) Ah ! meu caro, sempre te direi que o teu cavallo é terrivel e dá tão bellos pulos que bem pôde atirar um homem atravez das estrellas nem mais nem menos que nas barbas da Eternidade : Safa ! Que a não ser o Luiz a estas horas não poderia mais mólhar minha espada no sangue de um tyranno, nem minha boca n'um beijo de mulher...

LUIZ.—Nada, Sr. Silverio, é que eu e o murzelo já somos conhecidos velhos... mas o bom do cavallo parece que foi ferido mais do que esperava no seu orgulho ou nos seus flancos... do que Vm. não tinha muita necessidade, honra lhe seja feita.

SILVERIO.—Não tinha necessidade !... Achas que só por prazer eu me arriscaria no lombo d'aquelle maldito animal. Imaginem meus senhores, que eu chegava a toda brida da cachoeira do Campo. (*A Gonzaga*). Ao bater em tua porta minha montada cahe estafada. Safo os pés dos estribos, procuro por ti, disserão-me que estavas em Villa-Rica. Mando selar outro animal e parto. O cavallo feroso e esperto começa a caracolar e a escarvar o chão. Impaciente com a demora cravo as esporas... o mais não sei... tres galões terriveis... e os ventos me assobiavam nos ouvidos e as crinas açoitavão-me o rosto e a terra era engolida pelas patas de ferro que a devoravão. Arvores, nuvens, planicies e valles dançavão uma sarabanda vertiginosa, ou passavão gallopano a assobiar-me pela cabeça. Ora no topo de um monte, já no fundo de um valle, rapido como o vento nós rolavamos desvairados... De repente vejo um fossó. Upa ! murzelo ! Upa ! o salto foi mortal, partiu-se a silha e eu iria rebentar a cabeça n'uma lapa, se um braço de Hercules não tivesse sofreado o cavallo e outro me amparado na quèda.

GONZAGA.—Mas felizmente estás salvo...

SILVERIO.—*Gratias tibi Domino,*

GONZAGA.—O que é uma grande felicidade ; porque n'este momento...

SILVERIO.—Maior mesmo do que podem suppôr.

CLAUDIO.—(*Com ironia*).—Que diz, Sr. Silverio! Parece que se lisongeia.

SILVERIO.—Nada, quasi nada. E' que afinal metteu-se-me na cabeça prestar para alguma cousa. E' uma extravagancia como qualquer outra. Imaginem, meos senhores, que sou homem, que não mereço muita confiança, nem mesmo sympathia por que emfim sou um pouco o favorito do Governador ha algum tempo... mas que tenho o capricho de fazer gratos mesmo os que me odeião... (*colhando Claudio*) e de gosar do seu embaraço... Ah! ah! ah! mas que diabo! deixemo-nos de palavras perdidas... O tempo urge... Dizia tu, Gonzaga, que este momento...

GONZAGA.—E' o que ha longo tempo esperamos. Os ricos que protegem suas propriedades como a onça os cachorrinhos, urrão e amollão os dentes... Nós açularemos a onça!

ALVARENGA.—Os pobres que sentem o suor de todas as agonias pela testa desesperão e preparão-se a morder. Nós animaremos o cão.

LUIZ.—Os escravos sonhão com a liberdade e abalão com sinistro movimento suas cadêas. Nós levantaremos os escravos.

SILVERIO.—Mas eu lhes digo que para o tigre ha o raio. Para o cão a pedra. Para o escravo a forca.

GONZAGA.—Mas quem vibrará o raio? quem lançará a pedra? quem eiguera a forca?

SILVERIO.—O Governador.

GONZAGA e TODOS.—Maldição! O Governador!

GONZAGA.—E que fará o Governador?

SILVERIO.—Chegará em breve a Villa-Rica.

GONZAGA.—Oh! desespêro! (*Todos grupão-se no fundo*).

SILVERIO.—(*A parte a boca da scena*)—Por Deos! Parece que joguei a maravilhas. O momento era desesperado. Era preciso intimidar-os, por que talvez estes endiabrados conseguissem o seu fim. E n'este ponto quanto mais cedo melhor. O Visconde estará aqui em breve, talvez hoje mesmo, entretanto antes disto poderia romper a revolução contando elles com a sua ausencia. Bravo! D'est'arte plantei a confiança n'estes e a gratidão n'aquelle.

GONZAGA.—Quando chegará o Governador?

SILVERIO.—Breve. Talvez d'aqui a dous dias. (*A parte*) Talvez d'aqui a duas horas.

GONZAGA.—E sabe-se para onde vão?

SILVERIO.—Crê-se que para o Rio de Janeiro.

GONZAGA.—Bem. E' preciso partirmos, meus amigos. Até lá seremos os mineiros da revolução, os trabalhadores das trevas e quando o Visconde desaparecer, desaparecerá o poder de Portugal.

CLAUDIO.—Vamos prevenir o Tiradentes.

GONZAGA.—Sim... (*Todos grupão-se em torno d'elle na boca da scena, fallando baixo, Gonzaga escreve por algum tempo*).

SILVERIO.—Doudos que não sabem que cada passo que dão para a liberdade é um degrau que sobem do patibulo.

SCENA VI

OS MESMOS e no F., CARLOTA.

SILVERIO.—(*Dirigindo-se a ella rapidamente*).—D'aqui a instantes te espero.

CARLOTA.—Sim, meu senhor.

SCENA VII.

OS MESMOS, menos CARLOTA

GONZAGA.—Partamos, meus amigos, cheios de confiança e de coragem. Nós temos a patria da liberdade sobre nossas cabeças e a patria escravizada sob nossos pés. Viva a America independente.

TODOS

Viva a America independente. (*Vão saindo pouco a pouco em diferentes direcções*).

GONZAGA.—Oh! Maria! amanhã serás minha e o teu amor far-me-ha inviolavel como Achilles. (*Sae por ultimo*).

SCENA VIII

SILVERIO e CARLOTA

SILVERIO.—Passa para aqui, vamos com isso. Depressa, depressa o que ha de novo? Ah! (*gesto de Carlota*) parece-me que ainda estás com escrupulos! Pois tu queres ter virtudes

CARLOTA.—Meu senhor!

SILVERIO.—Vamos: o que ha?

CARLOTA.—Basta, meu senhor, basta pelo amor de Deus. Não me obrigue a fazer tanta traição. Eu já não posso mais. Espiar, vender as pessoas que amo, que me abençoam, que me querem, que lavam todas as minhas humilhações com o seu amor! Ah! piedade!... Sim!... A's vezes quando eu os escuto descançados como se fallassem junto a uma irmã, vou pouco a pouco esquecendo-me de mim n'aquellas boas confidencias, mas de repente parece que um braço de ferro me agarra o pulso e uma voz me grita aos ouvidos—« denunciante! »— Oh! então estremeço... e olho em torno de mim para ver se ninguem ouviu este grito! mas elles continuam risonhos e felizes a fallar... Sim... é assim; tenho impetos então de arrancar esta mascara negra e dizer-lhe! Perdão!... mil vezes perdão.

SILVERIO.—Pois bem arranca a mascara e me farás conhecer a minha escrava Carlo'a.

CARLOTA.—E' verdade. Eu sou sua escrava, meu senhor, mas para que me faz passar por livre, gozar de todos os prazeres da independencia, ser a irmã quasi de D. Maria? Não! Eu não quero mais; n'este instante irei dizer-lhe, minha senhora, eu roubei a sua confiança, roubei o seu amor; pois bem, Carlota a escrava vem denunciar Carlota livre; amaldição esta, mas lembre-se d'aquella.

SILVERIO.—Bem! Aposto que foi algum confessor que te pregou este lindo sermão... E' um bello pedaço. Em que livro furtaste isto, Carlota?

CARLOTA.—Aquí. (*Apontando o coração*).

SILVERIO.—E' verdade! Tu tens coração? Não sei, mas o que é certo é que és bem linda... fallavas com tanta animação que fizeste notar a belleza de teus olhos, e que lindas mãosinhas! (*pegando-lhe nas mãos*), parece que estás tremendo! que pelle sedosa! és bonita Carlota. Ora, seria tyrannia fazer com que estes dedinhos de rosa empunhassem uma enxada e esta formosa odalisca fosse para a senzala.

CARLOTA.—Oh! Empregue-me em outro trabalho, mas pelo amor de Deus arranque-me de tanta maldade.

SILVERIO.—De facto agora penso... nisto. Tu tens um amante, não é assim? Um namorado? Creio que um dia me fallaste n'isto... Querias casar... ou cousa que o valha!...

CARLOTA.—Sim, meu senhor, com um pobre escravo como eu!

SILVERIO.—Ah! o tratante tem gosto de Senhor. Creio tambem que tens um pae, que procuras ha muito tempo. Como será lindo!... Casada, feliz... com seu velho pae para amparar e uma porção de filhinhos nos joelhos, e teu marido...

CARLOTA.—(De joelhos.)— Oh! obrigado! obrigado, meu senhor, Deus o abençõe.

SILVERIO.—E o diabo te leve, estúpida creatura! basta de comedia!

CARLOTA.—Ah!

SILVERIO.—Sim, vae ser honrada, arranca a mascara e tu serás a mais desgraçada de minhas escravas. Terás em recompensa o chicote do feitor.

CARLOTA.—Piedade!...

SILVERIO.—Creio que voltas á razão.

CARLOTA.—(Com voz forte).—Pois bem, meu senhor, o chicote não mo deshonrará! Inda ha um Deus no céu...

SILVERIO.—Ameaçando.—Mas sabes que ha na terra? Creio que fallaste agora na tua honra. Pois bem o teu noivo saberá que tu és minha amante... porque amanhã o serás, e depois te entregarei aos mais repugnantes negros de minhas senzalas.

CARLOTA.—Oh! meu Deus, meu Deus: dá-me força. Poia bem, Sr. Silverio, ouço uma voz que me diz que a minha desgraça será contada como uma virtude no céu e m dará a vida eterna.

SILVERIO.—E a morte a teu pai.

CARLOTA.—Que diz? o que é que diz? Mas elle nunca o saberá.

SILVERIO.—Não? Pois então sabe que eu o conheço e que, quando estiveres mais negra de deshonra do que a lama de minhas botas, eu farei com que o pobre velho venha morrer de vergonha ao vêr sua filha. Ah! agora me ouves? Tu matarás teu pae, desgraçada!

CARLOTA.—Meu pae! meu pae!...

SILVERIO.—Escolhe... Ou denunciante... ou parricida!...

CARLOTA.—Ah! Quebrou-me emfim! (*Enxuga os olhos*).
Bem, estou prompta.

SILVERIO.—Diabo! fizeste perder tempo. Falla.

CARLOTA.—Um dia d'estes será a revolução.

SILVERIO.—Não será... já sei. Adiante.

CARLOTA.—Esperam-se ás tropas de Tiradentes.

SILVERIO.—Adiante. Adiante.

CARLOTA.—Nada mais sei.

SILVERIO.—Fazes-te estúpida. E Maria e Genzaga?...

CARLOTA.—Ah! Casam-se.

SILVERIO.—Quando?

CARLOTA.—D'aqui a tres dias, pelo menos o esperam.

SILVERIO.—Que estás dizendo? Vê bem o que estás dizendo... não mintas. Não vêes que isto é impossivel? Ha dous annos que elles pedem o consentimento da Côrte de Portugal e ainda não receberam resposta alguma, graças á influencia do Governador. Agora é impossivel que elles o obtenham... e vens tu dizer-me que este casamento se fará d'aqui a tres dias. Por Deus! parece que nada sabes. Pois então aprende que as pessoas importantes do Brazil não se pôdem casar sem prévio consentimento do Governo Portuguez.

CARLOTA.—Sim! isto é a lei de Portugal mas que se esquece de uma lei não menos poderosa—a do desespero.

SILVERIO.—Oh! (*Passeia agitado*). E o Governador! Estou perdido!... Esta revolução. (*Rapido a Carlota*). Carlota, é preciso quo me surprehendas qualquer papel compromettedôr. Lembra-te de teu amante e de teu pae,... estes papeis! e elles serão teus. Vamos prevenir o Viseconde. Agora guarda bem estas palavras: No dia em que eu cahir da graça do Governador, esta cabeça cahirá de teus hombros.

SCENA IX

CARLOTA depois MARIA

CARLOTA (*Caindo sobre o tronco*).—Oh! minha mãe porque não me afogaste ao nascer.

MARIA (*Fallando dentro*).—Carlota! Como te fizeste esperar! Vem cá! vou deseancar um instante n'esta sombra (*senta-se sobre o tronco*). Meu Deus! como estou triste... Oh! ha muito tempo, que o não vejo, não é verdade, Carlota?

CARLOTA.—Não, minha senhora, ha apenas tres dias.

MARIA.—Mas que dias longos, diz antes tres seculos. Vem tocar-me aquella melodia... vai buscar a guitarra na mão das escravas que esperam acolá... (*Aponta a D. A.—Carlota vai á E. A. e volta com uma guitarra. Senta-se aos pés de Maria e começa um preludio*). Oh! como estes versos são lindos, meu Deus! Haverá maior felicidade do que ser amada por elle... ha uma apenas é amal-o... A minha unica consolação é lembrar-me d'estes cantos que elle me murmurou a mêdo, de joêlhas, humilde e orgulhoso, tremulo como uma creança, elle o poeta, soldado, elle o grande homem, elle o heróe. Vamos, Carlota, acompanha-me a canção da fonte. (*Carlota acompanha, Maria canta a seguinte lyra*).

Junto a uma clara fonte
A mãe de amor se assentou,
Encostou na mão o rosto,
No leve somno pegou.

Cupido, que a vio de longe,
Alegre ao lugar correu.
Cuidando que éra Marilia
Na face um beijo lhe deu.

Acorda Venus irada:
Amor a conhece; e então
Da ousadia que teve,
Assim lhe pede perdão:

«Foi facil, ó mãe formosa,
Foi facil o engano meu;
Que o semblante de Marilia
E' todo o semblante tou».

(*Nas ultimas coplas Gonzaga tem entrado e se aproxima silenciosamente de Maria*).

SCENA X

AS MESMAS e GONZAGA

MARIA.—Gonzaga!

GONZAGA (*Que tem entrado ds ultimas notas do canto*).
—Maria!

MARIA.—Oh! és tu?

GONZAGA.—Eu mesmo, Maria, eu que ouvi tudo. Ah! tua voz cantava-me no coração como um sussurro das aves no céu! Toda a minha alma tremia como a flôr cheia de orvalhos. Mas tu me amas? Não? Sim, meu Deus! eu o sinto... ai se tu não me amasses eu morreria.

MARIA.—Amar-te!... Mas eu sou o peito, tu és o ar, eu sou o ninho, tu és o passaro, eu sou a lagôa, tu és o céu, eu sou a alma, tu és o amor.. Amar-te! meu Deus! mas é tão mau perguntar-me estas loucuras! Ah! meu senhor, tu és um homem, podes ser um herôe, tu és um homem, podes ser um genio, tu és um homem, podes ser um rei e eu sou uma mulher, meu heroismo é vêr-te, meu genio é escutar-te, minha corôa é o teu amor. Mas eu estou te dizendo mil loucuras. Tudo isto não diz nada.... Tu me perguntas se eu te amo. Ah! eu sou uma pobre orphã, mas quando á noite murmuro baixinho o nome de minha mãe pergunto a minha virgem que palavras é que eu suspiro como o habito de minha alma! E' teu nome... tu não sabes o que é um amor de Americana? E' alguma cousa grande como estas florestas, sombrio como estas brenhas, ardente como as flôres escarlates do sertão, luminoso como o sol dos tropicos. E' alguma cousa que entumesce o coração, alguma cousa que illumina a cabeça. Não o sentes aqui? (*leva a mão ao coração*). Não o sentes aqui? (*leva a mão á cabeça*).

GONZAGA.—Oh! Maria, meu anjo, eu o sinto... mas precisava ouvir-te, agora. Tu não sabes quanta força ás vezes nos dá uma voz fraca de mulher... é alguma cousa flexivel como a canna dos brejos que ameaça a face do rio nas horas da enchente.... Porque eu soffro.... Vejo nossa patria escravizada, nossos irmãos captivos e tu, Maria, e tu sempre arrancada de meus braços... por esse poder estúpido da Metropole... Vês bem? tu não sabes que horas de desalento passam-se então no espirito... Corre-me um suor de vergonha no rosto, um frio de morte no coração e minha espada de cavalheiro tressua sangue na bainha...e ou desmaio de abatimento. Oh! mas quando eu te escuto...

MARIA.—E eu não sou mais que uma pobre mulher. Dizem que as mulheres são a fraqueza. E' mentira. Não ha nada tão forte quanto uma mulher que ama. Eu tremo ao menor ruído; para que mentir? Sou timida e medrosa, mas ao pé de ti eu dasafiaria o mundo.

GONZAGA.—Ainda bem. Eu preciso de toda a tua energia. Amanhã eu quero que sejas minha... O Governador deve

chegar d'aqui a dous dias. E' preciso que elle nos encontre casados... Hoje escreverei a teu tio e amanhã, oh! amanhã, Maria, será o dia mais feliz de minha vida.

MARIA.—Sim! Amanhã... Não sabes, meu amigo, tenho pena de que minha mãe não me veja, porem ella neste momento de uma felicidade tão pura ha de levantar as cortinas do céu e lá de cima nos abençoar, não é assim? Meu Deus, como eu sou feliz! O Governador não virá. Oh! aquelle homem é o côrvo negro da desgraça. Eu tenho medo d'aquelle homem. Mas não. Teu amor é um escudo. Não te esqueças que é amanhã. Não sei o que me diz o coração, mas é preciso que corramos atraz da felicidade por que tenho medo!

GONZAGA.—Oh! Obrigado. Mas tens razão, Maria! N'estes dias tempestuosos eu receio a cada instante um comprometimento. Vês estes papeis? São todos os planos da revolução, tudo quanto eu possuo de mais perigoso. Só ha um homem que os possa guardar é o Tenente Coronel João Carlos, é teu tio,—eu sei que elle deixar-se-hia matar sobre o meu deposito. E' um typo severo e honrado—busto de Catão n'um coração de Sparta (*Dá-lhe os papeis*). Entrega-lh'os, e agora, Maria, agora, eu já te posso chamar minha noiva! Ouves bem? minha noiva.

MARIA.—Sim; chama-me assim... Parece que agora me vibrou n'alma a aza de um cysne branco fugitivo!... Falla! Falla! como o céu está puro! como os campos estão lindos. Maio enfeitou-se de fiôres para o nesso noivado. Deus nos olha na limpidez d'este céu azul. Oh! como sou feliz! Falla, falla! Gonzaga!

GONZAGA.—Maria, tu és um anjo.

MARIA.—Oh! não, os anjos não sabem amar como eu te amo. Ouves bem, eu te amo! meu Deus! eu não sei dizer outra cousa. Olha, ha pouco eu tive medo; mas agora já estou forte. Que me importa o Visconde? O côrvo tem medo da aguia e tu és a aguia, meu amor.

GONZAGA.—Porque tu és o sol! meu anjo. (*cae de joelhos e dá-lhe um beijo na mão.*—*As ultimas palavras de Maria o Governador e Silverio tem entrado*).

SCENA XI

CARLOTA, MARIA, GONZAGA, O GOVERNADOR e SILVERIO

O GOVERNADOR.—(*Vestido de preto ao F.*)—Oh. misoravel! (*Pucha de um punhal e dá dois passos*).

SIVÉRIO.— *(Detendo-lhe o braço.)*—Não dareis um passo

O GOVERNADOR.— *(Prevenção.)*—Pois tu ousas? Canalha!?

SILVERIO.—Salvar o Governador e sua vingança.

(Ouvem-se ao longe as trompas de caça e o o motim de muitos cavalleiros).

GONZAGA e MARIA.— *(Voltando-se.)*—O Governador!

O GOVERNADOR.— *(Comprimentado leve a Gonzaga : faz um passo para Maria, beijando-lhe a mão.)*—Senhora! o corvo é o passaro das trevas, mas quando a aguia dorme, véla o côrvo! Ha instantes, houve uns labios que se molharam aqui n'um beijo, amanhã haverá uma corda que se molhe em sangue.

MARIA.—Ah! *(Desmaia sobre o tronco, ao cair deixa rolar após si um maço de papeis : todos grupam-se em torno em quanto que Carlota os apanha).*

CARLOTA.— *(Erguendo os papeis na mão.)*—Estes papeis perderão minha alma; mas estes papeis salvarão meu pae!...

FIM DO PRIMEIRO ACTO.

ACTO II

Anjo e Demonio

(Sala ricamente mobiliada segundo a epocha. Ao F. o jardim illuminado a giorno).

SCENA I

TIRADENTES, CLAUDIO, ALVARENGA, padre CARLOS
(*Varios cavalleiros e senhoras passeando ao F.*).

CLAUDIO.—Ora havemos de concordar, meus senhores, que a isto chama-se atirar-se á boca do lobo. E' a historia do pagem que dançava á beira de um precipicio. Pois bem. Nós agora dançamos sobre a escada do pelourinho... Falsoie o pé... e ficaremos suspensos pelo pescoço.

TIRADENTES.—E' o mesmo. A's vezes um braço no collo de um homem é o toirão de ouro da sua realza de martyr.

CLAUDIO.—Ah! meus senhores, eu nunca o quercia. Deve machucar as rendas, estragar a elegancia dos nossos vestidos... e de mais é um pouco ridiculo passeiar de rob-chambre pela rua com *um preegoeiro* que nos soletra horriavelmente o nome... e o carrasco immundo como o carniceiro a fallar com um certo ar de protecção... Nada! nada! abomino a forca... E se temos alguma dama que nos olha n'essa tão irrisoria posição, ouvil-a-hemos dizer talvez ao moço com quem conversa na varanda:—Sabe quem vai ali? Um condemnado.—Meu Deus... como é feio um condemnado!... »—Meus senhores... um condemnado é uma especie de rez bipede... nada! fóra com a forca.

PADRE CARLOS.—Mas Christo morreu sobre a forca.

CLAUDIO.—Mas Catão apunhalou-se. Viva o punhal. A arma das sultanas e das Hespanholas, das mulheres mais lindas do mundo. Padre! Bem vês que eu tenho o direito de escolher o punhal. E' galhardia de cavalleiro. Mas agora vêjo que estamos lugubres como a mascara do Governador, quando se ri ou como uma velha que falla de amo-

res, é preciso que estejamos alegres meus senhores, reparem que viemos aos mais lindos esponsaes. Ah! A epocha é de esponsaes. Breve os convidarei aos meus. *Glauccote* espera enfim vencer a tyrannia de sua Eulina.

TIRADENTES.—Bem; mas a nossa verdadeira noiva, Claudio, é esta pobre terra, que é nossa patria.

CLAUDIO.—Não implica! O coração a uma, a outra o braço. É puro *Rouget de l'isle*, meus senhores, plena marsehesa... dá-me impetos de cantal-a nas barbas do visorei. E a proposito do visorei, viste-o?

TIRADENTES.—Podéra não. Se eu volto agora do Rio de Janeiro. Vi Luiz de Vasconcellos, meus senhores. E bem lhes digo que não duvidei mais um instante. Levantei as tropas que ergueram-se á minha voz como um só homem e a não ser a vontade timida dos senhores, a estas horas...

ALVARENGA.—Diga antes, Sr. Tiradentes, que a presença do Governador estragou tudo.

TIRADENTES.—O Governador? E que me importa o Governador? Esta especie de homem corcodillo, este ridiculo Tito do estado, este devasso visconde de Barbacena? Ah! eu não sou mais que um pobre tenente do exercito, mas affirmo-lhes que a não ser a prudencia infantil ou grande politica dos senhores, como lhe chamam, eu já ter-lhe-hia surrado as costas com o pano da mesma espada.

CLAUDIO.—Olá! Seria difficil... O visconde é um homem terrivel, que traz sempre á sua frente a hypocrisia, ás suas costas o carrasco.

TIRADENTES.—E nós, senhores, nós! (*Dirige-se á E. B. a uma janella, cujo reposteiro levanta*), temos á nossa frente o direito, sobre nossos passos o povo. Vejam, meus senhores, estas luzes brilhantes e multiplicadas.

CLAUDIO.—São os cem olhos de Argos.

TIRADENTES.—São os cem olhos do povo! Quando os homens dormem fecham as palpebras, quando as cidades dormem abrem os olhos, é Deus que vela. Oh! parece-me que n'este instante Villa-Rica, que nos espia das trevas, é a cabeça d'estes sertões immensos que por ahi além se estendem como um corpo de Adamastor... e esta cabeça tem olhares que nos queimam o sangue nas veias, e o rugido do vento nas florestas seculares é a voz de uma nação immensa que dialoga connosco? E nós descansamos... quando meus soldados pegam os copos da espada, quando os escravos empunham o cabo do machado, quando a capitania agarra o facho. Ah! senhores! fogo aos quatro cantos do continente, a foice aos troncos do des-

potismo, a espada ao coração dos tyrannos e deste incendio tremendo voará como das hecatombes romanas não a aguia que leve a alma do imperador, mas o condôr que levante a liberdade do meu paiz.

CLAUDIO.—Inda bem! Inda bem! Eu estou prompto.

ALVARENGA.—Isto é uma imprudencia e uma falta de confiança. Gonzaga nos pedio dois dias de demora.

PADRE CARLOS.—Dois dias passam depressa.

TIRADENTES.—Dois dias! Emfim seja! l'eza sobre vós a responsabilidade do acto! Eu lavo as mãos!

CLAUDIO.—Então! Amanhã á revolução! hoje ao baile! E em quanto não podemos dar o braço á patria offereçamol-o, ás damas. Copos por copos, meus senhores, amanhã os da espada, hoje os do Reino! Oh! eis que a proposito passa um pagem! Olá!

SCENA II

OS MESMOS e LUIZ

CLAUDIO.—E's tu, Luiz?

LUIZ. (*Vestido de pagem com uma salva de copos*).—Eu mesmo, meu senhor, que procurei um pretexto para vir dizer que Vmcs. fallam muito alto e que ha muitos ouvidos que escutam.

CLAUDIO.—E' talvez verdade, mas pouco importa.

LUIZ.—Não queiram que a imprudencia iguale o animo. Ah! são palavras de um preto, mas são tambem palavras de um velho... E perdõem, mas a velhice tem o capricho de nos fazer um pouco brancos.—(*Apontando os cabellos*).

CLAUDIO.—Olá, velho Luiz, pareces hoje um tanto alegre?... Heim?

LUIZ.—Hoje sim... mas amanhã... (*Olha em torno de si*). Bebam, meus senhores! Gritem, porém não fallem, cantem porém não gêmam. Cada janella espia... cada écho denuncia, cada cortina esconde um traidôr, cada taboa um cadafalso... E' a alma damnada do Governador que se multiplica. (*Tem enchido os copos*).

CLAUDIO.—Pois bem, meus amigos, ergamos um brinde á liberdade! (*Todos chocam os copos e bebem*). E á morte do Governador! Ah! ah! ah!

SCENA III

OS MESMOS, o GOVERNADOR, o TENENTE CORONEL SILVERIO e UM PAGEM.

O PAGEM.—*(Na porta central do F., annunciando)*.—S. Ex. o Sr. Antonio Furtado de Castro do Rio de Mendonça, visconde de Barbacena, do Conselho de S. Magestade, Governador e Capitão General da Capitania de Minas Geraes... *(O Tenente Coronel colloca-se na porta central)*.

TENENTE CORONEL.—Por aqui, Senhor Visconde.

GOVERNADOR.—*(No F. em frente da primeira porta á P.—a Silverio)*.—Então, Sr. Silverio, ainda d'esta vez nada *(Fallam baixos)*.

TIRADENTES *(A' boca da scena)*.—Então, meus senhores. Os copos estão cheios... Os braços são firmes.. Bebamos! seria vergonha dizer-se que cavalheiros não sabem beijar os labios de christal de uma taça, os labios de rubim de uma dama!—A' morte do Governador!

CLAUDIO.—Cheguemos os copos! E se o Visconde nos ovio, bebamos um punhal em cada góle!

TIRADENTES.—Tens medo?

CLAUDIO.—Por Baccho! Eu já lhes disse que tencionava suicidar-me. E' o mesmo. O phalerno leva a morte ao peito mas dá prazer aos labios.—A' morte do Governador... *(Bebem)*.

O GOVERNADOR *(No F. a Silverio)*.—Parece que fallam no meu nome?

SILVERIO.—Deixe estas bocas fallarem, amanhã ellas estarão mudas! Vê estas bellas cabeças de cavalheiros? Vivos, ousados, moços, com estas duas bellezas a d'alma que sae do coração e brilha no rosto, a da mocidade que scintilla na face e enseiva o coração, amanhã serão um pouco de lama repulsiva.

O GOVERNADOR.—Ah! fizeste-me vontade de rir!... Silverio, o gato tem d'estas alegrias... o rato póde brincar... elle dorme... Eu tambem vou dormir... brinquem meus senhores, minha mão por óra está aberta.

SCENA IV

OS MESMOS, menos OS PAGENS e SILVERIO.

CLAUDIO —Retiremo-nos.

TIRADENTES.—Isto teria ares de fuga. Eu fico.

O GOVERNADOR.—(*Que se tem sentado ao pé do Tenente Coronel*).—Temos um lindo baile, Sr. Tenente Coronel. E' uma verdadeira illusão, faz-me crêr que estou em Portugal; bem se vê que o Sr. é um official do Rei.

TENENTE CORONEL.—Muito me honra, Sr. Visconde, e elogio de V. Ex.

O GOVERNADOR.—O meu... Oh! Sr. Coronel. Eu sou um rustico como Tito; amo o retiro e a solidão para pe sar nas cousas do Estado, vivo lá na minha cachoeira do campo, e mal me recordo ainda do modo porque se pizam as tapeçarias de um baile. Mas se vale a memoria de cavalheiro creio que temos hoje uma linda noite. Falta-lhe entretanto nas salas a mais linda filha do Ouro Preto... Ainda não vi a Senhora D. Maria. (*Olhando para o jardim*). Oh! mas creio que a vejo chegar... ali vem pelo braço de um bello cavalheiro... Sim é o noivo... Que lindo par... Dir-se-hia que Daphnes e Cloês renasceram de um idillio Virgiliano.

SCENA V

GONZAGA, MARIA, o GOVERNADOR, TENENTE CORONEL, TIRADENTES, CLAUDIO.

O GOVERNADOR.—(*Cumprimentando risonho*).—Minha Senhora, Sr. Dr. Gonzaga!

MARIA.—(*Aparte*).—Oh! Este homem que ri-se é porque os labios sabem-lhe a sangue! (*Aos outros cavalheiros cumprimenta e senta-se*).

O GOVERNADOR.—Dizia ha pouco, Senhora D. Maria que faltava V. Ex. ás salas, mas agora que a vejo digo-lhe que se V. Ex. está fazendo falta, é de certo ao firmamento.

MARIA.—V. Ex. é sempre lisongeiro.

O GOVERNADOR.—Engano, Senhora. O espirito é um jogo muito difficil. E' a esgrima não dos braços mais fortes, porém dos mais ligeiros. A velhice torna-nos pesados, o retiro torna-nos esquelidos. Mas a culpa é de V. Ex., que deixa o velho rustico surprehendel-a em todo o resplendor de sua belleza. Endymião desvaira na floresta ao fitar Diana a caçadôra... Ah! ah! ah! Não é assim que se diz Sr. Gonzaga? Os Srs. poetas são os que sabem dizer d'estes lindos nadas. Mas é bonito! E' bonito! Gosto d'estes pastorinhos gravando suas loucuras no tronco de uma olaia.

GONZAGA.—Diga antes, Sr. Visconde, os seus amores.

O GOVERNADOR.—(*Com fogo, olhando Maria*).—Gravar o

seu amor. O amor... mas éra preciso um buril de fogo para escrevel-o sobre uma lamina de bronze. (*Risonho*). Gracejos de velho, meus senhores, eu morro pela poesia e pelos poetas. Sr. Gonzaga quando irá ao nosso retiro? E' uma verdadeira ilha dos amores. As dryades cantam á sombra dos myrthos, saltam as nayades fugitivas na lympha clara do rio, em quanto a flauta de Pan sussurra nos canaviaes queixosos e os pastores enfeitam as pastorinhas de virentes pampanos...

TIRADENTES.—(*Com ironia*).—E os Satyros? Sr. Visconde, V. Ex., esqueceu os Satyros.

O GOVERNADOR.—Se falla d'estas divindades que participam um tanto da natureza caprina... Oh! n'esta boa terra os ha de sobra.

TIRADENTES.—(*Aparte*).—Este miseravel me insulta no meu paiz. (*Alto*). Não; fallo d'estas creações que o paganismo ideicu para symbolisar o ridiculo de outros typos.

O GOVERNADOR.—Acho que interpreta com muito fogo a fabula, Sr. Tiradentes. E estimaria assás encontral-o no retiro dos bosques, lá onde a mythologia póde ser melhor comprehendida para pedir a explicação de alguns pontos para mim obscuros (*Claudio detem Tiradentes*). Oh! como eu dizia ha pouco proporcionar-me-hia um grande prazer... Não quer ir tambem á nossa quinta, é um lugar ameno onde a natureza selvagem e estúpida d'estes climas amainou o bravo e insoleite da vegetação.

CLAUDIO.—(*A Tiradentes*).—Tu não te pertences. Um momento de reflexão, meu amigo.

O GOVERNADOR.—Não responde? Oh! não receie encontrar por lá os botucudos repulsivos da sua terra... nem esta população grosseira e alvar do seu Brazil que de certo afugentariam os meus Deuses lares. Os meus feitores tem bons pulsos, as minhas matilhas tem bons dentes... Aceite, Sr. Tiradentes, parece que está tremendo... Será receio dos cães?...

TIRADENTES.—Eu não receio os cães... Sr. Visconde, mas quando tenho a infelicidade de encontral-os mesmo as vezes n'uma sala, assim como aqui estamos, costume atirar-lhes á cara alguma cousa em que mordam (*Vae a atirar-lhe com a luva—o Tenente Coronel segura-lhe o braço*).

O GOVERNADOR.—Prenbam este homem.

SCENA VI

OS MESMOS e SILVERIO

TENENTE CORONEL.—Um momento, Sr. Visconde. Eu tenho uma espada que foi sempre fiel e votada ao Rei. Pois bem, esta espada que V. Ex. mesmo honrou, eu quebrarei no joelho no momento em que a pessoa do meu hospede não seja segrada.

SILVERIO (*Baixo ao Governador*).—Perdõe senhor, este homem é nosso... o perdão é o degrau da vingança...

MARIA.—Sr. Visconde permittir-me-ha que acceite o braço d'este cavalheiro. (*Dá o braço a Tiradentes*).

O GOVERNADOR.—Mil perdões, minha senhora...

TENENTE CORONEL.—Obrigado. Sr. Visconde; V. Ex. acaba de salvar a minha honra.

O GOVERNADOR.—Desculpas peço eu, meus senhores, de me ter esquecido um momento de que estava n'um baile de esponsaes... (*Vae sentar-se ao lado sobre o sofá entre Gonzaga e o Tenente Coronel*).

CLAUDIO.—(*No F. a Maria*).—Ah! minha senhora, se o seu olhar é um raio, a sua bondade é um manto.

MARIA.—Ah! Sr. Claudio, parece-me que faz de galante. Pois volte-se; vê quem está ali?... é Eulina... Se me disser mais uma palavra está perdido.

CLAUDIO.—Ah! minha senhora, eu me arrependo de não lhe ter dito que é um anjo... pois bem vê que me aponta o céo. (*Vae sentar-se ao pé d'Eulina*).

GONZAGA.—(*Ao Governador*).—É esta a minha opinião... O Sr. Dr. Intendente creio que pensa tambem assim. Se S.S. requerer a derrama de toda a divida á junta da fazenda reconhecendo a impossibilidade do arrecadamento representará á rainha.

O GOVERNADOR.—Mas Sr. Gonzaga, creio que este é um pessimo meio. O povo sujeitar-se-ha facilmente a pagar as cem arrobas de um anno, ao passo que o requerimento da divida por inteiro levará os animos ao desespero. Toda a capitania não possui os nove milhões a que monta este debito.

GONZAGA.—Engano, Sr. Visconde!... Eu peço o requerimento de toda a derrama para que ella não se faça de sorte alguma. Demais para um motim bastaria o lançamento de um unico anno, que é de perto de sessenta arrobas de ouro.

O povo não pôde supportal-o, muito mais tendo a certeza de que sem o perdão da rainha os outros lançamentos irão reduzir-o á indigencia.

O GOVERNADOR.—Então Sr. Gonzaga, o melhor é que o Sr. Intendente represente á soberana sobre a impossibilidade do pagamento, e não vejo a razão porque deva requerer a derrama. Basta que a rainha conheça a divida e o estado da terra para que cesse a vexação, ao passo que este falso jogo pôde comprometter a segurança publica.

GONZAGA.—Perdão, Sr. Visconde, o Sr. Dr. Intendente pedio-me um parecer. Ora o Sr. Intendente como procurador da corôa já foi reprehendido pelo governo por não ter cumprido com o seu dever, e como é preciso, emfim, que elle faça o requerimento, creio que um requerimento impossivel é o melhor meio de salvar a sua responsabilidade e a felicidade do povo.

GOVERNADOR.—Concordo emfim. Dou-me por vencido, Sr. Gonzaga, pelo seu grande talento politico e não dir-se-ha que um tão bom subdito seja esquecido por sua Magestade.

SILVERIO.—(Ao Governador).—E' ainda um compromettimento. A mosca enrôla-se na têa.

GONZAGA.—(A' parte).—Ainda bem. Tudo está prompto.

O GOVERNADOR.—Agora, uma divida que eu tenho a pagar, meus senhores. Em toda a parte onde vejo o talento curvo-me. (A Maria que se tem aproximado). Em toda a parte onde vejo a belleza, ajoelho-me. Não se dirá, minha senhora, que o velho imprudente que um momento perturbou a alegria d'estas salas deixasse de pagar a sua divida.

GONZAGA.—Como, Sr. Visconde, tanta bondade!

O GOVERNADOR.—(A Maria).—Não é verdade, minha senhora, que a côrte de Lisbôa tem bem fataes delongas? Oh! Eu o leio nos olhos de V. Ex... (Vivo). Quando dois corações contam as horas de espera... os ponteiros giram muito rapidos; e depois o oceano é muito largo as velas muito priguiçosas, a côrte muito indolente. Cança esperar, sim! esperar dois annos o momento da felicidade... contal-os por suspiros de anciedade, por gemidos de desalento... E' longo... é terrivel! Não é verdade, minha senhora, que esta ampulhêta vai muito precipitada e aquelles homens muito lentos?

MARIA.—E' verdade, Sr. Visconde.

O GOVERNADOR.—(A' parte).—Maldição, como ella o ama! (Alto). Pois bem, minha senhora, o Governador paga a divida do cavalheiro. Pôde V. Ex. marcar o dia do seu noi-

vado... eu me encarrego de pedir a acquiescencia de Sua Magestade a Rainha e entrego em suas mimosas mãos todo o meu credito.

GONZAGA.—Oh! Obrigado, Sr. Governador. V. Ex.^a. pôde dispôr de mim. (*Aperta-lhe a mão*).

MARIA.—(*Ao Governador*).—Mil graças, senhor.

O GOVERNADOR.—Agora minha senhora, acceitará para recompensar-me o meu braço.

MARIA.—Muita honra, Sr. Visconde.

SILVERIO.—(*Baixo*).—Sr. Governador, uma palavra. (*Sae*)

GONZAGA.—(*Baixo*).—Preciso de ti um momento, Maria

SCENA VII

CLAUDIO e TIRADENTES

(*Durante a scena todos vão saindo uns após outros*).

CLAUDIO.—(*A Tiradentes*).—Ficas?

TIRADENTES.—Fico.

CLAUDIO.—E's um original. Quando a mim, meu caro, assesto as ultimas baterias... Vou convidal-a ao passeio no jardim. As flores da noite, as alamedas sombrias, as luzes por entre as arvores, uma musica ouvida ao longe... uma mão trémula que se aperta, uma confissão que sussurra pelos labios... não conheço coração que resista... Vesta n'estes casos, faz-se de Venus. O amor triumpho do gelo e o olhar mais severo termina no estalido de um beijo... Oh! Tu que és um coração de bronze, fica... e inveja-me que eu corro após a felicidade...

TIRADENTES.—Está bem, vai que te seguirei.

SCENA VIII

GONZAGA e MARIA

GONZAGA.—Emfim, Maria, a felicidade nos estende os braços.

MARIA.—Ou a desgraça.

GONZAGA,—Que dizes? A desgraça!...

MARIA.— (*Aparte*).—Que loucura! meu Deus! Oh! e eu que não lhe posso dizer nada!

GONZAGA.—A desgraça! Mas tu não vês como tudo nos auxilia, o nosso casamento... a liberdade que breve se proclamará... O Governador que está cego...

MARIA.— (*Aparte*).—De odio e de vingança!

GONZAGA.—Maria, como eu sou feliz!!! Queres saber? Já não tenho desconfianças, nem receios... eu estou descançado sobre o nosso futuro... Ah! Tenho de fazer-te uma surpresa. Breve te enfeitarei com o vestido que bordei a ouro para a minha noiva.

MARIA.—Sim, eu vestil-o-hei. Estás bem descançado meu amigo, tens razão. Eu sou uma louca. . . Tanta felicidade me admira e como n'um sonho receio que me fuja. Oh! é que ella é uma borboleta muito caprichosa... amanhã é muitas vezes o reverso de hoje. (*Dá-lhe a mão*). Mas foi uma loucura, passou... tu estás feliz... eu estou radiante.

GONZAGA.—E' que possuir-te, Maria, é sentir que a terra se azula porque se transforma no céu, que as estrellas scintillam, porque tremem nas tuas palpebras, que Deus é melhor porque se reflecte na limpidez da tua alma! (*Vae a beijar-lhe a mão... Silverio passa ao F.*)

MARIA.— (*Com pudor*).—Oh! espera que eu seja tua.

GONZAGA.—Tens razão. Perdôa, Maria, mas é que eu me esqueço de mim junto de ti. E' verdade fazes-me lembrar o que te queria dizer... Ouves? A musica soa. (*Ouve-se ao longe a musica*) Todos te esperam anciosos. Dá-me ainda um instante. Dize-me, Maria, entregaste aquelles papeis a teu tio?

MARIA.— (*Confusa*).—Aquelles papois!... Não, eu não os entreguei.

GONZAGA.—Sim? Tanto melhor. Já não tenho receios... O Governador é meu amigo, ellos estarão em segurança em minha casa que de certo não será suspeita. Não os déste ainda a teu tio! Muito bem. Dar-m'os-has logo que pudéres. São-me precisos talvez muito breve,

MARIA.— (*A'parte*).—Meu Deus! (*Alto*). Eu vou buscar-os.

SCENA IX

OS MESMOS e CARLOTA

MARIA.—Ah! ali passa Carlota... (*Chamando*) Carlota!

CARLOTA.—Minha, senhora?

MARIA.—Vai ao meu toucadôr e traz-me os papeis que lá estiverem na gaveta. Toma a chave. Corre! dopressa, Carlota.

CARLOTA.—Sim, minha senhora. (*Sae*).

SCENA X

MARIA e GONZAGA

MARIA.—Creio que são uns papeis brancos lacrados em tres pontos, não? meu amigo? No meio da minha perturbação eu os tinha mesmo esquecido, julguei que os havia apanhado: Mas agora lembro-me que vi alguma coisa semelhante no meu toucadôr. Sim! Creio que Carlota quando eu desfaleci os tomou e depois escondeu no meu quarto... Deve ser isto!

GONZAGA.—Não te impacientes; minha amiga. Carlota ahí vem que os traz.

MARIA.—Ah! Tirou-me de um supplicio horrivel!

SCENA XI

OS MESMOS e CARLOTA

CARLOTA.—Aqui os tem, minha senhora.

MARIA.—Obrigado. Toma-os, meu amigo, guarda-os bem guardados! Vê! não são estes? Oh! não os vás perder...

GONZAGA.—(*Tem quebrado o lacre dos papeis*).—Maria. O involucro é quasi identico, mas contém apenas cartas minhas, tu as havias ajuntado talvez... não é assim? Toma, guarda-as que um dia havemos de lêl-ás juntos, bem juntos, diz-m'o o coração..

MARIA.—(*Aparte*) —Oh! meu Deus! que pressentimento horrivel! (*Alto*) São tuas cartas, são! . eu as amo muito, hontem ellas estavam espalhadas na gaveta e eu disse a Carlota que as ajuntasse. ella lacrou-as assim. e eis ahí o engano....São tuas cartas... porque os papeis... oh! estão guardados .. não receies nada, eu os guardei... é tua vida que eu tenho em minhas mãos....Demais quem os quereria?... Mas aquelle maldito desmaio! Que culpa tive eu?. Foi tão subita a entrada do Governador!...(Como

tomada de uma desconfiança.) o Governador! Ah!!! (*Atira os papeis sobre a mesa da D. e vem á boca da scena*). Meu Deus! Meu Deus! E' uma idéa horrivel! Teria eu comprehendido a alegria tremenda d'aquelle homem! Oh! é que aquella boca só ri quando tem saído de sangue!... (*Vae a sair precipitadamente.—A Gonzaga*). Espera, meu amigo, eu vou buscal-os... espera! (*Saem Maria e Carlota*).

SCENA XII

GONZAGA, TIRADENTES, CLAUDIO, ALVARENGA,
depois SILVERIO e CARLOTA ao F.

* GONZAGA.—(*Aos que entram*).—Entrem, meus senhores, precisava fallar-lhes.

TIRADENTES.—E eu queria dizer-te que já não podemos esperar!

CLAUDIO.—Sim! Eu não espero mais que 24 horas. Devo morrer, meus amigos, sou o mais infeliz dos homens.—Nem a brisa, nem a noite, nem a musica enterneceram o coração de minha Eulina. Ah! Senhores, imaginem que em meio de uma declaração de amores, quando minha voz era mais terna... (e tão terna que eu mesmo quasi me apaixonava pela minha garganta), quando ensaiava um beijo.. mas um beijo que infelizmente ficou só em hypothese—foge ligeira a minha nympha e deixa-me chamando embalde

Nem ao menos o echo me responde

Ah! como é certa a minha desventura

Nize, Nize, onde estás, aonde, aonde?!..

E' de desesperar! meus senhores, eu por consequencia não espero!

GONZAGA —Concedes-me um instante?

TIRADENTES —Então?

GONZAGA.—O intendente acaba de dizer -me que vae requerer a derrama immediatamente. Este homem vae requerer a revolução. Em 24 horas tudo deve estar prompto.

SILVERIO.—(*No fundo a Carlota*) —Fizeste como te disse?

CARLOTA.—Sim, meu senhor. Imittei o sobrescripto e colloquei-o no seu tocador para no caso d'ella se recordar dos papeis, acreditar que eram aquelles.

SILVERIO.—E ainda não sabe?

* CARLOTA.—A estas horas devê sabel-o.

SILVERIO.—Já era tempo. Olha, Carlota, dêste-me a cabeça d'aquelle lindo cavalheiro. Vae chamar o Governador.

CARLOTA.—Deus me perdôe..? meu pae, Senhor?

GONZAGA.—(Aos conjurados á boca da scena).—Amanhã em minha casa ao levantar da lua.

Todos.—Ao levantar da lua.

SILVERIO.—(A Carlota).—Elles o dísseram : terás teu pae, amanhã ao levantar da lua.

SCENA XIII

SILVERIO e o GOVERNADOR

O GOVERNADOR.—Então os papeis?

SILVERIO.—Aqui os tem.

O GOVERNADOR —(Precipitando-se sobre elles).—Oh! é isto, é isto... (Abre). «*Lista dos conspiradores, cartas sobre a revolução, planos sobre as leis da nova republica*». Tudo, tudo que bastaria para levar á fôrça meio mundo. E' isto! Muito bem, meu Silverio, muito bem... Olha, vêes este papel? é fraco, muito fraco, um sopro de vento o levaria... pois bem, estas folhas flexiveis encerram em si mais condemnados que todas as masmorras da Rainha... é um calabouço este papel... é um patibulo este papel... é um antro. . Quando eu o aperto parece que sinto o estertor de mil agonias... quando eu o aspiro, sinto o cheiro de sangue... oh! deve ser bello, Sr. Silverio, entregar todas estas vidas á mão rosada de uma criança e dizer :... «*Faze o que bem te parecer.. Queres um circo, como os Imperadores davam ás patricias de Roma?... abre-o.. Queres o espectáculo de mil escravos que te devam a vida?—queima-o*».

SILVERIO —Como, Sr. visconde? Nada comprehendí.

O GOVERNADOR.—Fizeste bem... Silverio, obrigado.... Se minha mão tem o ferro para os inimigos, tem o ouro para os amigos... Vae, Silverio.

SILVERIO.—Eu voltarei em breve. (sae).

O GOVERNADOR.—Oh! Ella será minha... inda que Deus m'a queira roubar... E' um duello de morte. Vejamos quem vale mais, se o velho Governador, ou o moço poeta. Entretanto parece-me que tremo... E' a primeira vez!.. Não importa. Condé, dizem, que tambem tremia antes de entrar nas suas grandes batalhas e no entanto Condé sempre vencia.

SCENA XIV

O GOVERNADOR e MARIA

MARIA.—(*Entra pallida e perturbada. Vem á boca da scena sem ver o Governador*).—Oh! meu Deus, revolvi tudo! nada! nada! meu quarto estava vazio como um tumulto... o coração salta-me como a cabeça ainda quente de um condemnado... Meu cerebro ferve como uma fornalha... Oh! meu Deus, minha vida inteira por aquelles papeis...

O GOVERNADOR (*Que se tem collocado atraz d'ella*). Eu contento-me que a reparta comigo, minha senhora.

MARIA.—Este homem! sempre este homem!... Dir-se-hia que é a sombra da desgraça. Todas as vezes que um vulto invisivel me fere eu vejo esta mão que se enchuga.

O GOVERNADOR.—Este coração que sangra...

MARIA.—E que me importa o seu coração, Senhor, (se é que o tem)? Que me importa? Ah! é preciso que eu lhe faça lembrar que sou uma noiva. Ouvio bem, Sr. Visconde? uma noiva!... Tenho atraz de mim o meu berço de virgem, á minha frente o meu leito de esposa... estas duas cousas santas, uma guardada por uma mãe, outra velada por Deus! Ah! é preciso que cessem estas temeridades... Falla-me de seu coração... da mesma sorte que me falla do seu odio, do seu ciume, de sua vingança. Oh! Ha de concordar, Sr. Visconde, que á primeira vista dir-se-hia que sua alma é um covil, é uma jaula onde todos estes animaes ferozes se mordem e estrangulam. E depois fosse a sua alma pura como o céo, illuminada apenas pela minha imagem... que me importaria tudo isto?... Eu já lhe disse, Sr. Governador, duas palavras, que bastam. Eu amo a Gonzaga!... E se o Sr. sabe o que é o amor deve sentir que eu não posso ter o officio de olhar corações... Ouça bem, Sr. Governador. Eu amo a Gonzaga!... E embebida n'um dos seus olhares nem sequer mover-me-hia mesmo se o mundo inteiro desabasse em torno de mim.

O GOVERNADOR.—(*Como que a si proprio*).—E' verdade! Que te importa o meu amor? Que te importa a minha morte?... Oh! mas é a fatalidade! E' sempre a fatalidade!..

MARIA.—Ainda ameaças, Senhor, mas isto além de inutil, é cobarde...

O GOVERNADOR.—(*Terrivel*)—Não me insulte, senhora. (*Brando*). Póde insultar-me, Maria, mas ao menos escute-me um momento, um instante; é alguma cousa de serio,

de terrível que eu vou dizer-lhe; é sua vida, a minha, e a de mais alguém que se joga n'esta fatal partida... Ouça, Maria....

MARIA.—(*Altiua*).—Senhor !

O GOVERNADOR.—Oh ! deixe-me ehamal-a por este nome, porque é assim que eu eostumei-me a invoeal-a nas minhas horas sombrias, nas minhas horas de condemnado ; quando o céo era negro, eomo a abobada de uma eatacumba, e a terra fria como a lagea de uma sepultura. Oh ! Era este nome que eu invocava como aragem bemfazeja quando a cabeça me eesaldava, e no emtanto era elle que me derretia bronze em lava pelas veias.... Oh ! E' uma historia sombria mas que é preeiso que eeseute....

MARIA.—(*Ironica*).—Eu eeseuto, Sr. Visconde, as mulheres são euriotas, e affirmo-lhe que a minha euriotidade está por demais excitada. Quero vêr até que ponto ehega este assombro de impertinencia.

O GOVERNADOR.—(*Sem ouvil-a*).—Um dia passava uma cavalgada pelas ruas de Villa-Rica... Soavam as trompas, turbilhonava a multidão, as janellas resplandeeiam de eolchas e de phisionomias animadas, os eavalleiros earacollavam sobre lindos ginetes em quanto as damas se inclinavam para seguir eom os olhos este esplendido eortejo... Era um dia de festa... Ou um dia de maldição... E tudo isto era por um homem... Esto homem orgulhoso, conseio de sua força, terrível na sua grandeza tyranna... sorria de desdem, eomo um soberano rodeado de eseravos... e sentia-se feliz por que era poderoso... Sim ! Elle era feliz. O poder tinha sido a sua uniea paixão... a virgem... dos seus sonhos de moço, o amigo de sua virilidade ; a esposa de sua velhice... Oh ! Elle era feliz... Não se impaeiente, senhora, eu vou dizer-lhe tudo.. De repente o homem levantou os olhos para uma gelosia. Ahi estava uma mulher... ou talvez um demonio de belleza... Ella era bella ! Sim muito bella... tinha uma frente soberana e larga como um firmamento de alabastro, as sobrancehas eurvadas e delieadas como o areo-iris do amor, uma boca que pedia beijos, uma alvura, que se teria manehado mesmo eom a braneura de uma lagrima. E os eabellos eram negros. Oh ! na noite d'aquelles eabellos a propria luz quizera transformar-se... e os olhos, meu Deus... pretos, rasgados, brilhantes e avelludados eram eomo uma perola sob a coneha rosada das palpebras... O eeador invejaria um dos raios d'aquelles olhos para resplandeeer no diadema da virgem... Era V. Ex., minha senhora. Eras tu, Maria ! O homem era eu... Era porque já o

não sou... Que longas noites de vigilia povoadas de mil formas de voluptia, de beijos insensatos, de lagrimas lascivas cavaram-me rugas na fronte, abysmos no coração, aquellas cheias de trevas, este choio de amor! Porque dizer-te mais? O demonio amou o anjo. (*Movimento de Maria*). A tréva quiz abraçar a luz, o reptil perdeu-se pela flor: oh! não precisa fallar...—Eu sei o que vae dizer Sim, eu... devia ter affogado este filho maldito da minha alma, devia devorar este amor, como o cascavel engole os filhos, mas era impossivel... Depois... uma noite... era uma noite de sensualismo e de loucura, uma noite que devia ser bem negra (negra, como o pensamento horrivel, que lhe sahio das entranhas). Eu ouvi uma voz que me repetia... Ella será tua!... sabes tudo o que encerra esta palavra? Oh! Nunca o saberás, pois bem! Eu sonhei-o, e sonhei-o tanto que ao despertar d'este pesadêlo levantou-se em mim um outro homem que tinha uma cabeça de condemnado e um braço de assássino... Então soltei uma gargalhada que horrorisou a mim mesmo e jurei que serias minha. (*Riso de Maria*). Tu ris? pois jurei? não sobre o meu crucifixo, mas sobre a cruz do meu punhal. E o homem que cumprio o juramento, que têm agora nas garras como o gavião ao passarinho, tua vida, e tudo quanto tu amas, vem dizer-te: Maria, eu sou o senhor, eis-mé feito escravo... deixa-me apenas fanar com os meus beijos as flores que tu roçares de leve com a aza dos teus pésinhos! Escuta, eu sou bem desgraçado! Ouve! amo-te com um amor unico, immenso e virgem como tu!...

MARIA.—O seu amor virgem! Sim é isto... Uma mulher é moça, é feliz, é talvez mesmo bella... Tem a primavera que lhe canta nos olhos, o amor que lhe suspira no coração... Ella ama!!! E os pobres amantes embalados em seus sonhos de esperança embriagam-se, respiram-se, olham-se e vão correndo sobre os dias acreditando que o céu é uma arvore de saphyra, de onde a terra pende como um ninho embalado entre as estrellas. E este ninho Deus o creou para elle! Sim... para o seu amor... Mas de repente vêem alguma cousa boquiaberta, negra, horrivel que boceja a seus pés... e isto lhe diz: Tu és bella, ó virgem, tu és pura, ó noiva, pois bem eu sou horrivel, mas eu te amo! eu sou tão negro como é alva a tua capella, mas eu te amo! Vem que eu sou a fatalidade. Vem! que eu sou a sepultura, eu te offerço a minha virgindade de lama! (*Ao Governador*). A virgindade de seu coração! mas é a virgindade da cova... Um pouco de lodo sacia a terra, um corpo de mundanaria deve fartar-lhe a fome... (*Gesto do Governador*). Oh! Não me

interrompa... eu ouvi-o, deixei-o derramar do seio toda essa baba que o senhor chama amor! o amor, meu Deus! mas é o ponto onde se fundem os raios de duas estrellas... a fusão de duas gotas de orvalho sobre um lyrio... uma cõsa pura, diáphana, luminosa sobre a qual os anjos passam voando sem corar... Não! Não é o abraço da larva com a escuridão, o coito do limo com o lôdo. Amar! Mas Deus só concede isto ás almas puras. Isto que o senhor, diz amor é um desespero de abraços, é uma raiva de beijos, é a inveja sombria de sata-naz vendo a felicidade no céu .. E' o odio do cego que apaga a luz que não vê... Egoismo infame! (*Gesto do Governador*). Sim! infame! O senhor disse comsigo: ali ha duas mocidades que se cobrem com flôres—fanemol-as... Ali ha duas auroras que sorriem—turbemol-as... Ah!... Eu o sei!... Mas é loucura! Porque eu amo a Gonzaga. Sim! A elle, bello, moço com um coração illuminado pela grandeza, com a cabeça radiante de genio... E elle me dá tudo isto. Ouve bem? Elle tem tudo isto a dar-me, por isso o amor que eu lhe voto é estremecido como o primeiro beijo de Venus, puro como a primeira lagrima de Eva... E o senhor é velho! E' feio... Tem o coração mais envelhecido que o corpo, a cabeça mais caduca do que o coração. Eu o abomino... eu o desprezo!...

O GOVERNADOR.—Ah! Tu me abominas... Ah! Tu me desprezas... Pois bem o teu desprezo e o teu odio eu os quero entre os dedos, como o brinco de uma creança... porque tu has de ser minha...

MARIA.—Ah! Ah! Ah! Pobre homem!...

O GOVERNADOR.—Ri! Ri! Porque vaes chorar! Sim é isto... eu sou velho, feio, tu me repelles. Elle é bello é moço, tu o amas E se eu disser que tu has de ser minha rirás como agora o fazias... Ah! Tu o amas... Tanto melhor!... Ah! Tu o adoras... Muito bem!... Ah! Tu te matarias por elle .. a maravilhas! Eu quero mesmo que tu o ames, porque se não mentes o teu amor é quem ha de perder-te.

MARIA.—Faz-me piedade! Julguei-o um miseravel... vejo que não passa de um idiota.

O GOVERNADOR.—(*Tira lentamente os papeis do bolso*).—Vê... (*Tem-nos na mão*). Conhece-os perfeitamente ...

MARIA.—(*Horrorisada*).—Ah!... Mas isto é horrivel, Senhor! Isto é monstruoso, meu Deus! Estes papeis! Dê-me estes papeis, senhor!

O GOVERNADOR.—Sabe V. Ex. que a Cõrte de Lisbõa dar-me-hia muito dinheiro por elles?... Bem vê que seria muita generosidade... Eu não passo de *um pobre homem*

MARIA.—Oh ! mas o Senhor roubou-m'os. O Senhor é um infame, é um miseravel.

O GOVERNADOR.—Não, eu *sou um idiota*.

MARIA.—Mas é a vida de miil pessoas... que ahi tem em sua mão ! abafe a revolução, mas poupe tantas victimas. Que força o póde levar a este horrivel sacrificio ?

O GOVERNADOR.—Eu amo-a.

MARIA.—Meu Deus... Eu amo-a, eu amo-a, porem sua vida mesmo corre perigo... De todas estas familias despovoadas não poderá sair um braço que o apunhale ? Para que se entrega a esta vingança tremenda ?

O GOVERNADOR.—Eu amo-a !

MARIA.—(*Com fingido enternecimento*).—Sim ! Deve ser um amor tremendo este ! Ah ! eu ainda não tinha visto este lado monstruoso porém formidavel da paixão... esta loucura que á força, de espantosa torna-se grande... E' alguma cousa vertiginosa como o abysmo... mas profunda como um céu de tempestade... Oh ! Eu coméço a comprehender o que seja a desgraça... E' preciso que o coração soffra muito para entregar assim sua vida ao remorso, sua alma ao inferno... Mas senhor, por piedade ! Eu não posso ainda amal-o ; mas bem vê que não o odeio... Meu Deus, eu desejaria enchugar todas as lagrimas... e o Sr... sim eu devo consolal-o porque o fiz muito infeliz... tão infeliz, que já não lhe posso querer mal, o Sr. assombra-me !... (*Chorando*).

O GOVERNADOR.—Maria, escuta... São as minhas ultimas palavras. A Senhora tem nas suas mãos a vida de muitas pessoas que estima, a desse homem a quem ama, e deste outro que a adora. Pois bem, Maria !... todos estes olhos estão fixos em ti, todas estas bocas trémulas de condemnados murmuram-te piedade... todos estes soluços de agonisantes clamam-te compaixão... são elles todos que t'o dizem : Salvae-me a vida, sou eu Maria, que te digo salva-me a alma... Sim ! que eu sou o maior condemnado !... Salva-os, Maria... porque a benção de mão que já se approxima da eternidade é santificada por Deus. Do contrario creio que aqui haverá alguma cousa horrivel, enorme, medonha... um cadafalso levantado por ti, muitas cabeças derrubadas por ti... e estas caras lividas passarão nos sonhos do teu traveseiro e repetirão : Mataste-me... Mataste-me... e a minha face mais livida ainda que a dos mortos te repetirá : perdeste-me, perdeste-me !... Escolhe... e tudo estará terminado !...

MARIA.—(*Chorando*).—Oh ! meu Deus ! meu Deus !

O GOVERNADOR.—Eu amo-a, Maria... Não zombe de mim ; eu talvez que a faça feliz. E depois maior prazer póde ter uma alma como a sua do que entornar a felicidade por onde passa?... E' esta a missão das mulheres... e tu és um anjo... Depois tu me farás bom, talvez me purifiques... Oh ! um raio de sol faz de um paúl um valle... Este amor que me fez horrivel me fará tambem sublime... Escolhe... escolhe.

MARIA.—(*Enchugando os olhos*).—Eu escolhi...

O GOVERNADOR.—(*Soffrego*).—Então amas-me, Maria ?

MARIA.—(*Fingindo pudor*).—Oh ! não me pergunte isto... Eu devo mesmo sim devo afirmar-lhe que o não amo... mas admiro tanta loucura que imaginou por minha causa, tenho remorsos de tel-o feito desgraçado... Mas bem vê... Não era minha a culpa... Eu nem sequer sabia-o... E' talvez horrivel tudo quanto eu digo... Agora eu compreendendo esta palavra—Fatalidade !—

O GOVERNADOR.—E então Maria ?

MARIA.—Ainda não comprehendeu ! Meu Deus ! Mas isto é tyranno ! Deixe-me ao menos ver quantas victimas nós salvámos... Dê-me estes papeis...

O GOVERNADOR.—Não brimque, Maria, é horrivel brincar com a serpente. Então, é minha ? E' minha... diga !

MARIA.—Ah ! Eu bem o sentia, fiz talvez mal, em dizer-lhe tudo isto... De facto eu mesma já me não comprehendendo... Já não lhe posso inspirar confiança, desgraçada de mim ! Eu já não a inspiro a mim mesmo... Oh ! eu creio que fiz um grande crime, mas deixe-me ao menos lembrar que misturei-o com uma virtude... Dê-me estes papeis... (*Gesto negativo do Governador*). Bem vê ? Vae ainda desconfiar de mim. Meu Deus, cedo começa o meu castigo, mas note que eu sou uma fraca mulher ; estamos sós... E antes que eu tivesse rasgado estes papeis já o senhor m'os teria arrebatado...

O GOVERNADOR.—(*Olha em torno de si, desconfiado... depois entrega-os lentamente*):—Aqui os tem, Maria !

MARIA.—(*Tem-se aproximado pouco a pouco de mesa da D. onde estão as cartas.—Vae abrindo lentamente os papeis*).—Meu Deus ! Meu Deus eu já não tenho remorsos... Salvei-os a todos... perdoa-me senhor !

O GOVERNADOR.—Oh ! tu me salvaste...

MARIA.—(*Faz um falso jogo.—Tendo-se aproximado da mesa, agarra os papeis que estavam sobre ella e atira-os á vela em quanto recua para á E. com os verdadeiros*).—Não ; eu zombei de ti...

O GOVERNADOR.—(*Precipita-se para a mesa da D. de onde*

tira as cartas).—Ah! Ah! Ah! A senhora queria illudir-me... Louca! (*Ajunta-as rapidamente sobre a mesa*). Agora é um duello de morte... Oh! Eu sahirei com as mãos cheias de sangue...

MARIA.— (*Que tem queimado na vela os papeis, verdadeiros, da revolução*).—É eu de cinzas...

O GOVERNADOR.—E tu verás que o anjo... (*Voltando-se*). Oh! maldição!

MARIA.—Ah! Ah! Ah! Que o anjo queimou as azas do demonio!...

FIM DO SEGUNDO ACTO.

ACTO III

Os Martyres.

(O Theatro representa o exterior de uma casa. A' direita uma larga varanda, cujas columnas chegam quasi ao meio da scena. A' esquerda um bosque. Ao fundo brillam em distancia varios fogos que allumiam senzalas de escravos.—E' noite).

SCENA I

O GOVERNADOR e SILVERIO

O GOVERNADOR.—Então, Silverio?

SILVERIO.—Tudo está prompto.

O GOVERNADOR.—Os meus homens?

SILVERIO.—A' hora em que fallamos nos teem dentro das unhas. Oh! ninguem imaginaria que n'este lugar está, no centro de um circulo de ferro... Olhe, Sr. Visconde, aqui (*apontando para a esquerda*) cada arvore esconde um vulto, cada vulto um punhal. Acolá (*aponta o fundo*) a noite do céu confunde-se com a noite da pelle dos seus escravos. Ali (*aponta a D. A.*) póde V. Ex, bater com o pé em terra, como dizia Pompeu, e d'ella saltarão legiões... E tudo coberto, amparado, mascarado... Deus teve a benevolencia de enviar a noite, este grande dominó do carnaval eterno... E não gastou de balde a sêda. Eu me incumbo do espectaculo.

O GOVERNADOR.—Bem, Bem, D'esta vez não me escapará.

SILVERIO.—Oh! não tanto! não tanto! E' preciso que vamos mais de vagar...

O GOVERNADOR.—O que dizes? heim? Falla depressa! Vamos! Então desconfiás?

SILVERIO.—Estes homens ainda não estão aqui... e mesmo se estivessem poderiam sair.

O GOVERNADOR.—Não acabarás? Que diabo estás a dizer? Sair? Mas por onde? Por ventura não tenho soldados? estes soldados não tem espadas, estas espadas não tem fio? Ah! parece que quer tambem zombar, Sr. Silverio....

SILVERIO.—Perdão, meu senhor, mas nada disto basta.

O GOVERNADOR.—Equemais? Mas é o supplicio do fogo lento...

SILVERIO.—Deixe-me V. Ex. fallar um instante... Vê esta casa? Aqui é o lado... (*Aponta a parte visivel do edificio*). Acolá a frente. (*Aponta para o F. á D.*) Além o outro flanco... todos sitiados...

O GOVERNADOR.—Vae agora fazer-me a topographia. Mas eu couheço-a perfeitamente... e por traz fica o rio... que mais?

SILVERIO.—Sobre este rio passará um barco, sobre este barco os conspiradores.

O GOVERNADOR.—Mas ahi não ha barco.

SILVERIO.—Collocaram-n'o hoje.

O GOVERNADOR.—E' preciso que o tomemos.

SILVERIO.—Impossivel! Ha vigias que o guardam do lado opposto. Demais, isto lovantaria a desconfiança e ficaríamos desconcertados.. Acresce ainda que é preciso, para tomal-o, passar por esta casa. E V. Ex. sabe que seria perder-nos.

O GOVERNADOR.—Oh! Eu daria a minha fortuna por este ba co.

SILVERIO.—Eu espero dar-lhe o barco sem tomar sua fortuna, Sr. Visconde... Para atravessar aquelle limiar é preciso ser amigo, para servir-nos é preciso ser inimigo. Temos, pois, necessidade de encontrar um amigo inimigo...

O GOVERNADOR.—Comprehendo o enigma. Trata-se de um traidor... sim!... mas onde encontral-o?

SILVERIO.—Um amigo do Estado!... Eu tenho a honra de pôl-o á sua disposição, Sr. Governador.

O GOVERNADOR.—Mas quem é? quem é? Diga-lhe que terá uma larga recompensa, porque devéras vai salvar-nos, esse homem.

SILVERIO.—Não, é uma mulher. E' Carlota, uma escrava minha. V. Ex. sabe esta historia; tenho-lhe fallado já d'esta heroína de romance, bella como uma serpente, pré-gando sermões como um frade, roubando uns papeis como um bandido, no mais bonita e quasi tão branca como qual-quer um de nós... Oh! fará um lindo effeito vestida de rapaz, como espero apresental-a em breve a V. Ex.

O GOVERNADOR.—E ella será capaz?

SILVERIO.—De fazer tudo que lhe ordenarmos sem que comprometta o resultado que esperamos. Oh! respondo por ella. Ha um talento todo especial no sexo feminino para a mentira. E' o segredo que a serpente da Biblia confiou-lhes. Verá. Esta linda rapariga entrará n'aquella porta levando a Gonzaga uma carta que retardou de proposito...

depois deslisará pelos corredôres. Chegará ao barco, dirá aos feitores que vai guardar alguma provisão ali... abrirá com toda presteza uma fresta no costado por onde possa entrar agua a valer, e se escapará n'um instante deixando apenas sobre o chão um rasto tão ligeiro como o de uma aza, tão pequeno como o de uma cabra. Ainda um ponto de contacto entre a mulher e satanaz. Ah! n'um dia de pa-xorra escreverei um tratado sobre este assumpto!

O GOVERNADOR.—Muito bem. Mas por minha fé! se começa a publicar o primeiro capitulo creio que vai ter muita extração, porque sinto passos. Bem! Ver sem ser visto é uma semelhança com Deus.— (*Sai pela E. B.*)

SILVERIO.— (*Ao desaparecer pelo F., apontando os cons-piradores*).—Ser visto sem ver é uma semelhança com os fuzilados. Ah! ah! ah!

SCENA II

TIRADENTES e CLAUDIO.

TIRADENTES.—Nada ouviste?...

CLAUDIO.—Apenas o grito do bacoráo na solidão da noite.

TIRADENTES —Entretanto dir-se-hia que uma gargalhada humana ou diabolica estridulou agora ás nossas costas.

CLAUDIO —Alguma coruja que se ri dos homens e quer intimidar as velhas

TIRADENTES.—Mas ali entre os juncos como que vi brilhar um sabre ao raio das estrellas...

CLAUDIO.—E' a lua que faz espadas com as folhas esguias das canas.

TIRADENTES.—E aquelles passos que estalaram os ramos á nossa esquerda ao entrarmos na matta?

CLAUDIO.—Alguma cascavel que espantámos com a nossa passagem. E depois que importa? Tens medo? Seria a primeira vez.

TIRADENTES.—Tenho como o noivo antes de desfazer o veu de sua esposada. Tenho medo por ella a minha virgem promettida. E, a proposito, parecemos verdadeiros namorados. Chegámos bem cedo á entrevista.

CLAUDIO.—E' verdade. A lua ainda está por de traz das sicupiras do Itacolomi. Entretanto entremos (*Prestando o ouvido*). Creio que alguém caminha d'este lado.

TIRADENTES.—Então fiquemos. E' talvez um espião que precisamos abreviar. Vejamos. Segura o punhal.

SCENA III

CLAUDIO, TIRADENTES, ALVARENGA, o PADRE
CARLOS e tres HOMENS encapotadôs

TIRADENTES.—(A um dos que entram).—Companheiro, a noite está negra como a escadaria do inferno, .. D'este passo irei parar ao palacio de Satanaz.

O HOMEM EMBUÇADO.—Que importa, se ahi encontrar o que eu procuro?! Porem mesmo nas trevas o genio quebra as cadeias.

TIRADENTES.—Libertas que sera tamen. Louco modo de procurar um homem... tateando as trevas!

O HOMEM EMBUÇADO.—São as dobras do manto de Deus, e eu quero acordal-o.

TIRADENTES.—E que lhe queres tu?

O HOMEM EMBUÇADO.—Saber o caminho do Calvario...

TIRADENTES.—Companheiro! Deus já não o sabe! Ha muito que desceu da montanha... O Golgotha está tão negro como o inferno para onde tu caminhas.

O HOMEM EMBUÇADO.—A liberdade véla no seu tópo.

TIRADENTES.—Companheiro venha o abraço de irmão. (Toca-lhe a mão). Olá! estavas armado! (Claudio bate tres pancadas á porta da casa).

O HOMEM EMBUÇADO.—É tu tambem.

TIRADENTES.—Oh! n'estes trilhos tão estreitos é preciso algumas vezes apartar os ramos...

SCENA IV

OS MESMOS e LUIZ

LUIZ.—(Á porta da casa).—Quem bate?

CLAUDIO.—Eu Claudio...

LUIZ.—Entre, senhor... Quem são estes homens?

CLAUDIO.—Amigos... (Os conjurados fallam baixo a Luiz e vão entrando para a casa).

TIRADENTES.—Irmão de que lado vens?

O HOMEM.—Do rio...

TIRADENTES.—E o que ha lá?

O HOMEM.—Um barco.

TIRADENTES.—Bem. Se fossemos trahidos pela terra, a agua nos salvaria... Entremos, a menos que não prefiras ficar ao relento.

O HOMEM.—Nada! A noite é uma tenda muito fria. Eu tambem entro. (*Todos desaparecem; a scena fica um momento vazia*).

SCENA V

SILVERIO e CARLOTA

CARLOTA.—(*Entra vestida de homem envolta n'uma capa. Traz uma pequena mascara preta*) —Então, meu senhor, onde está meu pae? É verdade que vou conhecê-lo?

SILVERIO.—Ai abaixo a anciedade! Ao levantar da lua.

CARLOTA.—Meu Deus! como esta lua tarda! Quanto tempo esperarei!

SILVERIO.—Diz antes quanto tempo trabalharás!... Parece que com a maldita idéa de encontrares teu pae te esqueces do officio. Vê bem se vaes estragar tudo quanto tens feito!... E se n'esta ultima prova não deslustrares o conceito, que de ti faço, de bom tratante, terás em premio até ás minas da capitania... do contrario travarás conhecimento com outro personagem menos sympathico. Então? Ficas estúpida como uma pedra? Vae com todos os diabos em quanto é escuro e despacha.

CARLOTA.—Ainda uma infamia, meu Deus!

SILVERIO.—Ah! Cahes na mania das lamurias!... Sabes que mais, Carlota, já estás me aborrecendo com o maldito vicio que tens de ser velhaca entre lagrimas. Emfim pouco importa.—Toma estes instrumentos e abre uma fenda tão larga que te deixe passar para a felicidade.

CARLOTA.—Por mais larga que seja eu não poderei atravessar-a com a mesma honra.

SILVERIO.—E' uma bagagem muito pezada!!! Ali já! rapariga! e como hoje estás um verdadeiro bloqueio á castidade, recommendo-te que se encontrares algum lacaio ao pé da escada não te esqueças no calôr de um beijo que o velho te espera no frio da rua... Vae!

CARLOTA.—Meu senhor?

SILVERIO.—Que queres?

CARLOTA.—E' que estes homens, logo que descobrirem a traição... pôdem talvez matar-me, e eu não poderei sequer vêr uma vez meu pae.

SILVERIO.—Sim, tens razão. Todos podem aqui entrar, ninguem d'aqui sahirá só. E' preciso que tenhas um salvo conducto. E' verdade... esta mascara será um signal, mas não basta, todo o mundo tem mascara... E' preciso alguma cousa que ninguem possúa. Vê lá, procura outro meio de seres reconhecida pelo Tenente-Coronel João Carlos.

CARLOTA.—Eu tenho este rosario de prata que foi de minha mãe.

SILVERIO.—Bem! bem! nunca um rosario pensou prestar para tanto! Dá-m'o, e espera um instante. (*Vae ao fundo*).

SCENA VI

OS MESMOS e o TENENTE-CORONEL JOÃO CARLOS

SILVERIO.—(*No fundo*).—Sr. Tenente-Coronel, ninguem sahirá d'aqui, á excepção da pessoa que está ali coberta de uma mascara, e que lhe apresentará este rosario. São as ordens do Governador.

O TENENTE-CORONEL.—Sim, Sr. Silverio. (*Sae*).

SILVERIO.—Ahi tens, Carlota... Esta mascara e este rosario te darão passagem... Agora vae bater áquella porta. Adeus.

SCENA VII

CARLOTA depois LUIZ

(*Carlota vae á porta e bate duas pancadas*).

LUIZ —(*Scindo*).—Quem bate aqui a estas horas?

CARLOTA.—Sou eu, Sr. Luiz.

LUIZ.—Quem quer que sejas, estás prezo n'uma tenaz de ferro... (*Pega-lhe o braço*). Diz o que queres.

CARLOTA.—Entregar uma carta.

LUIZ.—Dá-m'a.

CARLOTA.—Não posso, quero fallar ao Sr. Gonzaga, deixe-me passar. Não vê quem sou? Sou Carlota, Sr., esta porta sempre me foi franca.

LUIZ.—(*Tira uma lanterna furta fogo de sob a capa e allumia-a*).—Ah! então entra. Meu Senhor te espera há muito. Diz-me: O Sr. Tenente-Coronel, ainda está decidido a prohibir o casamento? Oh! é uma desgraça... O Sr. Gonzaga vae talvez enlouquecer, porque de facto creio que ha em tudo isto uma intriga horrivel... No momento do casamento romper sem mais atencões com o noivo... Diz-me, rapariga, a Sra. D. Maria nada conseguiu?

CARLOTA.—Nada. O Sr. Gonzaga já não póde lá ir. A muito custo minha senhora poude escrever-lhe, é assim mesmo é porque obtive alguns vestuarios que me mascarassem....

LUIZ.—E' celebre! Vêm, minha filha, que eu vou conduzir-te. Emfim é sempre uma boa nova que tenho a levar-lhe. (*Sae deixando a lampada*).

CARLOTA.—Que loucura!...

SCENA VIII

MARIA.—(*Mascarada*).—Meu Deus! que noite negra! Como eu tremo de susto? Ah! desgraçada de mim, se alguém me surprehende! Não; mas ninguem imaginará que embaixo d'este capote de bandido bate um seio de virgem, e que esta mascara negra occulta a pelle branca de Maria!... Oh! como eu tenho medo! Mas sinto que ninguem me faria recuar... é que o vão matar... e por mim, santo Deus! Eu vou fazel-o morrer, quando dariã toda a minha vida para conservar a sua!... Essa carta! oh! essa maldita carta!... Parece que o meu anjo da guarda dormia quando eu a escrevi. Entretanto eu já não podia esperal-o, eu preciso d'elle, meu Deus, e marquei esta maldita entrevista que meu tio descobriu... Como? Eis o mysterio! E um punhal irá n'este momento fatal tomar o lugar do amor... Mas, não, não, e não! Fosse preciso quebrar meu corpo, minha alma, minha honra entre o ferro de um miseravel e seu coração... eu fal-o-hia e faço... Ah! a culpa é da couraça que nasceu para estalar por seu dono. Eu me perco. Talvez arrisco minha honra, meu nome... meu Deus!... eu o amo... parece que isto vale mais que todas essas coisas... E depois é preciso salva-l-o... Sim, que me importa cair?... E' talvez ás vezes uma virtude.. Se as estatuas não cahem é que ellas não amam... E eu não sou uma estatua, sou uma

mulher, e uma mulher que ama é alguma coisa menos brilhante, porem mais scintillante que um anjo. E' preciso bater áquella porta. Vejamos. Ninguém estará de certo aqui .. Bem! muito bem! estou só...

SCENA IX

MARIA e o GOVERNADOR

O GOVERNADOR.—(*Tem entrado a estas ultimas palavras.*)
—Só com um homem!

MARIA.—Meu Deus! estou perdida! (*Recúa dois passos.*)

O GOVERNADOR.—Nada de medo!... porém tardaste muito!...

MARIA.—E o senhor, sabia que eu tinha de vir aqui!

O GOVERNADOR.—E que vaes para ali. E ainda mais que se tu faltasses... perderias a unica pessoa que amas no mundo!!!...

MARIA.—Meu Deus! quem lhe disse? Mas isto é de enlouquecer... porém não me perca pelo amor de Deus... não diga quem eu sou, se é que o sabe... porque parece que o senhor, sabe tudo... tudo... vê minha cara atravez d'esta mascara, meu coração atravez de minha carne.

O GOVERNADOR.—É tão bem... que sei que embaixo d'esta seda ha um lindo rosto, embaixo d'este capote um seio avelludado, dentro d'estas botas um pesinho côr de rosa, sob este disfarce uma mulher...

MARIA.—Basta, basta, por piedade... não vá dizer meu nome, podem ouvil-o, e seria uma grande desgraça. Oh! tenha pena de mim. Mas quem é o senhor? Quem é?

O GOVERNADOR.—Ali tens uma alampada... vê!...

MARIA.—(*Vae precipitadamente á D., pega da lampada, e allumia a face do Governador.*) O Governador!... oh!... (*Deixa cahir a lampada que se apaga.*)

O GOVERNADOR.—Fizeste mal em apagar esta luz. Eu quizera a retribuição, mas ainda peor em gritar tão alto... Tens realmente medo de mim? bem sabes que eu sou teu amigo.

MARIA.—Amigo?!...

O GOVERNADOR.—E porque não, Carlota?

MARIA.—Carlota?!...

O GOVERNADOR.—Sim, eu sei teu nome. Ainda mais o que vens fazer. Ainda mais quem te enviou... Tu és uma es-

crava... vaes por ordem de Silverio (sob pretexto de trazer uma carta) entrar n'esta casa, d'onde chegarás ao rio, e um instante depois abrirás uma fenda no barco que lá postaram, e d'esta arte cortarás o unico meio de fugida dos revolucionarios, sei mais que tu és um genio de prudencia, um demonio de astucia. Então estás contente ?

MARIA —(*Estupida*).—Muito contente... é isto... Foi o Sr. Silverio, quem o disse... (*Rapido*). Mas deixe-me passar. Eu voltarei já, Sr Governador... Adeus! Creio que não enganou-se quando disse que eu sou um demonio de astucia!..

O GOVERNADOR — Adeus, minha bella, a lua vem despondando, e eu gosto da treva. Até já. (*Sae*).

MARIA.—Oh! meu Deus! meu Deus! nem um raio de luz n'este céu!... nem um raio de luz n'esta cabeça... tudo é negro... negro... tão negro que tu não verás o trama horrivel d'estes miseraveis, nem a dôr dilacerante de uma fraca mulher... (*A lua vae-se levantando por entre as arvores. —Com uma idéa subita*). Ah! eu o salvarei. (*Vae á casa, mas pára ao abrir se a porta*).

SCENA X

MARIA atraz de uma columna, GONZAGA na varanda,
LUIZ á porta.

GONZAGA.—(*Com um papel na mão, lendo*).— « A' uma « hora da noite, sob os jasmineiros que escutaram as nossas « primeiras juras, vem receber as minhas priméiras lagrimas. Tua Maria ». Sim, eu irei... Eu já não posso viver sem ti, Maria. A vida me desmaia no seio como o ultimo canto de um cysne moribundo, eu definho de languidez e de abandono... de martyrio e de angustia... Sem ti eu perco a força, a alma e a vida... Longe de teu olhar o céu parece um craneo immenso que me abafa como ao vérme... Mas não! Este papel é minha pomba de esperanza... Pobre amiga!... Nós somos como Romeu e Juliêta... Temos um jardim banhado de luar, e duas almas banhadas de amor. Eis tudo o que nos resta... Oh! mas ainda é muito! E' tudo quanto brilha na vida... é a luz da terra e a luz do céu. Adeus, Luiz, Adeus! (*Luiz entra*).

MARIA.—(*Saindo de traz da columna*).—Não darás um passo d'aquí.

GONZAGA.—E quem ousará prohibir-m'o!

MARIA.—A tua vida...

GONZAGA.—Minha vida!... mas eu corro a buscal-a, por que esqueci-a aos pés d'ella.

MARIA.—Nem poderás ir morrer ahí... Fica, eu q quero!..

GONZAGA.—Ah! tu o queres?!... mas tira fóra esta mascara, que eu desejo conhecer a cabeça desvairada que ella escondê... Tu o queres?!... mas não sabes que ninguem poderia dizer-me dua vezes esta palavra? E só ha uma pessoa...

MARIA.—(*Tirando a mascara*).—Que sou eu!...

GONZAGA.—(*Surprezo*).—Maria! (*Reconhece-a*). Maria! Maria! tu vens trazer-me a vida!...

MARIA.—(*Soluçando*).—Oh! não, não! desgraçada de mim! venho-te annunciar a morte...

GONZAGA.—Mas é ajuda a vida, pois que parte de tua boca... Sim, não chores, Maria! Eu seria o mais desgraçado dos homens se uma só de tuas lagrimas cahisse por mim d'estes olhares. Não chores, Maria!... Fallas-me em morrer... mas a peor de todas as mortes é vê-te chorar...

MARIA.—Sim! não devo chorar!... e eu já não choro... vê's? Se meu coração quizesse soluçar agora, eu sinto que teria coragem de estrangulal-o com os dedos... porque os momentos estão contados, e é preciso que te salves... (*Movimento de Gonzaga*). Oh! não me interrompas. Escuta e obedece... Sim! eu sou uma mulher, eu sou tua escrava, mas quando se trata de tua vida, eu ordeno-te, eu peço-te ao menos para não me veres morrer de desespero... (*Movimento de Gonzaga*). Cala-te... ouve... o tempo corre, vôa... Toma esta mascara, esta capa, este chapéo, e fôge... não como um fugitivo... A astucia aqui perderia tudo. Audacia e só audacia!... Encontrarás a alguns passos soldados...

GONZAGA.—Soldados!

MARIA.—Sim, sim. Dirás que és um enviado do Governador.

GONZAGA.—Do Governador! Espera, Maria. E' preciso que me expliques isto.

MARIA.—Mas eu não tenho tempo... vae, vae!...

GONZAGA.—Não, eu fico em quanto não comprehender este mysterio horrivel.

MARIA.—Ficas! Ficas! Mas tu queres me vêr cair morta a teus pés?!...

GONZAGA.—E tu queres-me vêr cair deshonrado aos teus?

MARIA.—Meu Deus! meu Deus!...

GONZAGA.—Maria, escuta... Ali (*Aponta a casa*) estão todos, os meus amigos... que vão talvez morrer... Queres que eu os abandone?... Ali está minha patria. Queres que eu venda-a? Não! tu não me quererás deshonrado... tu me preferirás morto... Maria, o que me dizes é solemne e tremendo... é muito grande para que pertença a mim só... é preciso que estes homens o saibam. Perdôa, mas, pelo meu amor, quando tu fazes um heroismo, não me prohibas, Maria, que eu cumpra um dever.

MARIA.—(*Impaciente*).—Pois bem, vae, vae... chama-os, porém depressa, muito depressa... Eu lhes direi tudo... tudo... quanto eu sei... Vae!...

SCENA XI

MARIA.—(*Só*).—E o tempo que caminha!... e os soldados que vão talvez chegar... e a morte d'elle que se approxima! Oh! e eu que não esperava isto, entretanto devia prevê-lo... Se eu soubesse!.. Mas que poderia fazer?... Como estes homens tardam! Dir-se-hia que espera seculos... Se fossem as gotas do meu sangue que corressem... mas é a areia que vae passando na ampulheta do tempo... é seu corpo que vae talvez se inclinando para a morte... Ah! eil-os emfim!..

SCENA XII

MARIA, GONZAGA, TIRADENTES, CLAUDIO, ALVARENGA, PADRE CARLOS, LUIZ e mais CONSPIRADOS.

GONZAGA.—Meus amigos, creio que Deus ainda não marcou a liberdade d'este povo... O que nós julgavamos uma aurora é talvez um relampago sangrento.

ALGUNS.—Então o que temos?

GONZAGA.—Não sei.

TIRADENTES.—E quem o sabe

MARIA.—(*Adiantando-se*).—Eu.

ALGUNS.—Como é o nome d'este homem?

MARIA.—Que importa o nome? Chamae-me a morte, se quizerdes, porque eu venho dizer-vos que estaes trahidos,

vendidos, presos, condemnados, mortos. Oh! é horrível, eu bem o sei, mas é a verdade! Outra éra de certo a nova que eu sonhava, mas as espadas nos cercam de todos os lados... O Governador nos espia de seu antro, e Deus não nos vê do ceu!...

TODOS — Traição!

TIRADENTES. — Mas temos ainda um barco! Meus amigos, ao remo! Os espias farão fogo da outra margem, mas a correnteza nos levará de vencida! Aos remos e ás pistolas, e salvemos a liberdade de nossa pobre terra!

MARIA. — Já não tendes barco.

TIRADENTES. — Mas é impossível ao menos que entre nós não esteja um Judas...

TODOS. — Quem é o traidor?

MARIA. — Carlota, ou antes Silverio. O barco deve ter ido a pique a estas horas; porque a miseravel sob um pretexto infame veio executar as ordens do Governador.

CLAUDIO. — Oh! eu sempre previ!...

ALGUNS — Estamos perdidos!...

TIRADENTES. — Oh! nossa patria foi vendida! e em que momento! quando a revolução levantava a cabeça, quando a America despertava, quando eu sentia o vagido do futuro nas fachas da liberdade, quando iamos agarrar o fogo sagrado como o Prometheu escalando o ceu!!! Sonho sublime!... despertar tremendo!... O povo vaé gemer ainda no captivo! os vampiros vão beber a ultima gotta de sangue d'esta nobre terra... e as selvas seculares que viram o homem primitivo atravessar as brenhas no trilho da onça bravia, vão ver agora o tigre estrangeiro correr á cata da pobre raça brasileira... E os rafeiros hão de dilacerar-lhe a pelle como a besta brava! Raça desgraçada! Deus nos fadou para a liberdade, temos a escravidão... deu-nos o oceano—temos a masmorra... deu-nos os Andes—temos a forca!... Eis tudo o que nos resta!...

GONZAGA. — Pois bem, senhores, é ainda alguma coisa. Nós temos o cadafalso... é quanto nos basta! O cadafalso!... mas é um pedestal... Para o tyranno ali o martyr se levanta como um phantasma, para o captivo como um Christo. O cadafalso!... Os homens pensam que levantaram um parapeito sobre o nada, não, levantaram um degrau para o ceu... e lá de cima... e lá do alto... como a aguia que rôla morta do topo do seu rochedo, como a avalanche que desaba do cimo dos Alpes... será grande, soberbo, gigantesco o tombar das cabeças revolucionarias nos braços do povo, o espadanar do sangue de titães na face dos tyrannos.

nos! Sim, não nos deixaram viver para a patria, morreremos por ella... Meus amigos, n'este momento soléme nós escutamós um rumôr sublime... é o futuro que nos sorri... E' uma campa e um berço—campa enorme de nossos avós escravos que nos diz—vingae-nos;—berço enorme de nossos filhos que nos diz—libertae-nos... Saibamos morrer, entre estes dois concertos divinos um da aurora da vida, outro da aurora da eternidade! Morramos!

MARIA.—Morrer! morrer! Eis tudo que eu alcancei para ti!... Morrer!...

GONZAGA.—(*Recua e encosta-se a uma columna*).—Ah!...

CLAUDIO.—(*Approximando-se de Maria*).—Morrer... e por que não? Escuta, bello pagem! Tu vaes vêr que a morte não é tão feia como se pinta. Sabes a historia de Roma? Talvez não, mas vaes conhecer quanto perdêste... Diz-me cá, nunca ouviste fallar no banquete da morte que aquelle soberbo povo dava aos condemnados?... pois bem, escuta... é o meu segredo... (*Fa-la-lhe baixo*). Então ainda tens medo de morrer?

MARIA.—(*Como que acordando*)—Morrer!... (*Atirando-se a Gonzaga*). Mas eu não quero que elle morra....

CLAUDIO.—Mas tu disseste que todos estavamos perdidos.

MARIA.—Todos; menos elle; porque... ouvi bem, talvez d'aquí possa sair um homem, mas um só, e este homem será Gonzaga. Ah! vós fallaes, fallaes, fallaes, e quando eu penso que tudo isto vae concluir n'um meio de salvação, terminaes com estas palavras morramos! Pois bem, morramos; mas que elle se salve!... Não é verdade, meus senhores, que elle deve partir, que deve sair n'este instante? E eu que lhe tinha dito isto, mas elle não quer... tem a loucura de tentar contra sua vida, a maldade de esquecer o meu tormento! Mas os Senhores são bons, são seus amigos, peçam-lhe por mim que fuja... Oh! por piedade! Para que uma cabeça de mais no cepo do carrasco?! Emfim, bem se vê que eu tenho razão... peçam-lhe que vá, peçam-lhe...

TIRADENTES.—(*A Gonzaga*).—E tu que podés salvar-te queres morrer comnosco!... Obrigados, meu amigo; é uma grandeza de tua alma, mas nós não accetamos o sacrificio. Parte.

GONZAGA.—Eu fico. Não se dirá que rejeitei o meu calice de dôr.

TIRADENTES.—Mas tu nos podes talvez ser util lá fóra, e aqui não farás mais que te abysmar no egoismo de sonhar a gloria de martyr, esquecendo que podes servir o povo...

GONZAGA.—Pois bem, vae tu que eu fico. Temos o mesmo direito.

TIRADENTES.—Não, enganas-te. Silverio é um trahidor que nos perdeu por nossa confiança. A estas horas estamos compromettidos e já não tinhamos outra esperança de viver senão com o rompimento da revolução, mas contra ti não ha um só documento, por que soubeste sempre unir a tua dedicação á prudencia. Oh! talvez que a nossa levianidade tenha sido a fonte d'esta catastrophe, e nós que douadamente procedemos não consentimos que sóffras por nossa causa.

GONZAGA.—Não, eu fico.

CLAUDIO — *A Tiradentes, que vae fallar depois aos outros conspirados*.—E' preciso salvá-o contra sua vontade. (*Approxima-se de Gonzaga*) Queres ficar? n'este caso salvesse alguém... e á que temos iguaes direitos entreguemos á fortuna a escolha do infeliz.

MARIA.—(*Agarrando Claudio*).—Não, a sorte não decidirá de sua vida.

CLAUDIO.—(*Baixo*).—Perdão, senhor, eu vou fazer um acaso premeditadõ. Vou escrever o seu nome em todas as sortes.

TIRADENTES.—Inscreve-nos todos e tiremos o eleito da fortuna.

TODOS.—(*Menos Gonzaga*).—Sim.

CLAUDIO.—Oh! que soberba idéa!... E' uma grande banca em que apostamos! E' uma parada sublime! (*Emquanto rasga um papel e escreve em pequenas tiras*). Viva o jogo! o grande rei da loucura com seu cortejo de emoções, sua côrte de calafrios, seu povo de possessos! Viva o jogo! O monarcha mais democrata, o grande pontifice dos dispartes, o republicano por excellencia que faz uma carêta ao rei, e uma caricia ao cavalheiro de industria, e cantando e dançando ao compasso dos dados vae gritando—abaixo a razão, abaixo a força, viva a loucura!... Viva o jogo, parceiros!... e apostemos... Vem tirar o nome do desgraçado, lindo pagem! (*Maria tira um papel de dentro do chapéu*) Espera (*Rindo*) esta carta é de filar, vejamos o nome que bica... (*Todos fingem prestrar muita attenção menos Gonzaga*).

MARIA.—« Gonzaga »!

TODOS.—Muito bem!

CLAUDIO.—Bravo! A sorte agarra pelas orelhas a quem lhe nega a mão.

GONZAGA.—(*Adiantando-se*).—Um momento, Senhores, não se dirá que os homens da razão entregaram-se ao Deus do acaso. Ah! meus amigos, quando ha familias que gemem, interesses que clamam, dôres que podemos curar, lagrimas que podemos enchugar, e tudo isto com uma escolha reflectida, com um pensamento nobre, iremos arriscar na cegueira de um papel, como prodigos, responsabilidades que nos pertencem, mas como ladrões, dôres que não são nossas? Não! todos concordaram; mas eu calei-me contando protestar se a sorte me escolhesse. (*Movimento geral*). Não me interrompam. Ha homens que vivem como o cedro de nossas florestas, donde a parasita mimosa se alimenta, a cuja sombra crecem as madresilvas campestres: arrancar-lhes a vida seria matar a trepadeira sem arrimo, o arbusto sem abrigo!... Ha outros, porém, que nascem como o cardo na rocha do descampado, como o musgo no seixo do rio... sua morte não é um cataclysmo, é uma extincção solitaria. Pois bem (*A um dos que o cercam, e depois a cada um dos outros*). Tu tens talvez uma irmã virgem,—pobre moça que sorri ainda ao berço, e côra scismando no leito... E que seria da pobre creatura fraca, timida, e casta, sem um braço de irmão no entrar da vida? Tu tens talvez uma filhinha luora criança que olha espantada e risonha para o mundo, porque ainda tem o olhar deslumbrado pelo céu. E que seria da linda menina que balbucia teu nome como uma prece, e que não pôde sequer comprehendere que vae ser orphã? Tu tens talvez á mãe decrépita—sublime velha que tem os cabellos brancos como as serranias os tem de neve, porque ambas se approximam de Deus... E que seria da fraca mulher sem amparo que vive por que tu vives, que morrerá se tu morreres?... (*Cruzando os braços*). Digam-me agora, e é ao acaso que entregam como paes suas filhas, como irmãos suas irmãs, como filhos suas mães? Diga-m'o senhores!...

CLAUDIO.—Oh! em verdade tu tens uma irmã! (*A Tiradentes*).

TIRADENTES.—(*A Alvarenga*).—E tu tens uma mãe!

ALVARENGA.—(*A outro*).—E tens filhos?

(*Os Conjurados passeiam sombrios um momento*).

MARIA.—(*Olha desvairada em torno de si, depois adiantando-se*).—Em verdade, meus senhores, creio que este homem tem razão, mas esqueceu-se de uma coisa... Acima da orphã sem arrimo, acima da irmã sem protector, acima da mãe sem amparo... está a noiva sem honra!... Sim, a criança cres-

cerá, a moça será feliz, a velha pensará em Deus, e quando mesmo todas morressem... morressem, sim, que importaria?... Nenhuma d'ellas seria deshonrada!... (*Pausa*) E a noiva, senhores, a pobre virgem que entregou seu coração ao homem, sua reputação ao cavalheiro, que guardou todos os seus sonhos de amor para elle, que amou a pureza de seus labios para entregar-lh'a, a belleza de sua fronte para fazel-o feliz, a vida para queimar a seus pés... sabeis o que será d'ella? Eu lhes digo... sem fallar de seus sonhos perdidos, de suas esperanças mortas, de sua alma para sempre condemnada... a pobre moça será vendida amanhã a outro senhor! Amanhã sua capella de virgem será desfolhada pelos dedos trémulos de um velho perdido!... sua boca, manchada como a folha em que o reptil espojou-se!... seu pudôr atirado á lama como o tablado de um amor horrendo entre um carrasco e uma victima! Sim, porque ella será d'esse homem que ella vê sempre sobre seus passos, espian-do, caminhando, anciando, destacando-se no vermelho da aurora como uma cousa sangrenta, na escuridão da noite como uma cousa inda mais negra. Sim, ella será dos beijos e dos amores d'esse homem... d'esse miseravel, cujo olhar sequer já é uma mancha de lama!...

GONZAGA.—O que é que tu dizes?

TIRADENTES —O que queres com isto?

MARIA.—Nada, quasi nada, senhores: entregar uma mascara a alguem que tem obrigação de defender uma mulher. Esta mascara salvará duas vidas, inda mais duas honras. (*Claudio sae*).

SCENA XIII

OS MESMOS e CARLOTA menos CLAUDIO

CARLOTA.—(*Tendo entrado a estas ultimas palavras.—Aparte*).—Esta mascara não salvará ninguem. Falta-lhe o rosario. (*Deslisa por traz dos conspiradores para fugir*).

GONZAGA.—(*A Maria*).—O que é isto? diz, o que é isto?

MARIA.—E' uma historia, senhores, é a historia d'este homem, (*A Gonzaga*) de um rival, e a minha.

GONZAGA.—Ah! estou prompto para partir.

MARIA.—Emfim! Pois então vem. (*Todos entram para a casa*.)

LUIZ.—(*Vem do fundo da scena arrastando Carlota pelo braço*).—Tu vaes morrer!...

CARLOTA.—Mas, senhor...

LUIZ.—Cala-te, eu sei tudo. Reza a tua ultima oração, desgraçada e pede a Deus que te perdôe, como eu te castigo.

CARLOTA.—Meu pae! meu pae!...

LUIZ.—Não, teu pae não virá, mas teu juiz está aqui.

CARLOTA.—Então deixe-me rezar um instante, senhor Luiz... eu preciso que Deus tenha pena de mim... Elle terá porque eu fui muito desgraçada... muito!... Os homens me perderam, e eu fui apenas seu instrumento, porque eu sou escrava, porque mataram-me a vergonha, tiraram-me a responsabilidade dos crimes, sem me arrancarem o remorso. Oh! é uma cousa horrivel ter de escolher entre infamia e infamia!... ou perdida, ou trahidora!... Eu fui trahidora... não, não fui eu, . . . foi meu senhor... porque eu sou escrava, meu Deus, eu sou escrava!...

LUIZ.—(Confuso).—Cala-te e reza depressa que vaes morrer.

CARLOTA.—(Depois de um momento).—Eu ja rezei. Agora deixe-me beijar pela ultima vez o rosario de minha mãe... (Em pranto) Oh! minha mãe! tu já não podes proteger-me! Oh! meu pae, tu nem sequer me vês!

LUIZ.—(Voltando-se para ella).—Estás prompta?... (Carlota levanta-se) Pois então morre!... (Ergue o punhal, mas vendo o rosario, abaixa pouco a pouco o braço tremulo—arrastando-se sobre o rosario) Que é isto? quem te deu isto? como tens este rosario? Ah! falla... falla.. se não queres que eu enlouqueça... Carlota... Carlota.. a historia d'este rosario... eu quero saber de quem o roubaste... diz em quanto eu posso ouvir.

CARLOTA.—Oh! que lhe importa este rosario? Foi-me dado por uma pobre mulher na hora da morte, foi a mão trémula de uma mãe quando ia afogar-se que m'o atou ao pescoço... é a historia de uma defunta e de uma condemnada... historia triste como tudo que sae do captivoiro!... Foi minha mãe que m'o deu com estas santas palavras. « Por elle terás teu pae » Ai! minha mãe esquecia-se de minha condição quando sonhava tanta felicidade! Pobre mãe! E depois quanto soffri para desmentir-te!... Fui para o Rio de Janeiro, onde meu senhor vendeu-me ao Sr. Silverio. « Compre-a, disse então, já não tem mãe, quanto ao pae é um escravo de Minas, que ella nunca poderá encontrar ». Eu era muito pequena, porém bem me lembro que continuou contando-lhe uma historia ao ouvido... devia ser bem horrivel, porque ambos esses homens riam-se... E eu... eu apertava chorando o meu rosario de prata contra o peito, e chamava baixinho por meu pae! Depois passaram-se annos, cresci na miseria,

fiz-me moça na desgraça... Um dia o Sr. Silverio disse-me; « queres teu pae? » Eu não tive que responder-lhe, abracei-me, cherando, aos seus joelhos. Elle entendeu-me e riuse. « Pois então ouve bem, Carlota, tu és uma moça livre, honesta, que vae ser aia da mais linda senhora de Minas ». Eu beijei-lhe os pés, mas ouvi-o continuar n'uma gargalhada: « Teu officio ali será apenas de denunciar ». Eu estaquei de horror. Até então tinha os vicios de minha casta, mas nenhuma infamia da alma. Elle voltou as costas: « Já vejo que não queres teu pae »!

LUIZ.—Ah! E teu pae? teu pae por quem chamavas ha pouco?

CARLOTA.—Oh! elle não virá!... Debalde eu fiz-me infame, falsa, traiçoeira e indigna para encontral-o! Vê todas estas victimas (*Aponta a casa*) eu as immolei, porque ia agora conhecer meu pae!

LUIZ.—(*Ancioso*).—Carlota! Carlota! como se chamava tua mãe?

CARLOTA.—Córa. Mas porque me interroga tanto, Sr. Luiz?

LUIZ.—(*Desvairado*).—Pois ainda não entendeste, Carlota? Não sabes por a caso o nome de teu pae?

CARLOTA.—Luiz.

LUIZ.—E' o meu nome, Carlota, eu sou teu pae minha filha!...

CARLOTA.—(*Atirando-se a elle*).—Meu pae!...

LUIZ.—Minha filha!... (*Ouve-se ao longe o toque de corneta*). Pára.

CARLOTA.—(*Solta um grito e cae nos braços de Luiz*).—Ah!

LUIZ.—(*Sustentando-se e erguendo uma fasa*).—Venham arrancar os cachorrinhos ao tigre!...

SCENA XIV

OS MESMOS e CLAUDIO

CLAUDIO.—Meus amigos, a trombeta de Josaphat nos evoca ao festim da liberdade! As taças estão promptas, o vinho nos espera! E' o banquete da morte, meus senhores; nós somos como os escravos Gaulezes, amanhã o circo, hoje o falerio!...

TIRADENTES.—Sim, meus irmãos! e que o brinde dos martyres moribundos da terra soberba da America levante-

se ao ceu com o som da trombeta dos tyrannos estrangeiros! O futuro os escutará ambos... E agora um ultimo abraço ao irmão que parte, um aperto de mão aos companheiros que ficam. Bom dia aos viajantes da morte, boa noite ao peregrino da vida.

GONZAGA.—Meus amigos, adeus!... um ultimo abraço... venham que pela ultima vez quero sentir o coração de cada um d'estes bravos bater sobre o meu. (*Um dos conspirados vae abraçal-o*).

O CONSPIRADO.—Falla de mim a meus filhos.

GONZAGA.—Sim, eu lhes direi que são os descendentes de um heróe.

ALVARENGA.—Consola minha pobre mãe. Diz-lhe que lá em cima Deus nos espera.

GONZAGA.—Oh! Alvarenga, meu amigo, meu companheiro! Eu te chamava primo, és agora meu irmão. Ella terá outro filho em mim. Adeus! (*A Claudio*). E tu, Claudio, meu Glauceste, vem cá... não queres alguma coisa para a vida? não queres abraçar teu amigo?

CLAUDIO.—Meu irmão! meu irmão! Diz a ella que receba os ultimos versos do moribundo... Adeus!

TIRADENTES.—(*Muito commovido*).—Adeus! (*Enchuga os olhos*). Diz ao povo que eu morri.

GONZAGA.—Oh! teu tumulo será seu coração. Adeus! adeus! meus amigos! (*Vae a sair*).

LUIZ.—(*Deixando Carlota*).—E eu, meu senhor moço, e o pobre negro que o carregou em criança, que lhe deve sua liberdade e sua vida, e os poucos momentos de felicidade que teve sua pobre mulher, não poderá ao menos beijar-lhe a mão?

CARLOTA.—(*Que tem escutado*).—Ah! comprehendo agora. Minha mãe fallava sempre de uma criança que tinha sido o seu anjo. E' elle... e a filha de minha mãe é quem o mata!.. Não, não será assim.

GONZAGA.—Luiz, dá-me um abraço, meu velho. (*Abraçam-se*).

LUIZ.—Vá, meu senhor, e Deus o acompanhe.

CARLOTA.—(*A Gonzaga, e Luiz que estão abraçados*).—Um momento. Esta mascara não basta. Tome este rosario, senhor, e apresente-o ao Sr. Tenente-Coronel, que só assim passará!... do contrario está perdido. Vá por ali. Foi a criança que o deu a minha mãe, sua filha vem entregal-o ao homem. (*Dá-lhe o rosario*). Vá, meu senhor, e perdôe-me. perdôe á pobre filha de Córa.

GONZAGA.—*(Olha interdito um momento para ella, depois para o rosario, depois para Luiz).*—Carlota! Ah! pobre Luiz! Deus emfim te escudou!

CARLOTA.—*(A Maria).*—E Vm., minha senhora, tome sua mascara e fuja. Não leve tão longe o seu heroismo. *(Baixo).* Eu sei que enganou o Sr., Gonzaga, que disse-lhe que podia sair, e talvez o possa se o Governador ainda não descobriu o laço em que foi preso. Ah! é verdade... vá por aqui *(Aponta a esquerda).*

MARIA.—Obrigada, Carlota, eu te agradeço a vida porque elle está salvo!...

CARLOTA.—E agora, meus senhores, perdõem-me, perdõem-me porque eu vou morrer; meu pae abra-me seus braços, porque eu vou viver.

GONZAGA.—Oh! nós te perdoamos porque tu fostes escrava...

MARIA.—Eu te perdão, porque tu amaste muito.

GONZAGA.—*(Olha um momento interdito o grupo de Carlota e Luiz, depois o dos conspiradores na varanda; faz dois passos para estes, depois para aquelles).*—Meus amigos, adeus... a gloria vos prende ali, a honra me arrasta além! Adeus!... até o cadafalso ou até a gloria! *(Todos acenam-lhe com o lenço.—Elle sae precipitadamente pelo fundo.—Maria acompanha as palavras de Gonzaga e sae pela E.)*

SCENA XV

OS MESMOS menos GONZAGA e MARIA

(Ouve-se mais proximo o toque das cornetas).

TIRADENTES.—E' o rebate da gloria, meus amigos!

CLAUDIO.—E' a alvorada da eternidade!

LUIZ.—E' o dobre de tua morte, minha filha!

CARLOTA.—E' o perdão de meus crimes, meu pae!

LUIZ.—*(Aperta o coração desesperado, depois olhando o céo).*—E' a vida que foge, mas é a honra que vem.

CLAUDIO.—Todos ao banquete da morte, revolucionario!

TIRADENTES.—Ao pedestal da liberdade, brasileiros. *(Todos vão entrando).*

LUIZ.—E nós tambem somos brasileiros, e nós tambem somos revolucionarios, e nós tambem somos martyres! Carlota, ao banquete da morte! porque o sangue dos escravos des

homens é irmão do sangue dos escravos dos povos, ambos caem na face dos algozes, ambos clamam vingança ao braço do futuro. (*Todos saem*).

SCENA XVI

SILVERIO depois o GOVERNADOR

SILVERIO.—(*Vem do fundo*).—As onças estão na toca. (*Aponta a casa*). As matilhas estão na pista. (*Aponta ao fundo*). E' a hora dos caçadores de homens.

O GOVERNADOR.—E' a hora das aves de rapina. (*A Silverio*). Elle é meu, Silverio, e agora não me escapará. Oh! eu morria de impaciencia; meu coração saltava-me no peito como uma fera na jaula. Pobre amigo! elle tinha fome e sentia o cheiro da preza que tardava muito.

SILVERIO.—Era preciso esperar Carlota, e apenas ella falou ao Tenente-Carone! marchamos logo. Quando ella saio por ali nós entrámos por cá. (*Aponta o F. á D., depois o F. á E.*).

O GOVERNADOR.—Mentes! ella acaba de sair pela mata.

SCENA XVII

OS MESMOS e CARLOTA

CARLOTA.—(*Abrindo precipitadamente a porta*).—Mentem ambos, senhores, Carlota está aqui.

O GOVERNADOR.—Carlota?!...

SILVERIO.—Carlota?!...

O GOVERNADOR.—Então a quem deixei eu escapar?

CARLOTA.—A D. Maria, Sr. Governador.

SILVERIO.—E quem fugio por ali?

CARLOTA.—Gonzaga, Sr. Silverio.

O GOVERNADOR.—(*A Silverio*):—Eu pensei que tu éras o mais indigno dos homens, conheço agora que és o mais estúpido dos malvados. Tu m'o fizeste perder, porém estás também perdido.

SILVERIO.—Senhor!...

O GOVERNADOR.—Cale-se! (*Dirige-se para o F.*).

SILVERIO.—(*A Carlota*).—Ouviste, Carlota, eu estou perdido; é a tua condemnação que escutaste. Lembras-te do que eu te disse um dia?—Quando eu cahir da graça do Governador, esta cabeça te cairá dos hombros sem que tenhas ao menos conhecido teu pae!

CARLOTA.—Engana-se, senhor, eu acabo de receber seu perdão e sua benção.

SILVERIO.—Pois bem: agora é que serás... deshonrada!... Ah! tu o conheces!... tanto melhor. Eu quero que vivas... E' verdade, tu tens um namorado... queres te casar... depois, encontraste teu pae que procuravas ha tanto tempo... Tens razão!... Como será lindo, Carlota! Feliz!... com seu velho pae para amparar uma porção de filhinhos nos joelhos!... (*Rindo*) e uma porção de maridos nas senzalas!... Oh! será soberbo! é um quadro patriarchal!...

CARLOTA.—Ah!

SILVERIO.—(*Chamando para o fundo*).—Paulo! Paulo!

SCENA XVIII

OS MESMOS e UM NEGRO que apparece ao F.

SILVERIO.—Paulo, vês esta mulher? E' tua. Leva-a para tua esposa.

CARLOTA.—Não, eu irei mais longe... Meu pae! meu pae!... tua filha não prostituirá a bôca que tu purificaste. (*Sae com Paulo*).

SILVERIO.—Vinguei-me, mas estou perdido!

SCENA XIX

O GOVERNADOR, SILVERIO, depois todos os CONSPIRADORES e os SOLDADOS ao fundo

SILVERIO.—(*Vae rapidamente á casa, batendo á porta*).—Senhores, em nome de Sua Magestade a Rainha, estaes presos. (*Abrem-se todas as portas com estrondo. Varios pagens seguram archotes; os Conspirados entram todos lenta e solememente*).

 TODOS

Agora é que somos livres... (*Vão passando diante de Silverio que se encosta a uma das columnas. Ouve-se ao longe o canto da escrava durante a scena que se segue*).

Eu sou a pobre captiva,
A captiva de além mar,
Eu vago em terra estrangeira,
Ninguém me quer escutar.

Tu que vaes a longes terras,
Ó viageira andorinha,
Vae dizer a minha mãe
Que eu vivo triste e sosinha.

Mas diz á pobre que espere,
Que o vento me ha de levar,
Quando eu morrer n'esta terra,
Para as terras de além mar.

CLAUDIO.—(*A Silverio*).—Retirem isto d'aqui... Não vêm que queremos passar? Sr. Governador! é mau expôr homens de bem a roçarem por cousas tão vis!...

SILVERIO.—Ah! o senhor, me insulta?! Pois bem; tire d'esta espada. (*Pucha a espada*).

ALVARENGA.—Criados! tragam chicotes para um duélo com este homem.

CLAUDIO.—Não, são rapazes honestos .. não exponham os chicotes a mancharem-se n'esta espada.

SILVERIO.—Desgraçados!... (*Caminha para a E.*). Sr. Governador, estes homens me insultam! V. Ex. vê... Vingue-me de meus inimigos.

O GOVERNADOR.—E tu me vingaste do meu?

SILVERIO.—Eu vingal-o-hei, senhor.

O GOVERNADOR.—Então eu te ouvirei, agora estou surdo.

SILVERIO.—Oh! (*Recua horrorizado para o lado D., onde fica aniquilado*)

UM CONSPIRADO.—(*Passando pela frente de Silverio, que estremece*).—Brazileiro, tu atraçoaste tua patria.

ALVARENGA.—Homem, tu immolaste nossas familias,

PADRE CARLOS.—Judas, que é feito de teu mestre? Tu tens os trinta dinheiros na mão

CLAUDIO.—Caim, limpa o sangue de tua destra.

SILVERIO.—Ainda não basta? ainda não terminaram? (*A Tiradentes*). Sim, agora o senhor insulte-me também, lance também a sua pedra... Vamos... (*Tiradentes mede-o de alto abaixo e passa*). Ah! despreza-me? !... é o último insulto. (*Voltando-se para Luiz*). Vem tu agora, Luiz, vem tu também negro, vem tu também escravo, vem tu também pae de Carlota!...

LUIZ.—Não manche segunda vez o nome de minha filha!... (*Ouve-se um grito ao longe*). Que grito é este? quem soltou este grito? (*A Silverio*). Falle, miseravel, falle.

SILVERIO.—Ah! ah! ah! Eu não posso dizer, Luiz, eu não quero deshonrar este nome... bem vês que é impossível... Ah! ah! ah!

LUIZ.—E' minha filha que o Sr. mandou matar?... Juro n'este instante a verdade... se não quer que eu o esmague como um reptil.

SILVERIO.—Emfim, já que o exige... Eu juro, sim, por Deus ou pelo diabo que não mandei matar tua filha, pelo contrario eu quero-a viva, muito viva... Oh! não sabes quanto eu daria para que ninguem lhe tocasse sequer n'um cabello!... Eu quero-a bella, com alma pura para pensar, com coração para sentir. Estupida preza é um cadaver! a sussuarana bebe o sangue quente... eu quero as dôres requintadas.

LUIZ.—Miseravel! O que me passou agora na cabeça é horrivel! Qual é a sorte a que destinás minha filha? Falla... arranca essa idéa que me mórde o cerebro...

SILVERIO.—(*Lento*).—Eu destino-lhe o lugar de esposa de todos os meus escravos. (*Luiz vae a atirar-se a elle*).

SCENA XX

OS MESMOS, PAULO e CARLOTA

(*Paulo entra precipitadamente trazendo as costas Carlota morta, com os vestidos em desordem, e a testa cheia de sangue*).

Todos.—Carlota!

LUIZ.—(*Desvairado, tomando-a nos braços*).—Minha filha! minha filha!... Tu te suicidaste, estás morta... já não ouves!... (*Todos rodeam-n'o á boca da scena*). Carlota! tu

eras uma escrava ! Carlota ! tu eras uma mulher ! Carlota !
tu eras uma virgem ! Deus te escolheu para a primeira
victima ! Pois bem ; que o teu sangue puro cahindo na
face do futuro lembre-lhe o nome dos primeiros martyres
do Brazil.

FIM DO TERCEIRO ACTO.

ACTO IV

Agonia e Gloria

(O theatro representa uma sala da prisão na Ilha das Cobras. Quatro portas lateraes com reposteiros. Ao fundo tres grandes arcos fechados com reposteiros pretos que a seu tempo se abrem deixando ver ao longe o mar e um barco).

SCENA I

GONZAGA.—(Só).—Prisioneiro de Estado!... Eis o que eu sou!... condemnado á morte!... eis o que serei... Hoje a masmorra—amanhã a cova... Dilemma terrivel!—Uma boca de pedra que tem fome de um cadaver—Uma boca de granito que tem fome de uma alma! Oh! mil vezes a cova!... Ella é fria, negra, solitaria, immunda...; mas o defunto é mais frio, mais negro, mais immundo... E' um par igual—uma pedra e um osso; Mas a prisão!?!...—Deus fez a cova—o homem fez a masmorra! E' uma cousa que vos esmaga, vos ouve, vos vê; sem vos apertar, sem vos escutar, sem vos olhar. E' a immobilidade, é o frio, é a estupidez, é a morte abraçando, rodeando, aniquilando a actividade, o fogo e a vida... Dir-se-hia que o homem é uma mosca dourada debatendo-se na garganta de um sapo morto!... Olha-se—é a cegueira! canta-se—é a surdez! Grita-se—apenas algum morcêgo vôa como uma idéa negra pela frente da abobada! Chora-se—e a lagrima transforma-se em lodo no chão. Então um pensamento estranho, mas frio... uma duvida visionaria, mas terrivel passa pela cabeça do homem, que diz com um riso de louco: «Quem sabe se eu já morri»... mas para convencer-se faz tremendo alguns passos—nada ouve... o chão é humido... Espantado encosta-se á parede—ella é gelada, mas seu peito ainda é mais... «Eu estou

tão frio como um defunto » murmura passando a mão pelo rosto—o que elle toca é uma caveira... «Ah!» clama o desgraçado, e cae sobre a lagea mais estúpido que ella...Então escuta... escuta... escuta!... Começa a ouvir um ruido surdo em seu peito, e uma cousa que se agita lentamente em seu cerebro...—E' o verme que róe aqui (*leva a mão ao coração*) é a larva que morde cá! (*leva a mão á cabeça*). Sim desgraçado! E' o desespero, que se apascenta no coração, é a loucura que mastiga o cerebro, é a alma que apodrece... Desesperar! Enlouquecer! apodrecer! Eis meu destino! Oh! é horrivel! E' o pesadêlo do cataleptico... Lá fóra está a vida—um punhado de homens que rasgam, rindo, minha mortalha, que preparam os cyrios de minha agonia, as tochas de meu sahimento.—E eu os escuto... quero gritar! mas parece que a voz não sae da garganta.—Elles continuam a fallar pacificamente... Cá dentro um outro dialogo ainda mais sombrio—«Eu tenho frio diz a pedra—Eu tenho fome, diz a terra—Esperemos; elle nos virá aquecer e saciar!» E eu, que os escuto, quero fugir; mas a immobildade me agarra em quanto ellas continuam a conversar na sombra!... Ah! Eu não tenho medo de morrer!... mas não aqui—sentindo a escuridão e o silencio em torno de mim... e sobre minha cabeça este outro phantasma ainda mais negro—o esquecimento!... Não, eu não sou o reptil que morre no charco, nem o fogo fatuo que se extingue no pantano... Eu quero a praça, o povo que turbilhona, a acha que scintilla, o sol que resplandecé... Eu quero tambem o meu cortejo, o cortejo da minha realza de martyr!... Lá, sim eu quero morrer!...

SCENA II

GONZAGA e LUIZ

(*Percebem-se um instante os soldados que o trazem pela E.A.*)

LUIZ.—E sua pobre patria, e sua noiva?

GONZAGA.—(*Estremece*).—Ah! és tu, meu velho prisioneiro?...

LUIZ.—Eu mesmo que ainda ha pouco rocei por Vm. no corredôr dos segredos.

GONZAGA.—E' verdade. Creio que será hoje o terceiro interrogatorio. Desde pela manhã concederam-me que viesse para a sala da audiencia... E a ti tambem?

LUIZ.—A mim não concederam, ordenaram... O caso é simples. Trata-se de um d'estes reposteiros falsos, de uma d'estas portas mascaradas, que são outras tantas armadilhas n'uma prisão de estado... Oh! aqui não escapa um meio de surprehender o pensamento de um preso... mas como o trabalho pedia mão de artista empregam-m'e n'elle; no mais deixam-me trabalhar ali (*Aponta a porta da E. B.*) dia e noite: certos que a sentinella não me deixará fugir, e de que aquella porta esconde, mas não deixa escapar... Oh! E' felizmente um meio que tenho de encurtar estes longos dias de prisão...

GONZAGA.—Sim! porquo estes miseraveis vão lento... lento como a maré que sóbe em torno de um homem atado.

LUIZ.—Mas isto acabará.

GONZAGA.—Por matar-me.

LUIZ.—Não, por livral-o. Vm. está, ha quasi um anno, prezo, encerrado nestes negros segredos da—Ilha das Cobras—.

GONZAGA.—E então?

LUIZ.—O processo não póde continuar.

GONZAGA.—Enganas-te: ainda não vieram as declarações que o juiz exigio de Minas.

LUIZ.—E' verdade... isto é que demóra, mas como foi este miseravel Basilio de Brito que o denunciou, sendo seu inimigo, o juiz Desembargador Torres, vae em falta de provas dar talvez por nullo o processo.

GONZAGA.—E' bem difficil... Entretanto eu estou prezo, só, abandonado... Passo os dias a escutar as lagrimas que caem do tecto da masmorra... as noites a escutar de horas em horas o grito monotono da sentinella, que brada «álerta!...» Eu me sinto envelhecer, sinto que o meu corpo perde as forças, e restam-me bem poucas esperanças... Oh! Se ella viesse... talvez eu renascesse... Escuta, Luiz. Tu me vês bem triste e queres consolar-me, não é verdade?... Pois falla-me d'ella... Se soubesses ha quanto tempo não recebo uma palavra, uma letra!?... Cada manhã eu me levanto e digo, sorrindo «hoje», cada tarde eu me deito e murmuro chorando «amanhã». Entretanto se ella soubesse que eu vou morrer, talvez viesse!... Luiz, deixa-me escrever-lhe... Talvez possas enviar-lhe esta carta... é a ultima... a derradeira esperança... o extremo clarão de minha vida que se apaga. (*Escreve rapidamente sobre a mesa.*)

LUIZ.—(*A boca da scena.*)—Quem sabe: é talvez ainda um desengano. D. Maria é uma mulher, seu tio um inimigo, o Governador um homem-terrivel, Silverio um infame.—A

lucta é desigual... Ella que já não escreve é porque en-
chugou as lagrimas... Mas, não; seria melhor abafar-lhe o ul-
timo sôpro da vida! Pode-se assassinar um homem; mas
um moribundo... O diabo se em tal pensasso córaria.

GONZAGA (*lendo*)

Já, já me vae, Marilia, branquejando
Louro cabello que circula a testa;
Este mesmo que alveja vae caindo
E pouco já me resta.

As faces vão perdendo as vivas côres,
E vão-se sobre os ossos enrugando,
Vae fugindo a viveza de meus olhos;
Tudo se vae mudando.

No calmoso verão as plantas seccam,
Na primavera que os mortaes encanta;
Apenas cae do céu o doce orvalho
Verdeja logo a planta.

A doença deforma a quem padece,
Mas logo que a doença faz seu termo
Torna, Marilia, a ser quem era d'antes
O definhado enfermo.

Suppõe-me que doente, ou qual a planta
No meio da desgraça que me altera;
Eu tambem te supponho qual saude
Ou qual a primavera.

Se dão esses teus meigos, vivos olhos
Aos mesmos astros—luz, e vida ás flôres,
Que effeito não farão quem por elles
Sempre morreu de amôres?...

LUIZ.—(*Que se tem aproximado. Commovido, pegando-lhe nas mãos*).—Meu senhor, ella virá.

GONZAGA.—Tu o crês?

(*Ouve-se em distancia um grito d'armas*).

LUIZ.—(*Indo precipitadamente á E. A.*).—Senhores solda-
dos, que ruido é este. Os juizes não tem grito d'armas.

UMA VOZ.—(*Dentro*).—É' o Sr. Governador que chega.

GONZAGA.—O Governador! Emfim eu o encontro. (*Procura na cinta a espada*). Ah! estou desarmado, não tenho mais espada, é o mesmo, a espada é para os homens... para os laçaios basta uma outra arma!

LUÍZ.—Não, meu senhor, é preciso que pise primeiro n'este pobre velho, no coração de sua terra, no seio de sua pobre noiva.

GONZAGA.—Minha patria! Maria! Ah! (*Indo ao F.*) Sr Carcereiro os juizes ainda não vieram, conduza-me á prisão... Luiz... tu tens razão... Visconde de Barbacena, podes entrar. Estou, peado... ha entre mim e ti o nome de uma mulher, é um abysmo que eu não salto... amanhã haverá apenas entre minha mão e o teu rosto um passo... (*Sae precipitadamente pela E. A.*)

LUÍZ.—Quanto a mim, não. Dous malvados que fallam, são duas cobras que geram. Occultemo-nos. (*Sae pela E. B.*)

SCENA III

O GOVERNADOR e SILVERIO

SILVERIO.—Creio que estamos sós. Lá vão os prisioneiros. Ainda bem.

O GOVERNADOR.—Queres saber, Silverio, tu me fazes horror...

SILVERIO.—Senhor! Eu não faço mais que adivinhar-lhe os pensamentos. V. Ex., é a cabeça, eu sou o braço...

O GOVERNADOR.—Um braço que agarra pelos cabellos e me impelle para o crime.

SILVERIO.—Mas, senhor, o que tenho eu feito?

O GOVERNADOR.—Como és innocente!... Tu me perguntas. Quem prometteu um dia entregar-me Maria?

SILVERIO.—Eu! mas V. Ex., amava-a. E quando um homem como o Sr. Visconde ama, possui. Bem vê que ahí estava a cabeça, aqui o braço...

O GOVERNADOR.—Sim! tu sabes ligar-me a todos os teus crimes. Tu me sopras todos os pensamentos maus, tu me apontas o abysmo... e quando eu sou presa da vertigem, da raiva e do ciume. Dizer-se: « V. Ex., que tem este humilde servo as suas ordens ». Ah! servo do diabo... Dir-se-hia uma sucruyúba que arrasta um touro para o rio... e que lhe diz, rindo, « senhor se quer ter a bondade de affogar-se, eu o carregarei ». Miseravel!... Diz-me agora,

quem urdio esta calúmnia infame? Quem disse ao tio de Maria, que Gonzaga pedira sua cabeça? Quem foi?

SILVERIO.—Mas, senhor, creio que V. Ex....

O GOVERNADOR.—Eu?

SILVERIO.—Entendamo-nos. Gonzaga era um revolucionario... ao passo que o Tenente-Coronel um dedicado subdito de Sua Magestade. V. Ex. disse-me um dia: « A revolução quer a cabeça dos vassallos de Portugal » —Eu repiti: « Gonzaga quer a cabeça do Sr. Carlos » E' ser logico.— A minha proposição contém-se na de V. Ex. que me desculpará não aceitar glorias que me não pertencem...

O GOVERNADOR.—E quem forjou a denuncia de Basilio de Brito, que por si só não tel-a-hia feito? Fui tambem eu?

SILVERIO.—V. Ex. pediu-me que o vingasse. Eu o vinguei.

O GOVERNADOR.—Silverio! Tu accendes em mim um amor criminoso, como o incendiario. Tu cortas o destino de uma pobre moça como o ceifadôr. Tu decepas as cabeças de teus irmãos como um carrasco e ris sobre todos estes destinos mutilados como o genio do mal. E dizes que és meu instrumento. Não, tu és o braço do inferno... se não és o proprio Diabo!...

SILVERIO.—(Aparte).—Comedia! Comedia! Comedia! Este homem será sempre um mau actor. Mistura Satanaz com Christo e não sabe ser bom, da mesma sorte que não presta para mau. Digo-lhe vingança, grita—remorso!... se eu lhe fallo em perdão, clama—exterminio. Vejamos (Ao Governador). E' verdade, Sr. Governador, agora reflecto e tenho pena do que hei feito... felizmente ainda é tempo de arrependermo-nos. V. Ex. sustará a correspondencia secreta que tem com a côrte de Lisbôa na qual pede a perseguição dos criminosos e a morte de todos... Eis uma acção brilhante pela qual começaremos a expiação.

O GOVERNADOR.—Na verdade é bem possivel!

SILVERIO.—Não basta... E' preciso ainda que o Desembargador Torres continúe a ser juiz n'este processo, é um homem severo, mas que não condemnará sem provas... ao passo que o Conselheiro Vasconcellos Coitinho morre por uma condemnação e condecora-se com o sangue de um réo... E' um homem malvado, artificioso, terrivel e de mais, amigo intimo de V. Ex. Oh! se elle viesse preencher o lugar que o Sr. Visconde lhe destinava, os conspiradôres estariam de certo perdidos. E' uma bella continuacão do nosso arrependimento. Este homem não virá, não é assim, Senhor Visconde?

O GOVERNADOR.—Talvez!

SILVERIO,—Quanto ás declarações que o advogado exigio de V. Ex. e do Sr. Intendente de Minas...favoraveis como devem ser, darão a liberdade immediatamente ao Sr. Gonzaga...

O GOVERNADOR.—(*Rapido*).—E depois ?

SILVERIO.—Depois?...Depois nada...Perdão! Depois teremos a consciencia calma e pura que nos abençoê...a gloria de vêr as vidas, que salvamos—a felicidade de olhar a alegria dos outros...dos outros...e mais tarde...e pouco mais tarde a recompensa de Deus. Ah! tem rasão! Sr. Governador! Já estou cheio de prazer, mas de um prazer celeste... Este pobre Gonzaga que soffre, que está quasi moribundo... voltará á vida... será feliz... E Maria, e Maria que está pallida como uma estatua...

O GOVERNADOR.—Viste-a? Falla! Viste-a?

SILVERIO.—Vi-a ainda ha pouco quando levei-lhe esta maldita carta de V. Ex.: Quando encarou-me, estremeceu... Oh! como era bella...Pallida, como uma virgem druidica na hora do sacrificio... com os olhos alumiados de um fogo trémulo como o das estrellas, com a boca palpitante de commoção, como uma folha pesada de orvalhos... ella leu esta carta ou antes devorou-a. Estava arrebatadôra de paixão e de amor, mas quando terminou a leitura levantou-se de subito... Nunca acreditei em prodigios!... mas ao vel-a... altiva, soberba, atirar com um gesto sublime os cabellos negros para as costas e dizer com uma voz argentina e vibrante: « Diga que eu irei, » pareceu-me que não escutava uma mulher... Era o anjo da paixão e da belleza deslumbrante na hora de um sacrificio divino...

O GOVERNADOR.—Oh! falla-me, falla-me de Maria...

SILVERIO.—E' fallar de uma santa... Feliz o homem que estremecer, apertando aquella mãosinha á sombra de uma murta, que desmaiar de amor nos raios d'aquelles olhos, que roçar de leve com um beijo trémulo aquella boca perfumada e linda que suspirar pelas noites de luar no tremor d'aquelles seios, e mergulhar na sombra d'aquelles cabellos negros. Oh! bem feliz! Que harmonia não terá uma palavra de amor que ella suspire... um gemido de languidez que ella soluçe... os dois amantes passeiarão com as mãos enlaçadas pelos campos e se enlaçarão sobre a gramma cheirosa dos outeiros... oh! é um amor do céu que os anjos invejarão.

O GOVERNADOR.—(*Apaiçonado*).—Que Deus mesmo invejará!..

SILVERIO.—E os homens e os anjos e Deus invejarão a Gonzaga...

O GOVERNADOR.—(*Ergue-se de repente levando a mão ao coração*).—Tu me mordeste... no coração Silverio, Silverio! eu quero esta mulher. Ninguém lhe tocará sequer na sombra, eu a quero para mim só Que me importa o inferno e o crime?... Eu sou um condemnado... mas eu levantal-a-hei mais orgulhoso nos meus braços do que Deus levanta a sua corôa deslumbrante... Ah! Tu fazes de mim Tântalo... é preciso que me mates á fome... Ouves bem? Obedece ou escolhe!... se ella não fôr minha tu serás da força, mas se m'a deres eu serei teu.

SILVERIO.—(*Humilde*).—Sr., V. Ex. é a cabeça, eu sou o braço.

SCENA IV

MARIA, O GOVERNADOR e SILVERIO.

MARIA.—Sr. Governador! Eu disse que vinha. Aqui esteu.

O GOVERNADOR.—Minha senhora! Eu não contava com tanta pontualidade.

SILVERIO.—(*Ao Governador*).—Eu contava por que ella ama aquelle homem.

O GOVERNADOR.—(*A Silverio*).—Tu és o demonio. Vae-te.

SILVERIO.—Minha senhora.—Creio que o tio de V. Ex. não chegará tão cedo... entretanto logo que o faça virei prevenil-a.

MARIA.—Obrigada.

SILVERIO.—(*Ao Governador*).—Lembre-se do que me disse: *se ella não fôr minha tu serás da força, mas se m'a deres eu serei teu.* (*Sae*).

SCENA V

O GOVERNADOR e MARIA

O GOVERNADOR.—Senhora eu affastei um instante o meu ajudante de ordens para dizer-lhe uma palavra.

MARIA.—Eu o escuto.

O GOVERNADOR.—(*Vae ao fundo e depois volta rapidamente*).—Recebeu minha carta? Leu, pesou cada uma d'aquellas

palavras? Sentio, senhora, tudo quanto ha ali de fatal, calculou que um homem póde fazer o sacrificio da sua vida, mas nunca o da felicidade? E que eu que a tenho nas mãos, não deixal-a-hei fugir? Diga, Maria, o que resolveu. Eu espero como um condemnado a minha salvação ou a minha morte.

MARIA.—O senhor me pergunta se li sua carta?... Li-a, senhor, e ainda trago-a aqui: (*Tira um papel do seio*). Vi o pacto infame que me propõe, o crime sobre o qual pretende levantar o seu leito de nupcias, a traição com que quer coroar a cabeça de sua noiva... Li sua carta, Sr. Visconde!... Li sua carta, miseravel.

O GOVERNADOR.—Senhora! Já não é a primeira vez que me insulta, mas será a ultima.

MARIA.—Perdão, senhor... ha em qualquer canto da terra um cêpo em que uma mulher possa vender seu corpo... mas a entrega de uma alma, precisa de toda a largura do céu para balcão, e só Deus é o mercado...

O GOVERNADOR.—E então?

MARIA.—Então?... Eu quero ainda escutal-o... creio que me fallou do seu poder... na... morte de Gonzaga... Mas, ainda duvido de tudo isto... Duvido, sim! porque creio em Deus.

O GOVERNADOR.—E não acredita no demonio?

MARIA.—Eu o conheci, senhor.

O GOVERNADOR.—Para nossa desgraça... Porque a senhora, é hoje uma condemnada inda que do ceo, esse homem um condemnado da terra, e eu um condemnado do inferno... Todos tres desgraçados mas sómente eu réprobo maldito!!! Sim! porque eu o sou... Se o não fosse!... mas seria o mesmo. Ah! como tudo isto fez-se horrivel!... Tu seguias risonha pelo trilho do ceo, mas tropeçaste n'uma pedra e sangram teus joelhos pisados!.. Eu caminhava calmo á beira de um precipicio, mas ferido de uma aza luminosa rolei no abysmo. Oh! Maria a aza que me enleiou foi a ponta diáphana do teu vestido, a pedra em que tropeçaste foi o meu coração... Não amaldições a pedra, como eu não amadição a aza!.. Maldito seja quem me lançou no teu caminho... maldito! (*Passeia um instante agitado*). Entretanto eu te encontrei... Dizer-te que te amei seria pouco... Desde este momento acreditei que o que havia de mais luminoso na vida era a propria sombra do teu corpo... Entretanto a mariposa ainda lutou contra a attração da lampada—fugio... Oh! nunca saibas a historia d'esta luta... Era um espectaculo horrivel! Verias como eu via nas minhas horas de allucinação, um covil escuro... em cujas paredes debatia-

se um doudo furioso—Era a torre e o Conde Ugolino—era meu craneo e minha alma. Um dia não pude mais—Disse-te que te amava. Tu voltaste as costas. O primeiro passo estava dado. O mais era uma gravitação. Eu gravei, mas na minha queda peguei-me a um panno de teu vestido... Quando firmei os dentes e as unhas e julguei-me bem firme... ordenei-te que fosses minha... maldição!... tu me tinhas deixado a capa entre os dedos!... e eu ouvia a tua gargalhada crystallina e uma voz que bradava no ceo—O anjo queimou as azas do demonio.—Desde este momento começo uma phase terrivel... Era o orgulho ferido, era o coração sangrento... era a vingança, e era o amor... Eu te amava com toda a tenacidade do odio... com todos os delirios da raiva... Para que dizer-te mais. Eu comecei outra vez o fio rôto de minha machinação... bem seguro que desta vez a mosca não fugiria. Tu me venceste ainda uma vez... Ser duas vezes o branco de uma criança. Pensar, reflectir longas noites, espiar, prever... longos dias... prostituir-se, perder-se sempre... por um beijo de mulher e no momento de bradar victoria... sentir-se vencido, ridiculo, pequeno e desprezado... Ah! é horrivel... Mas agora Maria tudo está concluido. Tu... ou este homem. Eu quero levantar um leito de esposa ou um patibulo de sentenciado... Ah! eu o tenho aqui nos meus dedos. Queres saber como? Fil-o denunciar. Foi preso. Pedem-me documentos—Eu os nego. Escreve para Lisbôa—Eu o desacredito.—Espera no juiz.—Eu o substituo. E um denunciado do crime de alta traição que não pôde allegar uma prova em seu favor, que tem sobre si o odio de Lisbôa, a animosidade de um juiz, e a minha vingança... não pôde sustentar por muito tempo a cabeça sobre os hombros... Bem vês, Maria, que d'esta vez eu venci... Há d'estas posições terriveis na vida em que o homem é o naufrago... o braço estendido o salva... o menor impulso o abysma. Senhora pôde estender o braço—do contrario eu darei o impulso — Bem vês, Maria, que desta vez venci.

MARIA.—E' bem verdade que não ha outro meio de salvar-o... Oh! meu Deus... Eu já não tenho minha Mãe, eu já não tenho meu Pae, eu já não tenho meu noivo!... Todos os meus sonhos, todas as minhas preces, todos os meus anhelos, meus pensamentos, minha vida, morreram. Ah! Gonzaga!... (*Chora um instante, depois com energia*). Enchuga os olhos, desgraçada! é preciso que tuas palpebras estejam brancas quando tua alma está em sangue.... Ri, desgraçada! é preciso que tua boca ria como teu coração chora... Levanta a cabeça, desgraçada! é preciso que ella

supporte o peso da sua corôa de morte, como o Christo levantou a sua de martyrio... (Ao Governador). Sr. Governador, eu estou prômpta. Quaes são as condições do contracto?

O GOVERNADOR.—Em primeiro lugar eu conservarei o Juiz.

MARIA.—Não basta.

O GOVERNADOR.—Pedirei á côrte a absolvição dos réos.

MARIA.—Dê-me a sua correspondencia.

O GOVERNADOR.—(Tira do bolso uns papeis).—Aqui a tem, minha senhora. Eu estava prevenido para qualquer eventualidade.

MARIA.—Não basta.

O GOVERNADOR.—Finalmente entregarei a V. Ex. as declarações minha e do Sr. Intendente de Minas, com todos os documentos precisos para a soltura de Gonzaga.

MARIA.—Basta. Dê-me estes papeis.

O GOVERNADOR.—Perdôe minha senhora, eu os troco, não os dou.

MARIA.—O que quer dizer, senhor?

O GOVERNADOR.—Quero dizer, que V. Ex., logo que tenha estes documentos em seu poder, não aceitará minhas condições.—E' bem claro....

MARIA.—Diga o que ordena, Sr. Governador.

O GOVERNADOR.—Apenas uma garantia. V. Ex. vae escrever-me. Bem sabe que não mostrarei esta carta... Seria vingiar-me, porém perder o seu amor.

MARIA.—(Chega-se a uma mesa e escreve n'uma tira de papel, que rasga).—«Senhor Visconde» Dicte o resto.

O GOVERNADOR.—«Eu me entrego emfim a V. Ex. Venha «(movimento de Maria) á meia noite entregar-me a soltura «de Gonzaga. «Eu o espero ansiosa». Agora tenha a bondade de datar. «Rio de Janeiro, 13 de Julho de 1791».

MARIA.—Mas senhor estamos a 15...

O GOVERNADOR.—Escreva, minha senhora... Eu quero assim.

MARIA.—Está escripto...

O GOVERNADOR.—Dê-me esta carta.

MARIA.—Perdão, Sr. eu troco, porém não dou-a.

O GOVERNADOR.—E' justo. (Trocam-se os papeis, accionando com a carta). Agora, senhora, aquelle homem não poderá ser seu marido.

MARIA.—(Gesto supra).—Agora, senhor, aquelle homem não poderá ser sua victima!

O GOVERNADOR.—Mas tu serás minha. (Sae).

MARIA.—Não, eu não serei tua, Visconde de Barbacena. Não, eu não serei tua, Gonzaga!... o meu esposo é outro. (*Leva a mão ao seio*).

SCENA VI

LUIZ.—(*Levantando o reposteiro da E.*) Tu contavas com o segredo, Visconde de Barbacena, nós o guardaremos. (*Aponta a E*). Este homem bate-se porém não assassina. (*Aponta o F*). Aquella mulher morre, porém não mata. Contra aquelle tens por escudo a honra de cavalheiro: contra aquelle defende-te a sua pureza. O jogo foi bem disposto: o cobarde não se bate em duello, o vilão não se peia com escrupulos. Mas eu não sou nem cavalheiro, nem dama, sou um negro; quando encontro uma cobra esmago-a sem me importar se a face é de homem. Inda bem: quando este homem estiver salvó, quando aquella mulher estiver a perder-se, tu toparás n'uma cousa bem insignificante. O que será? Nada, quasi nada. Algum objecto preto como uma pedra, mas duro tambem como ella; será o meu braço e este braço segurará um instrumento branco, porém frio. Oh! tu lhe verás a alvura, tu lhe sentirás a frieza. (*Faz o gesto de tirar uma faca e dirige-se para o F. d'onde volta precipitadamente*). Ahi vem D. Maria e um carcereiro. Condemnam-me ao socego, entremos na toca. Quando fôr preciso eu appareço. (*Sae pela E. B.*)

SCENA VII

MARIA, UM CARCEREIRO e depois GONZAGA

MARIA.—(*Ao carcereiro*).—Senhor, vá depressa, diga-lhe que alguem o espera ancioso.

O CARCEREIRO.—N'este instante. (*Sae*).

SCENA VIII

GONZAGA e MARIA

GONZAGA.—(*Dentro*).—Obrigadõs, senhor, Eu o acompanho.

MARIA.—Ah! é sua voz!...

GONZAGA.—(*Entra vagarosamente, depois fita Maria*).—E' impossível! eu ereio que enlouqueci, meu Deus!

MARIA.—Não, não enlouqueceste, sou eu, sou eu mesma... sou eu.

GONZAGA.—Maria!

MARIA.—Gonzaga! (*Atiram-se aos braços um do outro*).

GONZAGA.—E's tu, Maria! E's tu meu Deus! Ah! como estás linda!...mas como estás pallida? Maria, tu soffres? Tu tens soffrido muito, não é verdade? mas eu não o quero... Oh! é mau padeecer quando alguém nos ama... E eu te amo... ouves bem? Eu te amo. Ha quanto tempo eu não posso repetir-te estas palavras!... Pouco importa... eu estou pago... Como sou feliz. Acreditas? Eu esperava que viesses, mas parecia-me impossível Oh! quando esta idéa descia-me n'alma havia um irradiamento em torno de mim —o criminoso sentia-se purificado por teu olhar, o moribundo voltava á vida n'um teu riso... o eovil transformava-se no céo.... Ah! tu não sabes o que é ser prezo... um dia eu t'o contarei, temos muito tempo. Porém olha-me um pouco, eu quero sentir teu olhar,—falla... eu quero escutar tua voz...

MARIA.—Ah! meu amigo! como estás mudado! Elles te matavam? Não é assim?

GONZAGA.—Não, elles deixavam-me sem vêr-te.

MARIA.—Ah! éra pois por mim que tu morrias... (*Aparte*). E eu que ain'ta duvidava em vir.—(*Alto*). Perdôa, eu não sabia... Não me julgues má... Eu t'o repito... eu não sabia... porque se eu o tivesse imaginado um só momento teria saltado mesmo sobre o cadaver de minha mãe, para vir morrer-te aos pés..

GONZAGA.—Pois não fallemos mais disto... Quando se caminha para o céo, não se olha para a terra... Quando eu te vejo estou face a face eom Deus e o pobre condemnado de joelhos no ehão está mais em pé do que o tyramno no throno. Desde que eu te vejo, Maria, não sou mais prisioneiro.

MARIA.—E tu já não o és... (*Tira do seio uns papeis dos quaes um cae no chão*).

GONZAGA.—O que é isto? Maria! O que é que me dás?

MARIA.—Tua liberdade.

GONZAGA.—(*Lê os papeis rapidamente—Depois severo*)—Maria, ser prezo é horrivel, ser deshonorado é peor. Um braço na calcêta pôde ser virtuoso, uma alma na galé é immunda... Maria, eu não sou mais que um desgraçado, não faças de mim um miseravel. Que me importa a liberdade? Deixa-me encerrar meu brio em quatro paredes, não queiras, que passeie a minha ignominia por toda a parte.

MARIA.—Não, tu não tens razão. Não, tu não pediste nada. Estes papeis foram exigidos pela justiça. Ella precisava esclarecer tudo isto. E' antes um triumpho!... Não me acreditas?... O Visconde não t'os deu... arrancaram-lhos... Pois tu não mo acreditas? Eu te juro que não haverá nem uma nódoa de deshonra sobre teu nome, nem tambem sobre o meu. (*Aparte*). Eu o juro.

GONZAGA.—Bem, obrigado, Maria! Agora eu posso tocar n'estes papeis... tu me disseste. E os anjos não mentem. Oh! meu Deus! não ha pois mais desgraça alguma em torno de minha cabeça. Eu estou livre, eu te possuo. Parece que a infelicidade cavou-me n'alma um abysmo bom profundo para que possa conter tanta felicidade. Maria, como eu sou feliz... como nós seremos felizes —(*Deixa cair os papeis que se confundem com a carta que está no chão*).

MARIA.—(*Ironica*).—Como nós seremos felizes...

GONZAGA.—E' pois uma realidade tudo que eu sonhei... veroi de novo a minha herdade, conversaremos á sesta á sombra das palmeiras, fallaremos baixo sob as casuarinas escutando o sussurro do vento da tardinha! d'aquella casinha levantada no tombo da ladeira como um ninho de passaros nos ramos, com sua collina suave como um cóllo de mulher? e abaixo um cannavial immenso, verde, e dourado como um mar de esmeraldas, e longe ao longe aquelle horizonte de montanhas ondo os crepusculos talhavam-se n'um céu de sangue? Lembras-te?

MARIA.—Lembras-te dos coqueiros da fonte onde nós escutavamos o chocalhar da cachoeira? Foi ahi...

GONZAGA.—Oh! Foi ahi que, pela primeira vez tu me disseste, timida como uma criminosa, coráda pela aurora do amor que te subia do coração, estas palavras:—Eu te amo—Oh! se lembro. Era quasi noite... A estrella dos amores... espiava do fundo do um céu de opála... ao longo ouvia-se a *tyranna* de um violeiro das matas... e as flôres do sertão abriam os thuribulos perfumosos... Oh! mas a estrella que mais brilhava éra o teu olhar a mirar-so na lagôa azul de minha alma, e as flôres mais balsamicas éram a tua boca d'onde pendia, trémula, uma gota de orvalho—o amor... Lembras-te, Maria? Lembras-te?...

MARIA.—Lembras-te d'aquelle pequeno valle onde eu te dava a mão para não pisares nas flôres, lembras-te d'aquelle monte escaldado que eu subia presa no teu braço para não pisar nas pedras?...

GONZAGA.—E a janella de teu quarto... que eu via de longe illuminada nas noites escuras como uma estrella perdida no

horizonte? Era ahí que ao romper da aurora tu apparecias-me, bella, com os cabellos soltos no desalinho de um anjo surprehendido pela alvorada que acorda espantado nas nuvens.

MARIA.—E tu então repetias baixinho:

A porta abria
Inda esfregando
Os olhos bellos
Sem flôr, nem fita
Nos seus cabellos
Ah! que assim mesmo
Sem compostura
E' mais formosa
Que a estrella d'alva
Que a branca rosa

Oh! como nós éramos felizes.

GONZAGA.—E como nós sel-o-hemos. Oh! agora eu amo a liberdade. E' que ser livre, é poder apanhar as madrcsilvas agrestes para fazer uma corôa para os teus cabellos... sonhar contigo nos cerros soberbos do Itacolumy, bordar na cachoeira do rio o teu vestido de noiva, ouvir cantar o sabiá nas bananeiras da fonte, admirar os prismas do sól nas folhas verdes-negras do sertão... Oh! Eu já não sabia se o sól brilhava... nem se os passarinhos cantavam, nem se o céu se iriava de azul nas horas do crepusculo... E' que eu tinha apenas por céu uma abobada negra, por sól a luz sombria de uma candêa... por cantos o tinir de meus ferros.

MARIA.—Mas amanhã...

GONZAGA.—Amanhã!... Maria!... Se a felicidade matasse eu estaria morto... Eu terei flôres para enlaçar nos teus cabellos, campos para vagar contigo, o murmurio de um ribeirão para fallar-te de meus... amores... e lá em cima... e lá no alto... Deus acenderá a lampada eterna para o noivado de meus amores...

MARIA.—(*Meio desvairada*).—Sim! Sim! Amanhã nós seremos felizes! Oh! muito felizes... Eu te direi que te amo... e se a minha voz vier de muito longe não te admires porque ella vem do fundo de minha alma... Eu te olharei com um olhar bem longo, bem firme... e se este olhar for muito fixo, não te admires... é que nunca mais olharei senão para ti... Terei talvez uma lagrima nas palpebras... será a derradeira... eu não chorarei mais... e se tu me beijares, não te espantes da frieza de minha boca... é que meu sangue refluirá ao coração n'esta hora de extasis...

Sim! Sim! nós seremos muito felizes! Vem cá. (*Toma-lhe as mãos e olha-o fixamente*). Olha bem para mim... Tu nunca olharás assim para outra mulher... não é verdade?

GONZAGA.—Maria! Eu te amo.

MARIA.—Sim, tu me amas. Nunca digas estas palavras a outra... Seria horrível... eu me perderia mesmo no céu...

GONZAGA.—Maria!

MARIA.—(*Exaltada*).—Sim... Chama-me tua Maria... e nunca esqueças este nome, nunca! porque eu te amei muito, porque eu te amo ainda e sempre... (*Occulta a cabeça chorando*).

GONZAGA.—Deixa as lágrimas para a desgraça... E' provocar a Deus chorar quando se é feliz... Dá-me a tua mão... vê como meu coração canta, olha-me... vê como minha alma ri... Canta e ri, Maria! Oh! Ter o amor e a liberdade!... O que queres mais?... Eu tenho tua mão nas minhas— a liberdade a meus pés... Vê bem. Teu amor é o céu e isto é a chave. Oh! deixa-me abrir a porta da vida e dos amores. (*Apanha no chão os papeis.*)

MARIA.—Em quanto eu abro a do tumulto... (*Occulta a cabeça nas mãos*).

GONZAGA.—(*Olha-a sorrindo um instante, depois abre um papel que está no chão que lê precipitadamente, com assombro*).—Uma carta!... É do Governador!... (*Lendo*). Maria! meu amor... Ah! (*Raiva e desespero... recua á medida que o lê e ao acabar solta uma gargalhada de doudo*). Ah! ah! ah! ah! ah! ah! ah! ah!

MARIA.—Gonzaga! Tu enlouqueceste!...

GONZAGA.—Não... é a alegria, é a felicidade, é teu amor. Ah! ah! ah!

MARIA.—Gonzaga! o teu riso dóe-me como a espada da loucura. Gonzaga!

GONZAGA.—Não! É que a felicidade é de mais, eu enganei-me, a felicidade mata. Porque amanhã nós passearemos nos valles, não é verdade, Maria? Eu ouvirei o canto do sabiá nas matas: — apanharei as madresilvas agrestes para a cabeça de minha noiva... Tu me amarás e me dirás baixinho.. Eu te amo. Oh! é muita felicidade. (*Com uma idéa subita*). Ah! O Governador deve estar ainda ahí! Oh! este homem é meu salvador, é preciso que lhe agradeça, que eu beije a mão leal de um inimigo que me restitue a liberdade, a vida e teu amor!... teu amor! Maria! os beijos castos da esposa, os risos tímidos da virgem, a belleza casta da moça... todos estes thesouros... todos... uma boca innocente, um seio puro, uma alma apaixonada... porque tu és muito

pura, muito innocente, e me amas muito, oh! muito!.. tanto que me faz rir... tant que me faz chorar... não vês como eu rio.. Ah! ah! ah! (*Dirige-se precipitadamente para a D. A. onde abre um reposteiro.—Maria o acompanha desairada*). Venham, meus senhores, venham! Sr. Silverio, Sr. Tenente-Coronel, meus senhores, venham, Sr. Visconde de Barbacena, ainda um rasgo de generosidade. Não furte a sua modestia á minha gratidão, venha Sr. Visconde.

SCENA IX

GONZAGA, MARIA, o GOVERNADOR, o TENENTE-CORONEL e MAIS MILITARES e CAVALHEIROS

GONZAGA.—Meus Senhores. Eu os chamei porque p recisava que muitas pessoas assistissem ao que se vae passar n'este lugar. Eu desejava que n'este instante o mundo inteiro nos visse. Sr. Visconde! a grandeza de minha gratidão é preciso que seja igual á grandeza do seu cavalheirismo... Sim! meus senhores! porque este homem é um heróe, um bravo, um typo de honra e de lealdade. Declaro-lhes mesmo, que o Sr. Visconde éra meu inimigo e meu rival... mas sabem o que elle fez quando me viu prezo, pobre desgraçado, quasi louco de dôr, quasi morto de desespero? Vou dizer-lhes. Um homem vulgar esquecer-se-hia de mim; um malvado far-me-hia morrer; um cavalheiro talvez que esquecesse a minha unica felicidade—o coração de uma mulher... Pois não foi nada d'isso, nada... O nobre fidalgo agarrou o pobre réu e disse-lhe—viverás, és livre!... Ah! é um heroismo, uma generosidade, uma acção incrível!... Não é verdade, meus Senhores?...

O GOVERNADOR.—Senhor!...

GONZAGA.—Oh! nada de modestia, Sr Visconde! mostre-se qual é... V. Ex. é um cavalheiro... deu-me a vida! V. Ex. é um cavalheiro... prostituiu minha noiva... mas praticou uma infamia.

MARIA.—Ah!...

O GOVERNADOR.—Senhor!...

GONZAGA.—Nem uma palavra, miseravel! Um infame ter-me-hia assassinado, um cadaver não córa... Tu me deshonoraste... Ah! o immundo pacto que aqui se fez!... Cobarde! e estes papeis tem lama... não devem manchar a mão honrada de um homem de bem... Meus senhores, é

minha liberdade (*Acena com os papeis*) mas estes papeis dormirão n'um coito repulsivo com uma coisa tôrpe e vil... com esta carta... esta carta em que elle propõe a minha mulher a deshonra para salvar-me!... Ah!... como tudo isto é negro, é repulsivo, é immundo! Sim... eu não devo tocar em tanto lódo... Só ha um lugar para lama, é o charco, miseravel! (*Atira-lhe á cara com os papeis rôtos*).

O GOVERNADOR.—Desgraçado! tu rompêste estes documentos... tu serás meu!...

MARIA.—Gonzaga! . tu te perdêste...

GONZAGA.—Perdão, Senhora. Houve um dia uma mulher que me chamava assim. Esta mulher morreu. Eu vi-a amortalhar-se n'um sudario de infamia... e descer a uma cova de torpezas...

MARIA —Gonzaga! Gonzaga! E se esta mulher fosse pura ainda como um anjo, casta como a virgem, immaculada como Deus? Se ainda ella guardasse tudo isto, tudo... para dar-te?... Sim... para ti, meu amor, meu amigo, meu noivo?... Diz, o que farias?

GONZAGA.—Um roptil teria dormido na folha... o pensamento de ser de outro teria prostituido tua alma.

MARIA.—E se osta mulher nunca tivesse pensado n'isto?

GONZAGA.—Ella não traria no seio aquelle papel.... Oh! quando uma pasta de lama como aquella apéga-se á brancura de um seio de virgem não ha lagrimas que a lavem... senhora, eu não a odeio... eu a esqueci... Não foi a senhora que eu amei... A mulher de minh'alma era uma virgem que não se perderia para salvar-me, porque sabia... que minha cabeça cahiria mais alto quando me rolasse ao pés com a sua corôa de martyrio, do que se levanta agora sobre os meus hombros com o seu diadema de escarneo... senhora! corôas d'estas não se fizeram para minha cabeça, mas já que amarraram ahi toda esta infamia, eu entregal-a-hei ao carrasco. (*Vae a sair*).

MARIA.—Meu Dens! meu Deus! tudo está perdido... Eu posso emfim fallar!... (*A' Gonzaga*). Senhor!... (*lento*). Aquella carta não tocou em meu seio... havia entre meu corpo e olla a largura de um punhal (*mostra-lhe um punhal*) a extenção de um tumulo!...

GONZAGA.—Maria! Maria! Perdôa-me. Eu te encontro emfim...

MARIA.—Ah! tu não me deixaste morrer... és tu que morres!... (*Atiram-se aos braços um do outro*).

O GOVERNADOR.—(*Que se tem conservado ao fundo de braços cruzados, faz alguns passos*).—Esta mulher mente. Ella foi minha amante.

MARIA.—(*Detendo Gonzaga que faz um movimento para o Governador*).—Espera ... ou tenho alguma coisa a dizer a este homem. Miseravel! eu te aborreço! Tu só me inspiras desprezo o repugnancia. Ah! velho immundo!... Olha tua cabeça é uma coisa repulsiva como uma cabeça de vibora. Olha tua mão... ó a garra de um côrvo... Olha tua alma... é um lupanar de orgia... Velho, pois tu pensaste que beijaria a tua hediondez... que eu apertaria os teus dedos sangrentos... que ou seria a mulher d'esta tasca!... Estupido!... Quando tu me fallavas eu sentia por ti nojo e desprezo... Eu tocar-te!...eu!... Quando a solla dos meus borzeguins córa do roçar onde passaste!... Ah! agora como estás ridiculo! Vamos, mente, calumnía... nós vamos rir de ti... vamos, falla... Oh! que ridiculo Governador, que estúpido Viscende!

O GOVERNADOR.—(*A Gonzaga*).—Leia: é a unica resposta. (*Dá-lhe um papel que Maria havia rasgado —A' Maria*). Ainda uma vez eu venci.

MARIA.—(*Precipita-se sobre o papel*).—Não leias... não leias... E' uma carta falsa que escrevi hoje mesmo para obter estes papeis.

O GOVERNADOR.—Hoje são 15, este papel foi escripto a 13 —Senhora, o seu relegio parou ha muito tempo.

GONZAGA.—(*Olha desvairado em torno de si*).—Meu Deus! meu Deus! onde estará a verdade? Ah! que duvida horriavel! Maria!...

MARIA.—Olha para mim... Vê bem que eu não minto.

O GOVERNADOR.—Olha para esta carta... Vê bem que ella não mente.

GONZAGA.—Meu Deus! nem se quer eu poderei morrer descansado!... Quem me arrancará esta duvida que mata!?...

SCENA X

OS MESMOS e LUIZ

LUIZ.—(*Levanta o reposteiro da D. e sae*).—Eu! (*Todos conservam-se pasmos.*—*Elle arranca o bilhete da mão de*

Gonzaga e dirige-se á mesa onde o ajunta ao papel de que fora rasgado). Este papel foi rasgado d'aqui ha poucos instantes.

O GOVERNADOR.—Oh! maldição! só me resta agora o cadafalso ou o desterro.

MARIA.—*(Gonzaga e Maria conservam-se abraçados)*.—Oh! não te resta mais que morrer!

GONZAGA.—Não, fica-me o teu amor.

LUIZ.—E a gloria para o heróe... e o céu para o anjo.

O GOVERNADOR.—Ah! *(Vae a sair precipitadamente, mas topa com Silverio)*.

SCENA XI

OS MESMOS e SILVERIO

SILVERIO.—Senhor, eu estou perdido. Querem prender-me, querem assassinar-me. Eu quero fugir, eu quero salvar-me, venho pedir a V. Ex. a sua protecção. Minas me odeia. Minas me esmagará, se V. Ex. não me defende. Eu estou desacreditado, pobre, mas em paga de tudo quanto lhè hei feito, de toda a felicidade que lhe dei, de todos os crimes que commetti por V. Ex... salve-me... salve-me...

O GOVERNADOR.—*(Pega-o pelo braço, apontando o grupo de Gonzaga)*.—Éis tudo que me deste... o crime, a deshonra, o remorso... a condemnação dos homens, de minha alma e de Deus... a perda de Maria na terra, no céu, no inferno. Tu me perdêste... porém minha quèda ha de perseguir eternamente a tua no abysmo em que rolámos. *(Sae precipitadamente)*.

SILVERIO —Ah! o inferno se conspira contra mim... Estou perdido!...

LUIZ —*(Caminhando ao fundo)*.—Não desgraçado! E' o sangue de minha filha que cae sobre tua cabeça; é o sangue de todos os martyres que te clama—vingança! Vae... são todas as tuas victimas... é o cortejo de teus crimes que te acompanhará de sólo em sólo... como o ferrête de Caím!... Caminha, maldito... caminha sobre o sólo de tua patria!... a terra que tu pizares te morderá nos pés; o desprezo de teus complices e o odio de teus irmãos te morderão na alma... Caminha... quando tu tropeçares será nas caveiras de teus patricios; quando a chuva te açoitar o rosto será o sangue dos martyres. Caminha, maldito!...

SILVERIO —Ah! *(Sae horrorizado)*.

SCENA XII

GONZAGA, MARIA e LUIZ

GONZAGA.—Agora, Maria, adeos! Nós sonhámos com a gloria, com o amor, com a felicidade! Que importa?! Ha uma outra patria onde as flôres são sempre viçosas, onde o riso é eterno, onde o amor se transforma em astro. Lá ha longos extasis para duas alma que se amam; lá nós seremos noivos! Não chores, Maria, não chores... eu sou feliz!.. Oh! é uma coisa muito pura... um amor como o teu! uma memoria como a de um povo!... Ah! minha pobre patria! ah! minha pobre noiva! amanhã nós todos seremos livres! Ella terá sua corôa de liberdade... o futuro ha de atal-a na frente!... Tu terás a tua capella de noiva—Deus ha de collocal-a em tua testa. Eu terôi o meu diadema de gloria... o carrasco me sagrará martyr... Cala-te, Maria, quando se tem a eternidade do amor, de uma nação, dê uma mulher e de Deus... o homem caminha para o cadafalso como para um leito de nupcias... Não chores, Maria, adeus!...

MARIA.—Lembra-te de mim Gonzaga...

GONZAGA.—E agora um ultimo pedido .. falla de mim ás crianças d'esta pobre terra, lembra aos pobres captivos, que ficam, o nome de nossa patria, dize-lhes que eu morri por ella, e que elles vivam para ella.

MARIA.—Sim, sim! o mundo inteiro saberá teu nome; e quando os sertanejos embalarem seus filhos á sombra das florestas da America, cantarão os martyres de Minas; lembrarão o poeta e tribuno, o revolucionario e o libertador. E eu... eu... viverei para apertar tua lembrança no meu seio... como uma mãe aquece um filhinho moribundo.

SCENA XIII

O GOVERNADOR, o TENENTE-CORONEL, e muitos
CAVALHEIROS, GONZAGA, MARIA, e LUIZ

O GOVERNADOR.—Sr. Dr. Thomaz Antonio Gonzaga é tempo de partir .. Espera-o ali uma masmorra, alem Moçambique ou o cadafalso...

GONZAGA.—Não, espera-me aqui o amor de Maria, além a

gloria e o céu... Luiz, meu velho amigo, adeus!... venha o ultimo abraço, meu companheiro de infancia... meu companheiro de desgraça... adeus!...

LUIZ — Não, Senhor, a ordem deve ser para todos os prezos... Eu que o apanhei no berço, só o largarei no tumulto... Minha Senhora, elle terá um amigo junto ao seu leito de agonia, ou ao pé de seu cadafalso. Adeos... minha senhora... *(Passa)*.

GONZAGA. — Maria!

MARIA. — Gonzaga! *(Abraçam-se chorando)*.

O GOVERNADOR. — Oh! desespero! Elles são ainda mais felizes na sua desgraça do que eu na minha vingança! Eis o meu castigo!... Deus e elles se vingaram...

MARIA. — Meu noivo.. meu esposo, meu unico amor! lembra-te de mim nas tuas horas de agonia.

GONZAGA. — Adeus, Maria. Lembra-te de mim quando estiveres em Villa Rica. Lembra-te de mim quando te sentares na encosta do rio, quando escutares o sabiá cantando á tardinha nas palmeiras, quando vires minha casinha deserta e fechada... Quando caminhares por onde nós passeiavamos juntos... Lembra-te de mim... lembra-te de mim!...

MARIA. — Ah! eu suffóco! Ah! dá-me o ultimo abraço! dá-me o primeiro beijo...

GONZAGA. — Adeus! *(Destaca-se dos braços d'ella e vae precipitadamente para o F., d'onde volta pela ultima vez)*. Maria! até á terra ou até ao céu!... *(sae)*.

MARIA. — Adeus! Teu cadaver será da patria, teu coração meu, tua alma de Deus... parte para a agonia e para a gloria.

(Todos formam um quadro ao fundo. — A orchestra toca o hymno nacional em sordina. Maria olha Gonzaga e Luiz que atravessam ao fundo n'um barco... depois vem inspirada á boca da scena, onde recita a seguinte poesia):

Desgraça! Eis tudo o que resta
Da raça dos Prometheus!
Um mundo sem liberdade!
Um infinito sem Deus!
No dorso das cordilheiras
Batem rijas, agoureiras
As martelladas do alçoz:
E' o carrasco negro, immundo,
Pregando o esquife de um mundo
No seu sudario de heróes.

Eil-o sublime por terra,
 Qual no occaso é grande o sól,
 Fez dos Andes travesseiro,
 Do firmamento lençol!—
 Condôr soberbo da America,
 Morreu, mas na garra iberica
 Não sangra um grito de dôr,
 E o oceano—cão enorme,
 Pergunta se o Brazil dorme,
 Uivando aos pés do senhor.

Dormir! não! que esses tripudios
 São de um povo os funeraes,
 Mas ninguem véla-lhe em torno!
 Grandes da patria onde estaes?
 Ah! lá os vejo altanados,
 Fortes, soberbos, alçados,
 Se erguendo mesmo ao cahir.
 Bravo! bravo! heróes... olhai-os!
 Se tombam são como raios
 Que mergulham no porvir.

Cada qual na hora extrema
 Sobre a ossada da nação,
 E' como o busto de Hercules
 Do incendio ao rubro clarão...
 P'ra aqui um vulto se chéga,
 Na taça a cicuta grega,
 Na mão romano punhal,
 E's tu, Claudio o suicida,
 Trocando o andrajo da vida
 Pela purpura eternal.

Eil-o, o gigante da praça,
 O Christo da multidão,
 E' Tiradentes quem passa,
 Deixem passar o Titão.
 Subio... um raio o fulmina,
 Mas tombeu na guilhotina,
 N'esse throno do senhor,
 Foi como a aguia fulminada
 Pela garra pendurada,
 Como um trophéu do Thabor.

Longe... por plagas infindas,
Lá onde é de fogo o céu,
Surge do mar uma ilha,
Da ilha um homem se ergueo,
Ao surdo rugir das vagas
Batem-lhe d'alma nas fragas.
As ondas do seu pensar...
E o sol que tomba sangrento
E' o adeus, o pensamento,
Que elle nos manda do mar.

Profundo olhar no horisonte,
Ao vento exposta a cerviz,
E' Tasso, olhando Eleonora?
Dante, fictando Beatriz?
Lá no rochedo escalyado
Quem é o grande desterrado
Maior que Napoleão?...
Silencio.. uma voz sombria
Murmura : Brazil !... Maria !...
E' Gonzaga... Oh ! maldição !

FIM DO DRAMA.



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).